

UNIVERSIDADE DO SAGRADO CORAÇÃO

LETÍCIA PEÑA AZEVEDO

**UM ESTUDO SOBRE A ADAPTAÇÃO E A ROTINA
PROFISSIONAL DE CORRESPONDENTES
INTERNACIONAIS NA TV**

BAURU
2017

LETÍCIA PEÑA AZEVEDO

**UM ESTUDO SOBRE ADAPTAÇÃO E A ROTINA
PROFISSIONAL DE CORRESPONDENTES
INTERNACIONAIS NA TV**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas da Universidade do Sagrado Coração, como parte dos requisitos para a obtenção do título de bacharel em Jornalismo, sob orientação da Prof.^a M.^a Mayra Fernanda Ferreira.

BAURU
2017

A994e	<p>Azevedo, Letícia Peña</p> <p>Um estudo sobre adaptação e a rotina profissional de correspondentes internacionais na TV / Letícia Peña Azevedo. -- 2017. 86 f.: il.</p> <p>Orientadora: Profa. M.^a Mayra Fernanda Ferreira.</p> <p>Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Jornalismo) – Universidade do Sagrado Coração – Bauru – SP.</p> <p>1. Jornalismo. 2. Correspondente. 3. Televisão. 4. Adaptação. 5. Rotina. I. Ferreira, Mayra Fernanda. II. Título.</p>
-------	--

LETÍCIA PEÑA AZEVEDO

**UM ESTUDO SOBRE ADAPTAÇÃO E A ROTINA PROFISSIONAL
DE CORRESPONDENTES INTERNACIONAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas da Universidade do Sagrado Coração, como parte dos requisitos para a obtenção do título de bacharel em Jornalismo, sob orientação da Prof.^a M.^a Mayra Fernanda Ferreira.

Banca examinadora:

Prof.^a M.^a Mayra Fernanda Ferreira
Universidade do Sagrado Coração

Prof. M.e Vinicius Martins Carrasco de Oliveira
Universidade do Sagrado Coração

Giuliano Tamura Aranha
Repórter e Apresentador da TV TEM

Bauru, 14 de novembro de 2017.

Dedico este trabalho a toda minha família, que com muito amor, não mediu esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida. Esta vitória não é apenas minha, mas de todos vocês.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus por todas as oportunidades que me concedeu. Agradeço aos meus pais, Fernanda e Paulo, que sempre me ensinaram sobre o que temos de mais importante: o amor que existe entre nós. Vocês são os responsáveis por quem sou hoje, meu exemplo de vida.

Aos meus avós, Maria e Manuel, que sempre cuidaram de mim com tanto amor e dedicação. Ao meu avô, obrigada por todas as histórias que conta sobre suas viagens e por me inspirar a querer conhecer o mundo. À minha avó, obrigada por todas as broncas que me deu para que eu mantivesse meu foco em meus estudos, a senhora me ensinou a ser uma mulher forte e independente, assim como suas filhas. Sou grata as minhas tias Juliana, Luciana e Dolores, por toda preocupação e atenção que me deram em todos os momentos de minha vida, vocês sempre me protegeram e iluminaram meu caminho. Obrigada Luciana por me motivar a escolher o jornalismo como profissão. Espero um dia ser uma profissional tão talentosa quanto você. Agradeço principalmente por colocar a Manuela, minha amada prima, em nossas vidas, que preenche nossos corações com alegria e amor. Obrigada Juliana por sempre ter paciência comigo e insistir que eu estude cada vez mais, que, apesar de ter um oceano de distância entre nós, sempre se fez presente em todos os momentos de minha vida. Ao meu cachorro Toby, por ser meu companheiro em todos os instantes e que sempre esteve ao meu lado nas longas horas de estudos.

A todos os professores do curso de jornalismo que sempre nos passaram seus conhecimentos com muito amor e inspiraram seus alunos a cada aula realizada, guardarei todas as lições com muito carinho em minhas recordações. Agradeço especialmente à minha orientadora, Professora Mayra Ferreira, que sempre teve muita paciência comigo nesta jornada.

Agradeço todos meus amigos por sempre estarem ao meu lado, em especial à Valquíria Tavares, que tive a honra de conviver nestes quatro anos de faculdade, e me possibilitou muitos ensinamentos não apenas em questões profissionais, mas principalmente valores humanos. Obrigada por ter dado o privilégio de sua amizade.

Agradeço aos profissionais que se disponibilizaram para ajudar a concretizar esta pesquisa. E por fim à Universidade Sagrado Coração pela oportunidade de realizar o curso e ter me proporcionado conhecer pessoas tão especiais.

RESUMO

O jornalismo internacional é uma das ramificações da profissão que sempre despertou curiosidade no público. O ofício é antigo e foi através dele que informações em relação aos acontecimentos fora do país puderam chegar até os brasileiros. Com isso as pessoas começaram a entender como outras nações poderiam afetar diretamente sua vida. Com a tecnologia em seu auge, a globalização foi um fato eminente. Dessa forma, as informações tornaram-se mais fáceis de serem transmitidas, mas com isso surgiu um novo desafio para os correspondentes internacionais que são obrigados a cumprir diversas tarefas para manter sua credibilidade. Um dos principais desafios está na adaptação cultural e sua rotina profissional no país estrangeiro, em alguns momentos com equipe em outros sozinhos. É necessário adaptar-se, manter um *networking* confiável e ainda trabalhar com a instantaneidade devido às tecnologias que mudam continuamente o modo de produção jornalística. Diante desse contexto, este trabalho analisa como profissionais em distintos países formam sua rotina de trabalho e enfrentam as dificuldades na adaptação cultural no país. A pesquisa foi realizada através da entrevista em profundidade com correspondentes internacionais em atuação no meio televisivo a fim de analisar a rotina jornalística desses profissionais

O resultado foi alcançado ao entendermos que profissionais que atuam com correspondência internacional dentro de um veículo televisivo precisam estar preparados para ao atuar em um país estrangeiro levando em consideração todos os aspectos culturais que interferem na matéria jornalística. A pesquisa é de relevância tendo em vista o pouco estudo sobre o assunto que afeta diretamente a editoria internacional.

Palavras-chave: Jornalismo. Correspondente. Televisão. Adaptação. Rotina.

ABSTRACT

International journalism is one of the ramifications of the profession that has always aroused curiosity in the public. The subject is old and it was through it that information about events outside the country could reach the community of Brazilians. Apart from that, people began to understand how other nations could directly affect their lives. When technologies reach its peak, globalization was an eminent fact. Therefore, the information become easier to be transmitted, however, emerged a new challenge for these professional who are required to perform a lot of tasks to maintain their credibility. One of the main challenges is cultural adaptation and professional routine in the foreign country, at sometimes with staff in others alone. It is necessary to adapt, maintain a reliable network and still work with instantaneity due to technologies that continuously change the journalistic mode of production. The following project analyze how professionals in different in adapting the country's culture. The research is composed by interviews of international correspondents acting in the television. The routine of these professionals is understood, as the adaptation interfaces in the journalistic matters and the necessary profile for this type of journalist.

The result was reached when we understood that professionals who work with international correspondence within a television vehicle need to be prepared to work in a foreign country taking into account all the cultural aspects that interfere in the journalistic field. The research is of relevance in view of the little study on the subject that directly affects the international publishing.

Keywords: Journalism. Corresponding. TV. Adaptation. Routine.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	18
1.1	PROBLEMA.....	19
1.2	HIPÓTESES	20
1.3	JUSTIFICATIVA	20
1.4	OBJETIVOS.....	21
1.5	REFERENCIAL TEÓRICO.....	21
2	COMUNICAÇÃO E CULTURA EM UM MUNDO GLOBAL	23
3	PROCESSOS DO JORNALISMO	29
3.1	A ROTINA DENTRO DA TV.....	39
3.2	JORNALISMO INTERNACIONAL	50
3.2.1	Breve histórico do jornalismo	51
3.2.2	Características do jornalismo internacional	56
3.2.3	Papel do correspondente.....	62
4	ENTREVISTAS COM OS CORRESPONDENTES	69
4.1	ENTREVISTA COM ARIEL PALÁCIOS	70
4.2	ENTREVISTA COM FELIPE BRISOLLA	75
4.3	ENTREVISTA COM FERNANDO KALLÁS	81
4.4	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	86
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
	REFERÊNCIAS	93
	APÊNDICE A – Termo de consentimento livre e esclarecido.....	95
	APÊNDICE B – Roteiro de perguntas	97
	APÊNDICE C – Transcrição das entrevistas.....	98
	ANEXO A – Parecer Consubstanciado do CEP	112

1 INTRODUÇÃO

O principal papel do jornalismo está em tratar os fatos decorridos com clareza e objetividade, contendo nesta informação a veracidade do assunto. Em nosso país contamos com diversos jornalistas para cobrir diferentes temas, entre eles: política, cultura, polícia, eventos, esportes, entre outros. Para tanto, os veículos de comunicações possuem uma equipe muitas vezes grande, o que em âmbito internacional nem sempre é possível. O correspondente internacional muitas vezes é em si a equipe jornalística. Este está incumbido de realizar as pautas pertinentes, apurar e enviar para o veículo ao qual pertence. (SILVA, 2011).

“O jornalismo surgiu como atividade que fizesse circular informações de interesse local ou paroquial, já que o campo de interesse do comum [...] sofria os efeitos de uma infra-estrutura precária de comunicações.” (NATALI, 2011, p. 23).

A economia que começou a interligar os países levou a necessidade das pessoas entenderem o que acontecia em seu redor, e com isso era preciso de informações precisas sobre os acontecimentos. Nos dias atuais a globalização se acentuou, principalmente pelo fato das inovações tecnológicas. Esse novo aspecto virtual que surgiu facilitou que a comunicação no mundo se interligasse. (SILVA, 2011).

Segundo Silva (2011) a importância do correspondente nunca foi tão forte como hoje, apesar dos grandes cortes nas equipes. Os relatos dos jornalistas que estão em outros países ajudam a formar a consciência do mundo nas pessoas que não têm a possibilidade de conhecer outras nações, mas mesmo assim são afetadas pelos efeitos da globalização. Tendo essa visão devemos refletir sobre a importância de ter um jornalista competente para atuar em tal setor.

Matérias mal apuradas tendem segundo Silva (2011) deixar os leitores sem a visão intrínseca de mundo, deixando totalmente de lado o real objetivo do jornalismo: tratar com objetividade, veracidade e clareza. Para se evitar este mau jornalismo, é preciso que o profissional esteja atento tanto na sociedade na qual

realiza a cobertura, como também não deixar de lado a visão de seu país de origem, o qual irá receber estas notícias.

Devemos entender qual a forma que correspondentes internacionais brasileiros utilizam para buscar fontes de prestígio, indispensáveis nas notícias internacionais para manter a credibilidade desta editoria. Para Ianni (2013) a cultura está impregnada de padrões e valores provenientes de condição de grupos, classes, etnias, minorias, sociedades.

Devido a esta carga de preceitos que formam o grupo social em diferentes países, a adaptação do profissional em meio a esses conceitos é o que irá definir a qualidade da matéria jornalística produzida. Para noticiar o fato, de modo que os leitores do país-sede entendam como ocorre a notícia a ser veiculada, é necessário que haja uma rotina profissional bem articulada para que não sejam transpassados dados errôneos podendo comprometer a credibilidade do veículo. É necessário entender o contexto cultural e como isso interfere na notícia a ser transmitida. (SILVA, 2011, p.41).

Compreendemos que questões culturais, línguas, conhecimento de mundo (tanto nacional quanto estrangeiro), tempo de residência, investimento do veículo de comunicação são ícones que devem ser levados em total consideração ao estudar a importância da editoria internacional e como ela é produzida. No presente trabalho será estudado como o jornalista brasileiro tem sua adaptação no país estrangeiro em relação a problemas de adaptação cultural e rotina profissional. Para tanto nos basearemos em depoimentos de profissionais que estejam atuando na área de jornalismo de TV.

1.1 PROBLEMA

Logo que o jornalista chega ao país que irá realizar coberturas, este deve se adaptar à língua, costumes nativos (que fazem a diferença na interpretação de fatos) e ainda realizar o trabalho de toda uma equipe para produzir o conteúdo. (VIEIRA, 2015).

Entendemos que a problemática na rotina profissional e a grande demanda de informações que chegam para um profissional, muitas vezes que trabalha sozinho, pede uma reflexão sobre qual seria o perfil do atual correspondente internacional e sua maneira de organização.

Mesmo em um mundo globalizado as questões culturais fazem diferença no momento da adaptação de qualquer pessoa. Ainda de acordo com Silva (2011), outros fatores como o fuso horário, idioma, costumes locais são um ponto a ser considerado no momento da adaptação, como isso pode, então, afetar o conteúdo da matéria? Como que a rotina pode interferir? Como a adaptação cultural afeta na rotina profissional? Qual o perfil profissional para se atuar em campo internacional? Como a cultura e comunicação estão interligadas?

1.2 HIPÓTESES

A falta de tempo e a equipe reduzida, ou muitas vezes apenas o próprio profissional atrapalham o jornalista a produzir conteúdo relevante com aprofundamento. Desse modo, temos como hipótese de que a adaptação desse profissional é que irá definir sua correta interpretação dos fatos e encontrar fontes seguras para seu produto jornalístico. Tendo isso em vista começamos uma argumentação de como a teoria *Gatekeeper* e *Newsmaking* estão presentes na vida de um correspondente internacional e como ela se aplica em sua rotina e perfil profissional.

1.3 JUSTIFICATIVA

A editoria internacional foi há tempos uma das áreas do jornalismo com mais investimento. Conflitos em países, Segunda Guerra Mundial e as ditaduras fizeram com que veículos de comunicação investissem cada vez mais em correspondentes internacionais. (NATALI, 2011).

Com o avanço da globalização, a importância de se saber notícias de fora do país se torna cada vez mais precisa. A globalização afeta diretamente a vida de toda a população (indústria, comércio, política, etc.), isso torna ainda mais relevante o papel do correspondente, que tem como missão interpretar fatos e relatar para o país sede. (SILVA, 2011)

Para que as matérias jornalísticas tenham credibilidade é necessário que as fontes transmitam as informações mais coerentes possíveis. (LAGE, 2012)

Utilizar informações sem profundidade interfere na comunicação globalizada. A justificativa para a presente pesquisa está em encontrar os problemas que

interferem no cotidiano deste profissional, que vai desde a adaptação deste jornalista à procura de fontes de confiança para suas matérias.

1.4 OBJETIVOS

O trabalho procura entender quais estratégias esses profissionais buscam para se adaptar na realidade do país sem perder o foco em sua rotina jornalística e sua audiência no país sede. Assim, poderemos explorar suas relações com as fontes, com colegas de trabalho e se há influência do país que o abriga no seu campo de visão sobre os fatos e analisar como correspondentes internacionais montam sua rotina profissional que difere de país para país. Como objetivos específicos temos:

- a) encontrar características necessárias para atuar em campo internacional;
- b) identificar perfis e identidades que realizaram coberturas importantes;
- c) reunir experiências profissionais em jornalismo internacional;
- d) identificar problemas comuns entre profissionais no exterior;

1.5 REFERENCIAL TEÓRICO

Para iniciar o estudo sobre correspondentes internacionais, é preciso contextualizar como surgiu esta vertente do jornalismo. Para tanto, é necessário citar autores que explicam o que é a profissão para podermos situar qual o desempenho que o profissional emprega em determinada área. Tais autores como Nilson Lage (2001) e Mario Erbolato (1981) dão a explicação para basearmos a importância do estudo sobre correspondentes.

O livro “Correspondente Internacional” de Carlos Eduardo Lins da Silva (2011) e “Jornalismo Internacional” de João Batista Natali (2011) são utilizados como base durante o trabalho, pois oferecem a visão específica sobre o profissional que atua nesta área. Assim podemos observar em sua composição, os problemas centrais aos qual a área da editoria internacional está ligada. Tais livros

possibilitam uma contribuição aos questionamentos pertinentes a este trabalho. Para entendermos as questões culturais que impactam na produção jornalística, a presente pesquisa utiliza as obras de Dominique Wolton (2004; 2006), Stuart Hall (2003), Carina Benedeti (2009), Octávio Ianni (2013) e Nestor Garcia Canclini (2003).

Artigos científicos realizados neste âmbito também compõem a pesquisa. Maria Clara Nicolau Vieira (2015; 2016) demonstra em seu trabalho os novos desafios que se emprega ao correspondente devido às novas tecnologias e como isto pode interferir na credibilidade de seu trabalho.

Os capítulos que compõem o desenvolvimento da pesquisa estão ilustrados abaixo.

- a) Capítulo 1 – Introdução: Traz a contextualização da profissão com a apresentação do tema da pesquisa, objetivos, problemáticas, hipóteses e justificativa;
- b) Capítulo 2 – Comunicação e cultura em um mundo global: Neste capítulo é elencada a questão cultural nos países dentro da comunicação;
- c) Capítulo 3 – Processos do jornalismo: Nesta parte do trabalho os processos de teorias do jornalismo são citados. Passando desde *noticiabilidade*, *Gatekeeper*, Teoria da Organização e *Newsmaking*. Logo após é destacada a rotina dentro do veículo de comunicação e como essas teorias se aplicam; além disso, é apresentado o que é o jornalismo internacional, trazendo características da área da editoria internacional e sua evolução a partir da tecnologia e como afetaram os meios de produção;
- d) Capítulo 4 – Metodologia: A metodologia aplicada mostra as entrevistas realizadas com profissionais da área, cruzando as informações com a pesquisa;
- e) Capítulo 5 – Considerações finais: O último capítulo do projeto traz os resultados obtidos. Através da conclusão do projeto é possível verificar se o objetivo foi alcançado.

2 COMUNICAÇÃO E CULTURA EM UM MUNDO GLOBAL

No dia a dia podemos perceber os impactos que a globalização exerce sobre a sociedade. Podemos notar como as relações internacionais entre os países estão interligadas. Esse fenômeno está presente na economia, em questões culturais, na inovação tecnológica (o que tornou mais efetivo este efeito global), a comunicação, a política e principalmente o modo de relacionamento entre as pessoas.

Há uma polêmica entre os cientistas sociais sobre quando teria se iniciado o fenômeno da globalização, alguns dizem que foi no século XVI com a intensificação das grandes navegações europeias; outros a datam no século XIX, com o processo da Revolução Industrial, e há os que entendem que a globalização surge a partir da década de 70 do século XX, quando da emergência do que chamamos mundo técnico-científico-informal. (SOARES, 2007, p.20).

Não existe exatamente uma data por onde se deu início à globalização. A necessidade do homem de realizar comércio sempre existiu. O processo de globalização não é algo recente ou contemporâneo e que só pertence à modernidade na qual vivemos atualmente. Esse desenvolvimento é antigo, o qual se torna mais efetivo diante das inovações tecnológicas que a humanidade passou ao longo dos anos como as grandes navegações e a revolução industrial.

Para Wolton (2006) estamos vivenciando hoje a terceira globalização. É neste contexto de tecnologias e mundo conectado que surge a interconexão entre cultura e comunicação. “A terceira globalização, como vimos, põe no centro das questões aqui em jogo a cultura e a comunicação. As duas primeiras globalizações, política e econômica, realizaram a abertura” (WOLTON, 2006, p.128).

Se de um lado os avanços da globalização nos trazem benefícios, por outra perspectiva, mais aprofundada sobre os efeitos, podemos encontrar alguns malefícios de sua ação.

Em outros termos a globalização da comunicação não simplifica nada e complica tudo. Os homens quiseram suprir as distâncias, multiplicar as trocas, aproximar-se. Mas porque o fim das distâncias físicas depende da extensão das distâncias culturais, nós medimos hoje a dificuldade de que deveria ser a, a priori, uma vantagem para todos e que se revela muito

mais complicado. Suportarmos-nos, descobrindo-nos tão diferentes, justamente à força de aproximarmos. (WOLTON, 2006, p. 128).

Segundo Lastres e Albagli (1999), a ideia central está inserida na suposição de que a globalização tornaria o mundo um lugar sem barreiras, no qual todos poderiam crescer e prosperar, politicamente e economicamente. Os negócios financeiros seriam mais fáceis, tendo em vista que empresas não teria um laço com o país sede.

Na percepção dominante, estaríamos caminhando para um mundo sem fronteiras com mercados (de capitais, informações, tecnologias, bens, serviços etc.) tornando-se efetivamente globalizados e para um sistema econômico mundial dominado por “forças de mercado incontroláveis”, sendo seus principais atores as grandes corporações transnacionais sócia - CHAVES PARA O TERCEIRO MILÊNIO NA ERA DO CONHECIMENTO - sem raízes e sem lealdade com qualquer Estado-Nação. (LASTRES;ALBAGLI,1999, p.11).

Conforme Wolton (2004) pontua, apesar das facilidades que encontramos atualmente de conhecer outras nações, realizar negócios, parcerias, intercâmbios, a cultura ainda é uma barreira que dificulta nossas relações. Devemos analisar que cada estado-nação possui sua política, seus costumes, suas regras que em muitas vezes divergem das nossas, principalmente quando se trata dos costumes no Oriente e no Ocidente. Nesta terceira globalização devemos entender que quanto mais trocas de informações houver, mais necessária se torna a preservação da identidade cultural.

Lembrar o papel essencial dos conhecimentos remete então à importância da diversidade cultural. Eis o estatuto contraditório e interessante da diversidade cultural. Eis o estatuto contraditório e interessante da informação: simultaneamente abertura e necessidade de raízes para interpretar as informações. Assim como também não pode haver globalização sem levarmos em consideração as línguas, que são o primeiro elemento da diversidade cultural. (WOLTON, 2006, p. 137).

As divergências culturais se tornaram mais evidentes. Antes cada país possuía a sua própria religião, própria linguagem comunicacional, política, entre outros aspectos pertinentes à região sem sofrer influências estrangeiras tão exacerbadamente como no momento atual. Um exemplo fácil de ser lembrado é a influência que os Estados Unidos estabelecem ao redor do mundo, principalmente em se tratando em países que não se assemelham à mesma política capitalista em

que a América está consolidada. Em um mundo globalizado, no qual todos estão visíveis e os seus erros estão explícitos para o resto do mundo, conflitos e desentendimentos são cada vez mais constantes e comuns. (WOLTON, 2006).

Através do estudo de McLuhan (1969) podemos compreender que tais circunstâncias que ocorrem no mundo globalizado são devido ao efeito de aldeia global, que tende a estreitar as relações políticas, econômicas e culturais entre as nações.

Para McLuhan (1969), a globalização está diretamente relacionada com a aldeia global, que é ocasionada pelo desenvolvimento dos meios de comunicação e transporte que possibilitam uma maior troca de informação entre as pessoas. Sendo assim, graças à tecnologia, as relações humanas se tornaram grandes teias de dependência mútuas entre as diversas regiões do globo, não tendo mais a distância como um impedimento para tal. A partir da tecnologia as pessoas podem agora se intercomunicar, assim como funciona em uma aldeia, tornando agora um espaço cada vez menor.

O fim das distâncias físicas revela a incrível extensão das distâncias culturais. Esta é a ruptura que deve ser pensada. Nunca foi tão fácil enviar mensagens de um lado ao outro mundo do mundo, mas simultaneamente, a recepção está cada dia mais problemática, devido à visibilidade crescente das diferenças culturais, políticas, sociais e religiosas. As técnicas são homogêneas, mas o mundo é heterogêneo. [...] Se a informação é mundial, os receptores, por sua vez, jamais os são. Os ocidentais, mestres das ferramentas e dos conteúdos, descobrem que outros não pensam como eles e que o dizem cada vez mais alto e forte. (WOLTON, 2006, p.19).

A terceira globalização pode então causar um aceleração em conflitos de ideias. (WOLTON, 2006). A segurança de pertencer a uma nação é desestabilizada à medida que entendemos que fazemos parte não apenas de um sistema, mas sim de um composto mundial no qual as ações realizadas do outro lado do espaço geográfico pode nos afetar culturalmente e economicamente.

Ao mesmo tempo que concebida como expansão dos mercados e, portanto, da potencialidade econômica das sociedades, a globalização reduz a capacidade de ação dos Estados nacionais, dos partidos, do sindicato e dos autores políticos clássicos em geral. Produz maior intercâmbio transnacional e deixa cambaleante a segurança que dava ao fato de pertencer a uma nação. (GARCIACANCLINI, 2003, p. 19).

Tentamos cada vez mais definir nossa identidade cultural ao mesmo tempo em que amplia a nossa curiosidade sobre o próximo. Para Garcia Canclini (2003) a globalização significa aumentar o intercâmbio com outras culturas, mas serve principalmente para renovar a compreensão sobre outras maneiras de viver. A necessidade de ampliar as trocas econômicas gera conseqüentemente a hibridização diante da cultura das nações. (GARCIA CANCLINI, 2003)

Ainda sobre a concepção de Garcia Canclini (2003), o processo de *transnacionalização* afeta diretamente as culturas locais trazendo a hibridização, ou seja, este processo leva à *intercultural* entre os povos.

Não obstante, nesse segundo movimento, as interconexões ainda trazem a marca das nações originárias. Os filmes de hollywood transmitiram ao mundo a visão americana das guerras e da vida cotidiana, as telenovelas mexicanas e brasileiras emocionaram italianos, chineses e muitos outros com a maneira como as nações produtoras concebiam a coesão e as rupturas familiares. (GARCIA CANCLINI, 2003, p.42).

A comunicação e cultura estão interligadas. Os meios afetam o cotidiano das pessoas, seu modo de pensar e agir, mas também devemos lembrar que o efeito que este irá causar deve estar relacionado à questão cultural que existe em cada indivíduo e seu grau educacional. Para Barbeiro (2002) devemos nos atentar à mediação existente entre a pessoa que utiliza algum meio de comunicação e o que está sendo comentado neste veículo. Ou seja, antes de estudar apenas o estímulo que o meio fornece, devemos entender que existe toda uma cultura neste espaço, como crenças, costumes, sonhos, relações pessoais, medos, entre outros aspectos que compreendem a rotina pessoal de cada indivíduo.

[...] os meios influem, mas conforme o que as pessoas esperam dele, conforme o que elas pedem aos meios [...] uma coisa é o intelectual que não tem televisão, senão num móvel guardada, e a liga para assistir a um programa de ópera ou uma hora de teatro de Skakespeare da BBC de Londres e depois a guarda. Outra coisa é a dona de casa que liga a televisão desde que levanta até a hora em que deita, e a televisão é ao mesmo tempo televisão e rádio, porque muita coisa está escutando e não vendo. (BARBEIRO, 2002, p.154).

No Brasil, a televisão é ainda um dos veículos de comunicação que atinge grande parcela do público, tendo em vista que a internet ainda não chega a todas as esferas. Esse meio possibilita também a transmissão de informações de forma mais rápida logo que poucas pessoas possuem o hábito rotineiramente de leitura.

Segundo a Pesquisa Brasileira de Mídia, desenvolvida pela Secretaria de Comunicação Social (Secom) divulgado em 2016 pela plataforma Governo do Brasil, a televisão continua a ser o meio de comunicação mais utilizada pelos brasileiros. De acordo com o levantamento, 89% dos brasileiros assistem à TV regularmente, 49% utilizam a web, 30% fazem uso do rádio, 12% se informam pelos jornais e 1% através de revistas.

[...] a TV é ao mesmo tempo um meio técnico de produção e transmissão de informação e uma instituição social produtora de significados, definida historicamente como tal e condicionada política, econômica e culturalmente. Essa dualidade da TV confere à mesma um caráter especial e a distingue de outras instituições sociais, ao mesmo tempo em que lhe dá certos recursos para aumentar seu poder legitimador em relação ao telespectador. A diferença de enfoques empiristas em que o que importa é a TV como meio, no enfoque integral da recepção a dimensão dupla da TV se assume como um todo inseparável na interação com o público telespectador. (OROZCO GOMÉZ, 2005, p. 29).

Ainda segundo Orozco Gómez (2005), a linguagem televisiva é denotativa e mexe com o emocional das pessoas, o que colabora para este meio ter um suposto alto grau de veracidade.

A TV, portanto, não tem somente a capacidade técnica de representar o acontecer social, mas também de fazê-lo verossímil, verdadeiro para os telespectadores. E é precisamente essa combinação de possibilidades técnicas do meio televisivo que permite naturalizar seu discurso "ante os próprios olhos" do público telespectador. Outros meios de informação e outras instituições sociais para alcançar a naturalização dos seus discursos têm de recorrer a outros tipos de referentes. À TV basta colocar seu telespectador em frente à tela, para colocá-lo (aparentemente) frente à realidade. (OROZCO GOMÉZ, 2005, p. 29).

No processo de recepção, de acordo com Orozco Gómez (2005), o telespectador não assume um papel de receptor passivo. De acordo com as questões culturais nas quais o indivíduo está cercado, será determinante em que tipo de programação será escolhido. Logo, o grau de escolaridade, a questão cultural nacional, a convivência social são o principal ponto de mediação para entender como se dá à relação de audiência com o veículo.

No processo de recepção, o telespectador não assume necessariamente um papel de receptor passivo. A atividade do telespectador se leva a cabo de maneiras distintas. Mentalmente, os telespectadores frente à televisão se vêm partícipes de uma seqüência interativa que implica diversos graus de envolvimento e processamento do conteúdo televisivo. Essa seqüência

começa com a atenção, passa pela compreensão, seleção, valoração do que foi percebido, seu armazenamento e integração com informações anteriores, e finalmente se realiza uma apropriação e produção de sentido. (OROZCO GOMÉZ, 2005, p. 31).

Portanto, “[...] o público telespectador apesar de ser ativo, não está isento de mediação que partem a partir de suas próprias capacidades, história e condicionamentos genéticos e culturais específicos”. (OROZCO GOMÉZ, 2005, p. 32). Tal percepção em relação ao público também perpassa a atividade jornalística.

3 PROCESSOS DO JORNALISMO

Em um veículo de comunicação podemos perceber o leque no qual o jornalismo está inserido: na sociedade, na economia, na ciência, na educação, na cultura, na arte e assim por diante. Em todas essas esferas as pessoas necessitam de informação, de interação, de conhecimento, papel da atividade jornalística. (TRAQUINA, 2005).

O jornalismo é responsável pela democracia, por trazer conhecimento e reflexões aos cidadãos de determinado país. Tal como explica Traquina (2005), o jornalismo é uma atividade intelectual que exige uma compreensão crítica.

O jornalismo pode ser explicado pela frase de que é a resposta à pergunta que muita gente se faz todos os dias – o que é que aconteceu/ está acontecendo no mundo? no Timor?, no meu país?, na minha “terra”? – o que aconteceu no julgamento de um ex-presidente de um clube desportivo desde ontem – quem ganhou o jogo? Ao longo do século, as pessoas (muitas delas, pelo menos) têm desejado ser informadas sobre o que as rodeia, usando o jornalismo (ou uma forma pré-moderna de jornalismo) para se manterem em dia com os últimos acontecimentos, para os combinarem com um conhecimento dos tópicos que lhes permita participar de conversas pessoais e de grupo, talvez para sentirem resseguradas de que através dos vários produtos do jornalismo não estão a perder algo[...] (TRAQUINA, 2005 p. 20).

O papel do jornalismo, perante a sociedade, está em protegê-la de abusos governamentais mediando o diálogo entre cidadão e governo.

A teoria democrática aponta claramente para os meios de comunicação o papel de “mercado de idéias” numa democracia, em que as diversas opiniões da sociedade podem ser ouvidas discutidas. [...] o jornalismo deve ser um veículo de informação para equipar os cidadãos com as ferramentas vitais ao exercício dos seus direitos e voz na expressão das suas preocupações. [...] a imprensa atuaria como um elo indispensável entre a opinião pública e as instituições governamentais. (TRAQUINA, 2005, p. 129).

Saber o que é notícia ou não é a missão básica de qualquer jornalista. Afinal a informação é a matéria prima, a essência do jornalismo.

Na história do jornalismo, as notícias que existiam há 2000 anos, durante o império romano, eram apenas cartas recebidas que continham em sua grande maioria notícias sobre casamentos, divórcios e adultérios. Durante a idade média uma folha-volante foi uma forma pré-industrial do jornal moderno. Já no ano de 1616, os livros noticiosos publicados na Inglaterra tinham suas “notícias” dedicadas

às pessoas importantes. Com o tempo houve a necessidade de atrair mais leitores. “Era importante assegurar que o espaço usasse matérias que interessasse às pessoas. Com a maior diversidade nos assuntos abordados, para além das notícias sobre a política e o estrangeiro.” (TRAQUINA, 2005).

A notícia segundo Lage (2012) é uma definição que dê conta da aparência ou aspecto de uma informação jornalística contemporânea, abrindo o caminho para um enfoque mais rigoroso de seu conteúdo.

[...] os fatos que são ou não notícias variam de um dia para o outro, de país para país, de cidade a cidade e, sem dúvida, de jornal para jornal. Os autores marxistas destacam em geral o tratamento dado à notícia como objeto de consumo e relacionam sua crescente centralização às tendências da sociedade. (LAGE, 2012, p.49).

Para entender porque as notícias são como são devemos recorrer aos critérios de *noticiabilidade*, ou valores notícias.

A previsibilidade do esquema geral das notícias deve-se à existência de valores notícias que os membros da tribo jornalística partilham. Podemos definir o conceito de *noticiabilidade* como o conjunto de critérios e operações que fornecem a aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é, possuir valor como notícia. Assim, os critérios de *noticiabilidade* são o conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento, ou assunto, é susceptível de se tornar notícia, isto é, de ser julgado como merecedor de ser transformado em matéria noticiável e, por isso, possuindo “valor-notícia”. (TRAQUINA, 2005, p. 63).

O modo de interpretar a notícia tem mudado através da história de acordo com necessidade de cada tempo e simultaneamente com as transformações culturais. Para Traquina (2008), a atenção do público sempre está voltada para o que é extraordinário, o insólito, o atual, a figura proeminente, o ilegal, as guerras, a calamidade e a morte. Estes princípios são duradouros, atravessam o tempo e assim as notícias de cada época foram e são criadas. (TRAQUINA, 2005).

Mas os valores-notícia não são imutáveis, com mudanças de uma época histórica para outra, com sensibilidades diversas de uma localidade para outra, tendo em conta as políticas editoriais. As definições do que é notícia estão inseridas historicamente e a definição da *noticiabilidade* de um acontecimento ou de um assunto implica um esboço da compreensão contemporânea do significado dos acontecimentos como regras do comportamento humano e institucional. (TRAQUINA, 2005, p. 95).

O novo, o atual e o extraordinário sempre garantiram a atenção do público, mas é claro que cada localidade irá responder de determinada forma. Talvez o que seja notícia para determinada cidade não seja para outra e vice e versa. Para tanto existem alguns aspectos que tornam as notícias válidas e importantes. Lage (2012) destaca alguns itens que devem ser considerados na hora de definição da notícia como: a proximidade, a atualidade, a identificação, a intensidade, o ineditismo, a oportunidade.

Na realidade das empresas de comunicação, esses fatores influem segundo a ordem de interesses de classe ou grupo dominante; secundariamente, operam ainda gostos individuais de pessoas que dispõem momentaneamente de algum poder, ou estratégias fundadas em avaliações prévias quanto a efeitos, consequências ou desdobramentos de um fato noticiado. (LAGE, 2012, p. 87).

Dentro da literatura acadêmica sobre jornalismo, a função de repórter daria o início à primeira teoria aos estudos de comunicação. David Manning White foi o responsável pelos avanços da teoria de *Gatekeeper*, em 1950. O acadêmico foi o primeiro a aplicar o conceito ao jornalismo resultando em uma maior diversidade nos estudos sobre a notícia. (TRAQUINA, 2005).

Nesta teoria, o processo de produção da informação é concebido como uma série de escolhas, onde o fluxo de notícias tem de passar por diversos Gates, isto é, "portões" que não são mais do que áreas de decisão em relação às quais o jornalista, isto é o *gatekeeper*, tem de decidir se vai escolher essa notícia ou não. Se a decisão for positiva, a notícia acaba por passar pelo "portão"; se não for, sua progressão é impedida, o que na prática significa sua morte por que significa que a notícia não será publicada, pelo menos nesse órgão de informação. (TRAQUINA, 2005, p.150).

Neste estudo observamos o jornalista como sendo a base de um veículo de comunicação, toda a produção, que será feita baseada em um fato ocorrente, dependerá da visão jornalística do profissional para determinada notícia, o que resultará mais tarde em aprofundamento ou não. Devemos nos atentar que esta teoria possui uma abordagem micro-sociológica ao nível do indivíduo sem levar em consideração os fatores externos. White denomina a função do jornalista como subjetiva e arbitrária tendo em vista que a seleção do jornalista se codifica em uma escolha dependendo do juízo de valor baseados no conjunto de experiência, expectativas e atitudes do *Gatekeeper*. Sendo assim, entendendo o processo do

Gatekeeper, podemos nos aprofundar levando em consideração os efeitos externos que atingem a escolha da notícia e a forma de produção desta. Devemos levar em consideração os critérios do local de trabalho onde está inserido e o meio em que vive como fatores externos. (TRAQUINA, 2005).

[...] o jornalista selecionará alguns dos acontecimentos aos quais ele tem acesso, para criar a notícia. Nessa seleção intervêm muitos critérios cuja importância pode ir variando segundo as circunstâncias do dia-a-dia. Mas, de qualquer jeito, o jornalista vai se perguntar se um fato merece ser notícia. Em alguns casos, a magnitude do acontecimento faz com que a pergunta, se é que chega a ser cogitada, seja absolutamente desnecessária; mas em outros casos, o jornalista vai questionar quais elementos do acontecimento podem se tornar notícia. (ALSINA, 2009, p. 295).

A teoria do *Gatekeeper* deduz que o jornalista trabalha como um porteiro das notícias, este determinando quais deveriam ser noticiadas, funcionando assim como um filtro diante dos acontecimentos de determinado local em que se está inserido o veículo de comunicação. Em resumo os *Gatekeeper* (jornalistas) trabalham como uma forma de controle de informação, tornando público o que é de relevância à sua audiência. Na visão teórica do *Gatekeeper* os profissionais de comunicação são responsáveis por barrar ou avançar pautas, ou seja, estes deverão determinar as pautas que serão ser apuradas. Para Pereira (2012) a notícia será determinada diante do local e da cultura na qual o profissional está inserido.

De fato a ação predominante do *Gatekeeper* se consolida para os editores-chefe, aqueles com poder para escolher que história a ser noticiada será relevante. A ação do jornalista, o primeiro a selecionar as notícias que chegam até o veículo, terá uma atividade pequena diante da escolha.

É claro que outro fator determinante para as notícias está relacionado com o tempo e o espaço dentro do veículo de informação. Partindo deste ponto, entramos na teoria organizacional. Este estudo foi proposto por Warren Breed com intenção de complementar a teoria de *Gatekeeper*, tendo em vista que esta teoria não contempla todos os campos de um trabalho jornalístico, já que este deve passar por diversos setores estando relacionados com a cultura, com a região e o local de trabalho. Segundo Traquina (2005), o jornalista além de empregar os critérios de *noticiabilidade* (ineditismo, improbabilidade, interesse, apelo, apatia, proximidade) deve-se atentar aos parâmetros da organização ao qual o profissional pertence. “O

jornalista se conforma mais com as normas editoriais da política editorial da organização do que com quaisquer crenças pessoais que ele ou ela tivesse trazido consigo.” (TRAQUINA, 2005).

Traquina (2005) ainda traz para o estudo seis fatores que fazem com que o jornalista siga os padrões editoriais da empresa, os quais implicam: a autoridade institucional e suas sanções, o qual a chefia tem o poder de decisão sobre qual jornalista estará encarregado de fazer determinada cobertura, mas nem todos os acontecimentos são encarados da mesma forma, havendo tarefas consideradas agradáveis e desagradáveis dentro da redação. Os sentimentos de obrigação e de estima para com os superiores sendo que o jornalista pode ter sentimentos de obrigação para com a recompensa. Aspirações de mobilidade observando que os jornalistas mostram desejo de alcançar uma posição de relevo. Ausência de grupos de lealdade em conflitos.

Traquina (2005) acredita que o local de trabalho é relativamente pacífico, e as organizações sindicais não têm interferido em assuntos internos. O prazer da atividade que estimula o profissional a realizar tarefas, já que são julgadas como interessantes diante de um ambiente de cooperação dentro da redação. E por último as notícias como valor que são como um desafio constante para o profissional, que torna como objetivo a busca cada vez maior por notícias, sem contestar a política editorial da empresa. (TRAQUINA, 2005).

Traquina (2005) afirma que no campo jornalístico existem regras específicas para a formação de quem produz os acontecimentos. O jornalista por si próprio, apesar de selecionar as notícias, não possui autonomia para definir o que será noticiado dentro do veículo. Este está inserido de acordo com as regras na organização. Ainda segundo Traquina (2005) o profissional deve seguir a política determinante na empresa, o que muda de veículo para veículo. (TRAQUINA, 2005).

Assim, a atividade do jornalista anda em conjunto com a teoria da organização. O profissional não atua sozinho, existem várias vertentes que influenciam no seu meio de produção de notícias. Traquina (2005) explana que a autonomia do jornalista é consentida mediante a conformidade com os requisitos da empresa jornalística.

A fonte de recompensas do jornalista não se localiza entre os leitores, que são manifestamente os seus clientes, mas entre os seus colegas e superiores. Em vez de aderir a ideais sociais e profissionais, o jornalista redefine os seus valores até ao nível mais pragmático do grupo redatorial. (TRAQUINA, 2005, p.157).

Segundo Traquina (2005) as notícias, de acordo com a teoria organizacional, são resultado de processos de interação social dentro da empresa jornalística. O jornalista então deve atuar em conformidade aos parâmetros organizacionais.

O jornalista sabe que seu trabalho vai passar por uma cadeia organizacional em que os seus superiores hierárquicos e os seus assistentes têm certos poderes e meio de controle. O jornalista tem que se antecipar às expectativas dos seus superiores para evitar os retoques dos seus textos (trabalho suplementar para a organização) e as reprimendas – dois meios que fazem parte do sistema de controle, e que podem ter efeitos sobre a manutenção ou não do seu lugar, a escolha das suas tarefas, e a sua promoção – quer dizer, nada menos do que a sua carreira profissional. (TRAQUINA, 2005, p. 158).

Conforme reitera Traquina (2005), jornalismo também é negócio. Qualquer empresa de comunicação deve se atentar à economia, que é o que rege qualquer espécie de empresa. Para o meio jornalístico não é diferente. As organizações devem dispor de uma estrutura para que haja produção, contudo cada veículo de comunicação deve se atentar às estruturas necessárias para cada área de atuação. Toda empresa jornalística passa por desafios econômicos que podem balançar toda a estrutura do jornal. (TRAQUINA, 2005)

Como Traquina (2005) alega, o jornalismo possui custos, começando pela contratação de jornalistas e pelos vencimentos oferecidos a eles. Para uma boa atuação do profissional a empresa deve-se atentar para uma boa estrutura, conseguindo assim chegar a uma produção de qualidade para seu público. Com a produção de qualidade é possível gerar lucros, atraindo assim sua maior receita; que provém essencialmente das vendas e da publicidade.

O espaço ocupado pela publicidade intervém diretamente na produção do produto jornalístico. Por exemplo, na imprensa, os jornalistas enchem o espaço deixado em aberto pela publicidade. Assim o espaço disponível para a informação, ou seja, as notícias, é antes de mais nada determinado pela publicidade. Na televisão a publicidade impõe sobretudo a lógica das audiências, seguindo a lógica “mais audiências, mais receitas publicitárias. (TRAQUINA, 2005, p.158).

Sendo assim o conteúdo noticioso recebe, em sua maior parte, a influência econômica. “[...] são incluídos no noticiário os acontecimentos noticiosos que julgam ser do maior interesse para o maior número de público”. (TRAQUINA, 2005).

Alguns problemas para os jornalistas surgem devido aos custos e à lógica de lucro. Não é possível estar em todos os lugares, as notícias relevantes devem estar conectadas à margem de lucro, ou seja, estratégia de marketing. Outro ponto é a empresa que pretende fechar negócio de publicidade.

[...] pode não haver recursos suficientes que permitam à empresa cobrir todos os acontecimentos com valor-notícia e, ainda mais, para desenvolver outras iniciativas, como reportagens de fundo. Acrescentam-se outras vertentes importantes: a) os correspondentes no estrangeiro; b) o envio de correspondentes para a cobertura de acontecimentos no estrangeiro; c) a assinatura de serviços especiais. (TRAQUINA, 2005, p.159).

Ainda de acordo com Traquina (2005) existe outro componente que também influencia as notícias de um veículo, a concorrência. Grande parte da notícia é produzida mediante ao círculo da imprensa. Uma rotina que acontece muito dentro da comunidade jornalística, independente do veículo, é a produção de informação uns para os outros, ou seja, um veículo presta atenção na produção do outro e assim vice e versa. Desta maneira podemos notar a grande quantidade de títulos com a mesma letra, manchetes semelhantes e assim por diante.

Os veículos, diante à concorrência, começam a se copiar mutuamente. Estabelece-se uma cultura de ampararem-se uns aos outros, tendo a tendência em preferir errar juntos, em grupo, a acertar sozinho.

De forma que o tempo e o espaço das notícias são limitantes, a organização tendo em vista essas influências em torno das notícias adere uma rotina para adequar o profissional em sua realidade. A rede noticiosa cria então um encadeamento importante, o que tornará os fatos passíveis de registro será apenas aqueles no qual o veículo tenha capacidade de cobertura. Para tanto são adotadas três estratégias: a territorialidade geográfica, a especialização temática e a especialização organizacional. (TRAQUINA, 2005).

Como Traquina (2005) explica, as empresas jornalísticas buscam um método de rotina para facilitar o trabalho jornalístico, de modo que esta produção tenha credibilidade e maior velocidade para ser publicada.

As rotinas necessitam ser produtivas, gerar lucros para a empresa jornalística. Para Alsina (2009) as empresas jornalísticas, as quais estão inseridas num sistema de economia de mercado, tendem a unificar esta prática de produção.

Deparamo-nos com um sistema heteróclito, pois cada meio de comunicação possui características tecnológicas que condicionam seu modo de produção, de circulação e de consumo. [...] Os três agentes principais entram em jogo com diversos interesses são: a) os produtores da comunicação, b) as forças políticas, c) os grupos econômicos internos e externos do setor. Todos eles intervêm tanto na produção quanto na circulação da informação. (ALSINA, 2009, p.55).

Existem muitos efeitos que colaboram para determinar a notícia como questões sociais e econômicas do veículo de comunicação. Para Alsina (2009) precisamos mostrar o caráter de negociação dessa determinação dos acontecimentos.

Devemos compreender que a indústria da informação é afetada pelas mudanças na economia, tecnologia, e questões sociais. Segundo Alsina (2009) os veículos de comunicação trabalham segundo três lógicas: a lógica da cultura de massa, a lógica do jornalismo de atualidade e a lógica do serviço. Sendo que as duas primeiras estão totalmente direcionadas ao mercado e à audiência.

Foi dito e afirmado que os meios de comunicação são meios publicitários, e que para poder vender os anúncios, precisam incluir também a informação (a imprensa), ou entretenimento (a televisão). E isso acontece apesar da resistência, em alguns países, a esse aumento na publicidade. Por exemplo, na Itália, os jornalistas do *Corriere della Sera*, entraram em greve porque o espaço de publicidade era superior ao da informação (El País, 08/10/1990). Dois anos depois, no mesmo país, uma greve por motivos semelhantes aconteceu nos jornais, na rádio e na televisão (El País, 09/03/1992: 29). De qualquer forma, fica claro que os meios de comunicação atuais não conseguem sobreviver sem a publicidade, embora existam algumas exceções, e sejam testadas experiências interessantes, como a do jornal *The Independent*. (ALSINA, 2009, p. 201)

Segundo Alsina (2009) o processo da notícia funciona conforme a organização. Apesar de o jornalista ter seu ponto de vista em relação ao acontecimento, este deve seguir os padrões da empresa pela qual trabalha.

Os mecanismos de valorização dos fatos que pertencem à atualidade, e que precisam ser transformados em matéria informativa, obviamente, têm de estar também muito ajustados às exigências do modelo do jornal em questão. De fato, a valorização e a seleção dos temas do dia-a-dia, em função da escala de valores que é estabelecida segundo o estilo do jornal,

são alguns dos fatores que constituem o núcleo que configura com mais exatidão o conjunto das características que acabam identificando o tipo de conteúdo mais genuíno de cada modelo de jornal. (ALSINA, 2009, p.202).

Wolf (1999) afirma que a notícia é um produto de um processo organizado que implica uma perspectiva prática dos acontecimentos, visando que a empresa jornalística, apesar de seu peso social, está ligada à geração de lucro. Neste ponto a teoria *Newsmaking* surge para poder entender como o lucro interfere na produção das notícias. Para definir a notícia, além dos outros critérios já citados acima (olhar jornalístico, cultura profissional), a rotina industrial de produção está ligada ao rendimento da empresa, e terá papel fundamental para a definição de notícia.

Para a produção de notícias é necessário que haja uma organização de trabalho. Sendo assim, os veículos de comunicação tendem a elaborar formas de relatar os fatos, de maneira rápida e eficiente. De forma que os acontecimentos são imprevistos, a empresa jornalística entende que existe a necessidade de criar ordem no tempo e espaço de seus produtos. Para tanto algumas práticas unificadas são criadas, tais como: a *noticiabilidade*, a sistematização e os valores notícias. (WOLF, 1999).

A rotina de trabalho, na qual segue os critérios de *noticiabilidade*, é constituída pelo conjunto de requisitos que se exigem dos acontecimentos – do ponto de vista da estrutura do trabalho nos órgãos de informação e do ponto de vista do profissionalismo dos jornalistas. (WOLF, 1999).

Tudo o que não corresponde a esses requisitos é excluído, por não ser adequado às rotinas produtivas e aos cânones da cultura profissional. [...] Pode também dizer-se que a *noticiabilidade* corresponde ao conjunto de critérios, operações e instrumentos com os quais os órgãos de informação enfrentam a tarefa de escolher, quotidianamente, de entre um número imprevisível e indefinido de factos, uma quantidade finita e tendencialmente estável de notícias. (WOLF, 1999, p. 170).

Contudo, para Wolf (1999) a seleção de notícias é um processo de decisão e de escolha realizado rapidamente, tendo em vista que os critérios para tal devem ser claros, objetivos e aplicáveis.

Apesar de o jornalista ter papel fundamental na construção da realidade, este não possui uma autonomia. Devido à necessidade de lucro para manter ativa as produções, as empresas jornalísticas necessitam utilizar de maneira significativa

o tempo e espaço. Para tanto é necessário que algumas práticas jornalísticas sejam unificadas durante a produção de notícias. (WOLF, 1999).

Já os valores/notícias são definidor como um componente da *noticiabilidade*, para determinar quais os acontecimentos são suficientemente interessantes, relevantes e significativos para se tornarem de fato notícia.

Os valores/notícias utilizam-se de duas maneiras. São critérios de seleção dos elementos dignos de serem incluídos no produto final, desde o material disponível até à redação. Em segundo lugar, funcionam como linhas-guia para a apresentação do material sugerindo o que deve ser realçado, que deve ser omitido, o que deve ser prioritário na preparação das notícias a apresentar ao público. Os valores/notícias são, portanto, regras práticas que abrangem um corpus de conhecimentos profissionais que implicitamente, explicam e guiam os procedimentos operativos redactoriais. (WOLF, 1999, p.176).

Os valores/notícias então vêm de forma ligada à rotina produtiva e aos valores profissionais e está presente em todas as fases do trabalho. (WOLF, 1999)

A principal exigência é que o jornalista crie uma rotina produtiva baseada nesses valores, de forma que a tarefa seja executada de forma ágil e sem demasiada reflexão.

[...] a seleção das notícias é um processo de decisão e de escolha realizado rapidamente [...]. Os critérios devem ser fácil e rapidamente aplicáveis, de forma que as escolhas possam ser feitas sem demasiada reflexão. Para, além disso, a simplicidade do raciocínio ajuda os jornalistas a evitarem incertezas excessivas quanto ao facto de terem ou não efectuado a escolha apropriada. (WOLF, 1999, p.176).

A cultura profissional criada dentro das redações possibilita que os jornalistas trabalhem de maneira mais rápida, de modo quase automático. Essa seleção se caracteriza por certo grau de flexibilidade e de comparação, sobretudo que não seja susceptível a impedimentos. (WOLF, 1999).

Com os estudos para definir o que é notícia, podemos compreender que para sua formulação e posteriormente sua publicação, é necessária passar por várias etapas e efeitos que a torna digna de ser publicada. Primeiro o jornalista como *Gatekeeper*, o qual terá o primeiro contato com o acontecimento e irá selecionar. Para tanto que este processo ocorra, devemos recorrer à questão organização que terá efeito em relação a qual acontecimento merece ter maior atenção, diante da ideologia da empresa de comunicação.

Outro efeito que devemos prestar atenção é na produtividade que forma uma rotina que irá organizar a maneira como as notícias devem ser trabalhadas, com o ponto de vista no lucro lembrando que os veículos de comunicação estão dentro de um mercado de negócios e que só possível sua sobrevivência por meio da publicidade tendo que dividir tempo e espaço entre informação e publicidade.

3.1 A ROTINA DENTRO DA TV

Todo veículo de comunicação cumpre uma rotina para a produção de material, a qual deve passar por algumas fases. Cada profissional dentro da redação deve desempenhar um papel. Dentro do veículo de comunicação televisivo essa rotina se torna um pouco mais complexa tendo em vista todas as etapas necessárias para que o produto tele jornalístico possa ser apresentado em determinado horário para os telespectadores, lembrando sempre do compromisso com o público, ou seja, possuir um trabalho de qualidade e ser transmissível ao mesmo horário todos os dias. Esses detalhes irão criar a reputação do veículo de comunicação e principalmente garantir a fidelidade com seu público. Lembrando da importância que há entre a audiência e a empresa jornalística.

Barbeiro (2002) afirma que uma redação de TV deve fatalmente levar em consideração a funcionalidade e a proximidade dos equipamentos e das pessoas. Se não houver organização, fatalmente a qualidade do produto será afetada.

Cerca de sessenta e cinco pessoas estão envolvidas todos os dias, por turnos, na realização de uma edição de um telejornal: jornalistas, coordenadores, apresentador, realizador, "scripts", assistentes de produção, assistentes de realização, documentalistas, secretárias de informação, "cameraman", operadores de som, editores de vídeo, sonoplastas, misturador de áudio, videografistas, etc. (JESPERS, 1998, p.49).

Independente do país o jornal televisivo é fácil de ser reconhecido pelas suas características muito semelhantes como: uma bancada ou duas, um apresentador ou dois, em pé ou sentados, com entradas ao vivo, ou apenas reportagens editadas. Mas para tanto, é necessário o trabalho de uma grande equipe com um ritmo de trabalho que prossegue 24 horas por dia. Sendo assim, passado desde a elaboração de pauta até a edição final e enfim a transmissão para o público. (ALCURE, 2011).

Segundo Curado (2002), as emissoras devem cumprir o decreto de lei brasileira 52.795 de 31.10.1963; o qual estipula que as empresas de radiodifusão dediquem cinco por cento de sua programação para o serviço noticioso. O programa de notícias tem como missão oferecer ao público informações sobre os esclarecimentos de fatos, aprimorando desta forma a democracia, grande parte utiliza a televisão como uma referência para se atualizar sobre os fatos ocorrentes. (CURADO, 2002).

As informações prestadas ao público, levando em conta a importância social que possui perante a sociedade, para cumprirem seu dever, devem oferecer um produto de qualidade e veracidade. Para tanto, esta produção requer uma equipe grande para executar vários processos que garantem a essência do jornalismo. “No departamento de jornalismo são atribuídas tarefas aos profissionais que têm diferentes níveis de responsabilidade.” (CURADO, 2002).

A reportagem que o telespectador recebe em casa é o resultado do trabalho de uma equipe multifuncional. Para gerar todo esse conteúdo televisivo, o grupo deve trabalhar junto de forma que um complemente a função do outro. “O mais talentoso dos repórteres, editores, *pauteiros*, cinegrafistas não põe sozinho uma boa reportagem no ar.” (CURADO, 2002).

Segundo Curado (2002, p. 24) o trabalho dentro de uma emissora deve operar de forma organizada e cooperativa entre seus funcionários.

A prática demonstra que não são apenas os recursos tecnológicos, e a habilidade de lidar com as máquinas, os elementos fundamentais para a realização de uma boa reportagem. A soma de vários olhares, de vários ângulos, é que leva ao resultado de qualidade. [...] Na redação de TV as relações profissionais são profundamente interdependente; o trabalho de um complementa o trabalho do outro. Tal circunstância gera, às vezes, tensões e conflitos. Individualmente temos ritmo e estilos próprios, e embora participemos simultaneamente na confecção de um mesmo produto, é natural que às vezes nos esbarremos. O desafio do entendimento da notícia começa na sintonia e na afinação da equipe. (CURADO, 2002, p. 24).

Ainda segundo Curado (2002), para o bom funcionamento de uma redação de TV, dois elementos são indispensáveis para o trabalho, tendo em vista a vasta grade de funções que uma emissora dispõe para a produção de conteúdo. São elas, especialização e sincronicidade. Dentro da TV dificilmente os profissionais podem atuar de forma improvisada. A qualidade técnica que a TV exige para sua

programação pede por pessoas especializadas que entendam muito bem sobre o que estão realizando. (CURADO, 2002).

Para Curado (2002) na elaboração de reportagens televisivas assim como em todo o programa que vai ao ar, é vital que todos os profissionais estejam na mesma frequência, ou seja, terem os mesmos objetivos e interesses. A maneira como o grupo se porta entre si irá transparecer perante a reportagem. (CURADO, 2002)

A equipe de telejornal é vasta. Segundo Curado (2002), as funções vão desde chefe de jornalismo a jovens profissionais em treinamento. Podemos dividir essas funções em pré-pauta até a edição e a transmissão para o público.

Todo trabalho para a produção de reportagens deve começar pela pauta. Para Alcure (2011), esse trabalho, que tem como dever procurar os principais fatos de relevância jornalística para concluir uma reportagem a ser veiculada, garante os principais fatos a serem transformados em reportagens, garantindo assim a vida e a novidade a cada edição do telejornal.

Para Curado (2002), neste setor estão inclusos *pauteiros* e apuradores. Cabe ao apurador fazer a ronda nas principais fontes de informação (Delegacias, plantão rodoviário, bombeiros, releases de órgãos públicos e privados etc.). Esse profissional deve trabalhar em profunda sintonia em conjunto com a redação.

Colabora para complementar informações para a equipe que está na rua; faz a conferência de dados para editores que estão fechando um jornal; supre a chefia de reportagem com informações atualizadas sobre eventos que estão se desdobrando e que estão descobertos pela reportagem. (CURADO, 2002, p. 34).

Os textos de informação realizados pelos apuradores devem ser curtos e precisos. Eles devem reunir dados essenciais e o desdobramento mais imediato da notícia para que o *pauteiro* possa trabalhar de forma mais aprofundada nesse. (CURADO, 2002).

Como afirma Curado (2002), a pauta é o conjunto de dados responsáveis por dar o início ao andamento de alguma reportagem. É nela onde estará contida toda a informação da notícia que deverá ser apurada pela produção. Dependerá da equipe de produção confirmar os dados contidos na pauta para decidir se está irá “virar” ou “cair”. (CURADO, 2002).

Curado (2002) afirma que em alguns casos quando a produção não confirma os dados ou outros correlatos que justifiquem a pauta, esta é descartada. Este é o exemplo de uma má apuração.

Curado (2002) ainda completa afirmando que o bom *pauteiro* está em falta no mercado, tendo em vista que este deve possuir o faro para notícia, fascínio pelos detalhes que suprem a necessidade de dados para esclarecer os fatos, capacidade de estabelecer conexões imprevisíveis e reveladoras. E apesar de ser indispensável para a redação, pois é ele o responsável de enxergar as notícias e todo o início na cadeia de produção, esse profissional não é muito valorizado dentro da redação televisiva.

O trabalho do *pauteiro*, ou apurador, começa antes de todos na redação. Este está encarregado de checar todas as propostas de matérias previstas para o dia e comparar a previsão com os fatos novos ocorridos desde a preparação da pauta e divulgados por outros veículos de comunicação. (CURADO, 2002).

Segundo Alcure (2011), o trabalho fundamental do *pauteiro* é a pesquisa. Durante a construção da pauta, a procura por dados deve ser feita através dos meios disponíveis, como internet, material impresso e fontes de diversas naturezas. É necessário que o jornalista tenha em mente vários ambientes que possam desenrolar os assuntos.

Ainda segundo Alcure (2011), a pauta a ser entregue ao repórter deve ser particularmente detalhada, pois só assim o trabalho de reportagem poderá ser executado com eficiência, acelerando sua produção e garantindo ao editor-responsável um conjunto de notícias relevantes e bem apuradas.

[...] A pauta é o mapa que vai lhe guiar em sua narrativa sobre acontecimentos reais, não ficcionais. Ela fornece os fundamentos para a construção da notícia, que nada mais é senão a versão organizada do que o repórter leu, viu, ouviu, sentiu, analisou. É uma história verdadeira que se conta para o público espectador. (ALCURE, 2011, p.45).

Segundo Barbeiro (2002) a pauta no veículo de comunicação televisivo tem uma importância maior do que em outros meios. Isto se deve mediante a atenção exigida a minuciosos detalhes necessários para a produção de uma reportagem de TV. Dessa forma, o *pauteiro* deve estar atento nos acontecimentos da sociedade entender qual fato é de relevante importância para ser transformado em matéria jornalística.

O pauteiro é aquele que na imensidão dos acontecimentos na sociedade capta o que pode ser transformado em reportagem, pensa o assunto por inteiro e indica os caminhos que devem ser percorridos para que a matéria prenda atenção do telespectador e atinja o público alvo da emissora. A informação é um bem precioso e por meio dela as pessoas têm condições de desenvolver o espírito crítico e entender melhor a sociedade em que vivem. Cabe ao pauteiro distinguir com clareza o que é jornalismo e entretenimentos. (BARBEIRO, 2002, p. 89).

Tendo em vista a importância do jornalismo para a sociedade diante da reflexão crítica sobre o comportamento humano entre outras áreas na qual afeta o dia a dia da população (economia, política, cultura e assim, por conseguinte), a televisão é o meio que atinge grande parcela da população. Tendo isso em vista, Barbeiro (2002) afirma que para a produção das reportagens é necessário criar, contextualizar e avançar. O *pauteiro*, de acordo com Barbeiro (2002), atua decisivamente na produção da reportagem, pois este irá ditar qual será o caminho na produção da matéria.

Outra questão em relação à elaboração de uma pauta é o aspecto das imagens. O jornalista incumbido de realizar a pauta deve estar ciente de que maneira irá captar as imagens, item imprescindível para uma reportagem televisiva. (BARBEIRO, 2002).

Conforme alega Barbeiro (2002), a notícia é a matéria prima do produto jornalístico, porém ela requer apuração, tratamento e elaboração. Sem esses itens básicos diante da pauta, não é possível executar uma boa reportagem, por conseguinte tendo algo vazio que não provocará reflexão ao público, não fazendo jus ao trabalho jornalístico.

Ainda de acordo com Barbeiro (2002), o *pauteiro* é o primeiro jornalista a entrar em contato com a notícia. Este deve ter uma boa percepção ao identificar o fato, ou seja, não ter uma visão muito simplista do acontecimento, tomando por si o primeiro contato com o fato de maneira a considerar que este seja a realidade imutável.

[...] é preciso o bom senso e a crítica para não se convencer que todo político é corrupto, toda modelo é prostituta, todo pai briga com o filho, todo dirigente esportivo é mentiroso e que todo jornalista é arrogante. As exceções não devem condicionar a realidade. É o caso do copo com metade de sua capacidade com água: está meio cheio ou meio vazio? A tudo isso se opõe uma visão construtiva, ou seja, a noção de informar para transformar. (BARBEIRO, 2002, p. 91).

É claro que durante a rotina produtiva na TV a equipe deve trabalhar junto de tal maneira que um possa complementar o outro em suas devidas funções. Durante a reunião de pauta, a equipe é convidada a dar sugestões para dar prosseguimento à produção. É claro que em âmbito internacional este trabalho é um pouco mais complexo, tendo em vista a equipe reduzida. Sendo assim, o jornalista que se ocupa da editoria internacional possui uma maior independência perante as escolhas do que será notícia ou não. (SILVA, 2011).

Resumindo a definição de pauta, podemos compreender que esta propõe uma ideia, oferecendo um ou mais assuntos. Localiza os fatos, os dados e todas as informações necessárias para dar continuidade ao processo de reportagem. E ainda cabe ao trabalho de encontrar pessoas cujas atitudes e opiniões justifiquem, expliquem, argumentem contra ou a favor de determinado assunto. Enfim, podemos entender que a pauta é apenas a primeira fase, de importância inquestionável, para dar início a todo um processo que necessita de cuidado e atenção ao ser produzido para obter um projeto de qualidade que atraia o público, levando em consideração sua importância crítica e reflexiva. (ALCURE, 2011).

Definida a pauta, o passo seguinte é de responsabilidade da produção. Este irá englobar o produtor e a equipe de reportagem.

O produtor é responsável por boa parte das condições materiais e do conteúdo do telejornal. Funciona como elo entre jornalistas e técnicos e acompanha a edição do programa desde o início. Participa do *switcher*, e se responsabiliza pela organização do script e dos VTs. O produtor coordena a preparação do telejornal dentro e fora do estúdio, atento às condições necessárias para que o programa vá ao ar. É ele quem está mais envolvido na organização e apresentação do telejornal. (BARBEIRO, 2002, p. 92).

Com a pauta elaborada (passada assim pelos processos de reunião de pauta, pesquisa, aprofundamento) é hora de a produção dar continuidade ao produto. Cabe ao produtor preparar todos os itens antes da equipe de reportagem sair à rua.

Segundo Barbeiro (2002) a função do produtor é a organização de toda equipe, desde a redação às ruas com a equipe de reportagem. Podemos dizer que este profissional é praticamente o “faz tudo” da redação, é através dele que a pauta, reportagem e edição terão comunicação entre si.

A produção de uma reportagem de TV é uma tarefa que exige imaginação, versatilidade e rapidez. No telejornalismo diário, não dá pra passar um mês inteiro produzindo uma reportagem. Definida a pauta, a produção sai em campo, a fim de completar e enriquecer os limites da primeira versão da pauta. Cabe à produção conseguir agendar os entrevistados, contar todas as pessoas e setores envolvidos, e também providenciar licenças e autorizações. REFERÊNCIA?

Elencamos alguns pontos, segundo Barbeiro (2002), fundamentais para a produção:

- a) é preciso que o produtor sempre verifique os programas anteriores com o intuito de poder aprofundar aqueles temas no dia seguinte, apenas, é claro, se houver informações que ainda possam ser exploradas de outro ângulo;
- b) durante a apresentação de um telejornal o produtor deve ficar atento a possíveis informações que possam chegar até a redação. Tendo algum fato de inquestionável importância (*noticiabilidade*), este deve informar ao editor-chefe que irá decidir se tal fato deve ou não ser exibido no lugar de matérias de menor importância;
- c) o produtor deve checar todos os lados da informação, tendo em vista que o exercício jornalístico deve atuar de forma compatível com a realidade;
- d) o produtor deve, obrigatoriamente, manter uma programação organizada em sua agenda, tendo em vista que toda a estrutura de telejornal depende desta programação para não haja erros ou atrasos nos produtos;
- e) manter o contato com as fontes é uma atitude imprescindível para o produtor;
- f) em dias como finais de semana o produtor deve ter em mente a falta de notícia. Este se deve atentar ao agendamento de entrevistas com antecedência ou gravadas. A prestação de serviço merece atenção especial nesses casos.

O repórter tem função de trabalhar com o conteúdo. Este tem o dever de apurar as informações, realizar as perguntas com antecedência à entrevista e produzir o produto (VT).

Para Barbeiro (2002) é fundamental que o repórter cultive suas fontes de informações e acompanhe os assuntos pelos jornais, revistas, emissoras de rádio,

TV e internet. Só com a pesquisa é possível o aprofundamento da reportagem. Os jornalistas não dominam todos os assuntos, para isto necessitam de especialistas para dar essas informações. (BARBEIRO, 2002)

A reportagem, caracterizada por uma unidade de tempo e de lugar, e que mistura entrevistas, imagens de ilustração, comentário e “vivos” quer dizer, textos pronunciados em frente da câmera e no momento; podem ser reportagens ao “vivo”, que tratam da actualidade do dia, ou grandes reportagens (muitas vezes em vários episódios) sobre assuntos mais gerais ou ainda investigações mais aprofundados [...]. (JESPERS, 1998, p.50).

Os critérios de *noticiabilidade* valem para qualquer veículo de comunicação; revistas, jornais, rádio e televisão. Porém a forma de se transmitir a informação varia conforme a necessidade do veículo. Em jornais, a informação é mais aprofundada, mostrando caminhos reflexivos para o leitor. Dentro da TV as circunstâncias mudam. Segundo Curado (2002), a forma de se escrever a reportagem televisiva se torna mais complexa tendo em vista a necessidade de contar “uma história” de forma que atraia o público, ou seja, esta informação deve estar clara para o telespectador, pois este não possui um tempo muito amplo para a interpretação. Para tanto, a reportagem televisiva deve ser clara, precisa e imparcial.

O público de televisão não está lendo a notícia, está ouvindo e vendo. O telespectador está olhando o apresentador, ou o repórter, ou o entrevistado e tentando apreender o que eles dizem. No instante em que toma conhecimento da notícia, o espectador não pode interromper o jornalista pedindo-lhe que esclareça algum ponto não compreendido. Não pode voltar no tempo para recuperar uma frase ou uma informação que perdeu, a não ser que tenha gravado o programa. A comunicação pela TV exige instantaneidade na sua compreensão. (CURADO, 2002, p.18).

Como Curado (2002) afirma, a reportagem na TV deve estar clara quanto a sua informação, ou seja, a notícia não pode se tornar algum mistério ao telespectador, sendo que este não tem a função de refletir sobre ela devido ao pouco tempo que é dispensado.

Ainda segundo Curado (2002), a maneira como a notícia é apresentada não pode despertar dúvidas, se isto ocorrer é devido à falta de clareza dentro do texto produzido para a reportagem. Para tanto, a precisão é outro ponto chave para uma boa reportagem. A notícia ao ser transmitida deve ter exatidão, e ser bem apurada.

Dessa forma, produzir matérias que possam proporcionar um bom entendimento ao telespectador não será problema, apesar de ter uma boa apuração pode ser tarefa um tanto complicada.

Completando os pensamentos de Curado (2002), outra questão imprescindível para uma boa matéria de TV está na imparcialidade. Ao produzir uma reportagem com clareza e precisão, a imparcialidade é adotada à medida que especialistas são ouvidos para compor o teor da matéria, respondendo assim dúvidas a respeito de determinado assunto que esteja sendo apurado. É dever de o jornalista confrontar todos os dados da questão para esclarecer quaisquer pontos que ainda estejam sob dúvidas do público.

A imparcialidade se obtém com a investigação de fatos e não com opiniões a respeito deles. “Fulano de tal foi ouvido e não quis comentar”, ou “Fulano disse que vai entregar a obra cobrada no dia tal” são artifícios retóricos. A verdadeira manifestação se produz com fatos e não apenas com palavras. Cabe à reportagem apresentar dados e não facilmente confrontar opiniões na ilusória e ineficiente demonstração de imparcialidade. (CURADO, 2002, p. 22).

A função do repórter é recolher dados, organizar os pensamentos e informações para transmitir ao público de uma maneira clara, simples e objetiva. Deve-se ter precaução em redigir o texto para TV, pois este pode se tornar complicado tendo em vista que se deve passar o máximo de informações (de maneira que a reportagem não fique vaga) em poucas palavras.

A reportagem nada mais é do que a maneira de contar uma história, porém para que este conteúdo seja veiculado, são necessários, além de uma boa estrutura textual por parte do repórter, equipamentos adequados para que a captação de áudio e vídeo não se torne um ruído na comunicação. Normalmente para a produção de uma reportagem sai em campo uma equipe na qual consta: o repórter, o repórter cinematográfico, o produtor. (CURADO, 2002).

Locais, personagens, eventos – a soma desses elementos determina que a equipe de reportagem identifique as necessidades especiais de tempo e meios para realizar a reportagem. Pode ser preciso o uso de lentes especiais (para filmagens em locais escuros), de microfones mais sensíveis etc. A avaliação criteriosa do ambiente da filmagem, da natureza da reportagem e das personagens é básica para que a possibilidade de uma boa reportagem não se converta numa frustração. (CURADO, 2002, p. 98).

É a produção feita na rua que irá determinar a qualidade do produto. A preocupação com iluminação, áudio e cenário não são meras considerações para apenas embelezar o telejornal. Esses itens impactam na comunicação visual, lembrando que é a essência da comunicação televisiva. Cada item compõe um item comunicativo, o qual pode atrapalhar na transmissão de informações, sendo considerado um ruído na comunicação.

Segundo Curado (2002) deve-se atentar a entrevistas e passagens de repórteres em locais onde haja muito barulho – trânsito, fábricas, aeroportos – esses elementos tornam a voz imperceptível atrapalhando na comunicação. Deve-se atentar também em relação a locais com imagens que chamem mais atenção do que a informação que esteja sendo transmitida. Esses elementos podem atrapalhar a atenção do público, causando assim interferências na comunicação.

É importante que o trabalho do repórter e do cinegrafista esteja equilibrado, pois só com o trabalho de ambos pode haver equilíbrio no momento da edição.

Após toda a sequência de trabalho realizado pela equipe de TV, para finalizar o produto, o conteúdo planejado, pesquisado e gravado; é encaminhado de forma bruta para a edição, a qual tem a responsabilidade de finalizar todo o trabalho feito pela equipe, de maneira que este conteúdo seja transmitido com qualidade ao telespectador.

Segundo Barbeiro (2002) a não eficácia no processo de produção da notícia televisiva desde seus primórdios pode acarretar em perdas materiais aos telespectadores. Por isso a atenção durante a edição do conteúdo deve ser redobrada.

É através da edição que será acrescentado o estilo e marca da emissora. Segundo Curado (2002, p. 136) audiência é cativada pela linguagem do programa.

O editor de televisão sabe que o noticioso não é um jornal que obedece ao mesmo modelo dos jornais impressos. O telejornal precisa informar, mas é um programa de TV. Essa visão cínica geralmente define critérios que permitem aos editores tratar a notícia dentro do mesmo esquema com que se monta um espetáculo visualmente atrativo. A regra essencial nessa concepção, e que jamais poderá ser desprezada, é a de que não se poderá deixar de agradar ao público e nunca se poderá entediá-lo com notícias “chatas”.

Ainda segundo Curado (2002), o programa deve ter em vista satisfazer a audiência. Para a tanto é imprescindível um bom conhecimento pelos editores de

texto e imagem, quanto possui bons equipamentos que auxiliem na edição e enfim na produção de um bom produto a ser veiculado.

Realizada a reportagem – gravação de *offs*, passagens, *sonoras* e imagens – o material bruto é encaminhado para o editor de texto, o qual está incumbido de realizar o roteiro final. Entretanto, é possível que o próprio repórter faça isso, todavia a palavra final será do editor se determinada reportagem está apropriada ou deve ser reescrita. Após toda a estruturação do texto os editores de imagem e de texto devem compartilhar os recursos para terminar a edição, ou seja, montar a reportagem. É responsabilidade do editor de área ou editor-chefe do jornal analisar se toda a produção (reportagem) pode ser transmitida ao público. (ALCURE, 2011).

Para Barbeiro (2002) a função de editor dentro da TV é um tanto trabalhosa com pouca visibilidade, porém é ele quem garante que o produto estará sendo transmitido e, mais, é o trabalho do editor conferir que todas as informações estejam corretas e coesas.

Editar uma reportagem para a TV é como contar uma história, e como toda a história a edição precisa de uma seqüência lógica e que pelas características do veículo exige a combinação de imagens e sons. Em alguma emissora de TV o repórter chega com a matéria bruta, vai logo para a ilha de edição e finaliza a reportagem. Contudo, a produção de notícias na maioria das redações está organizada de forma industrial, ou seja, ao terminar uma matéria o repórter não volta para a redação, vai para a outra matéria enquanto as gravações são enviadas para a edição. (BARBEIRO, 2002, p.102).

O papel dos editores é fundamental para o veículo, há necessidade de grande quantidade de profissionais que devem atuar nesta área. Segundo Barbeiro (2002), os editores estão responsáveis por escrever a cabeça e pés das matérias e notas que compõem o script do telejornal, além de terem que editar o material que vem de outras praças. Outro ponto a se atentar é o deadline curto, para finalizar uma reportagem de um minuto e meio são dispensadas de duas ou mais horas.

Para Barbeiro (2002), muitos pontos são importantes dentro da atuação dos editores e indispensáveis para manter a qualidade e credibilidade de determinado telejornal. São elas:

- a) a importância do assunto e a força das imagens é o que irá determinar o tempo a ser exibido durante a transmissão;
- b) para entender o ponto de partida da edição, é necessário que o editor reúna todas as informações mais importantes e organize-as no script.

- O texto (a cabeça) a ser lida pelo apresentador nunca deverá ser igual ao *off* da reportagem;
- c) cada sonora poderá ter cerca de vinte segundos, mas há ressalva em se tratando de fatos mais importantes que causem polêmicas;
 - d) a equipe de cinegrafistas deve filmar imagens do cotidiano para que as imagens de arquivos não sejam necessárias durante a edição;
 - e) enquanto o editor aguarda pelo o material bruto feito pela equipe de reportagem, este deve estar preparado com uma pesquisa prévia sobre o assunto;
 - f) áudios ruins não podem ser utilizados, a não ser que este seja de fundamental importância para a matéria. Para tanto, a fala do entrevistado deve ser transcrito;
 - g) o editor deve-se atentar que os dados estejam completos. Para este fim, agências de notícias podem servir para conferir dados complementares;
 - h) é necessário que a informação prestada na cabeça não entre em contradição com a informação dentro da reportagem;
 - i) o editor deve verificar qual enfoque irá prevalecer;
 - j) de modo que o público é heterogêneo, a comunicação precisa ter eficiência, ou seja, é necessário que contenha concisão, clareza e simplicidade dos fatos.

3.2 JORNALISMO INTERNACIONAL

O jornalismo internacional é a especialização da área de comunicação social a qual se responsabiliza por trazer as informações de outros países para determinada empresa jornalística nacional, tendo em vista que estas informações tenham relação com a economia, cultura, política, acidentes, natureza e assim por diante.

Para Natali (2011) o jornalismo teria nascido em âmbito internacional, pois os veículos de imprensa pioneiros foram criados para informar leitores locais (principalmente comerciantes e banqueiros) sobre fatos acontecidos no exterior,

pois estes tinham grande interesse sobre informações que estavam ligadas ao comércio.

[...] desde muito cedo, a informação foi comercializada como instrumento para produzir eficiência e poder por meio de negócios. Sem informações de qualidade, o capitalista do Renascimento e o empresário do mercantilismo [...] não saberiam avaliar o prejuízo que sofreriam ou o lucro que obteriam se naufragasse o carregamento de um barco que deixasse Istambul a caminho de Veneza. Esses empresários tampouco poderiam fazer um cálculo sobre os riscos envolvidos em determinada importação e o quanto lhes custaria uma apólice de seguros. (NATALI, 2011, p. 24).

As transformações tecnológicas foram as facilitadoras para a construção do jornalismo como o temos hoje, principalmente para a editoria internacional. É graças à tecnologia que os profissionais de comunicação conseguem mandar de maneira mais eficaz os acontecimentos exteriores. (VIANA; LIMA, 2013).

É certo afirmar que o jornalismo nasceu juntamente com a editoria internacional, com foco em coleta de informações e difusão de notícias de terras distantes. E do seu surgimento, no século XVI, até o século XIX, foram muitas as transformações tecnológicas, que foram sendo gradualmente intensificadas desde a Revolução da Imprensa no século XV, com a invenção da prensa móvel de Johannes Gutenberg. Ainda que os jornais impressos fossem normalmente transportados a grandes distâncias, já no século XVI, vale salientar que somente no século XIX é que o fluxo internacional de informações se tornou mais extensivo e organizado. A ascensão de novas tecnologias na imprensa aperfeiçoou os processos de impressão, acelerou a transmissão de notícias entre os países e contribuiu assim para o desenvolvimento do jornalismo internacional. (VIANA; LIMA, 2013, p. 4).

O jornalismo passou por muitos aspectos tecnológicos e sociais para que de fato se tornasse uma profissão como o temos hoje. A importância dele começou com questões econômicas e a necessidade de comunicação entre os comerciantes. Questões sociais e outros elementos foram aos poucos se integrando levando a criação de jornais como os conhecemos atualmente cada qual com sua ideologia e rotina de produção de conteúdos. (NATALI, 2011)

3.2.1 Breve histórico do jornalismo

De acordo com Natali (2011) devemos entender três pontos que fizeram emergir o jornalismo. O primeiro está relacionado com a economia. Segundo Natali (2011) as primeiras décadas do século XVI muitas necessidades surgiram devido

ao mercantilismo (conjunto de práticas e ideias econômicas que tinham como objetivo fortalecer o estado e principalmente a burguesia). Uma dessas necessidades estava relacionada à comunicação. Ainda segundo Natali (2011), banqueiros, comerciantes entre outros burgueses necessitavam de informações sobre outras localidades como forma de fazer negociações. Já nos anos de 1610 e 1645, esses “jornais” baseados em informações econômicas e política de terras estrangeiras, já começavam a tomar forma e eram utilizadas principalmente pela burguesia para suas negociações na Suíça, Áustria, Hungria, Inglaterra, e França.

Com a competitividade do mercado crescendo cada vez mais, os boletins informativos se tornaram parte do todos “homens de negócios” da época. A informação se tornou periódica para leitor. O cliente que usufruía o então “jornal” tomava decisões em suas negociações a partir dos dados prestados. (NATALI, 2011).

Com o tempo o papel do jornal se expandiu, as informações prestadas aos grandes negociantes se tornaram de interesse local e de grande parte da população. Não apenas como uma ferramenta de negociações, mas como para o entretenimento. A tecnologia possibilitou que o jornalismo se especializasse e se tornasse uma produção industrial. (NATALI, 2011).

Segundo Viana e Lima (2013), durante o século XIX em meio a grande onda tecnológica, as empresas jornalísticas buscavam por algo que organizaria o processo de transmissão de informações em todo mundo. Foi no século XIX que a economia e em consequência o jornalismo internacional puderam dar um grande avanço.

Conforme explica Natali (2011), com a grande demanda, os grandes jornais precisaram produzir notícias em escala industrial. O consumo desses periódicos já se diferenciava do burguês ilustrado, ou seja, o jornal aumentou seu público.

Em 1800, os jornais eram impressos, em uma folha só, por aparelhos de madeira semelhantes aos utilizados para a fabricação de livros. Uma impressora a vapor inventada pelos ingleses em 1814 permitiu, por exemplo, multiplicar por dez a tiragem do *The Times*. Em 1865, veio a impressora cilíndrica (rotativa), e, em 1889, desta vez nos Estados Unidos, o linotipo, que fundia todas as letras de uma linha de texto em uma única matriz metálica. Na segunda metade do século, o trem e cabos telégrafos foram instalados em todas as direções. O mundo ficou menor. O impacto da rapidez na transmissão de informações e na distribuição de jornais e revistas foi proporcionalmente bem maior que o da computação e o da internet no final do século XX. (NATALI, 2011, p.30).

No Brasil o desenvolvimento do jornalismo internacional fora um processo um pouco demorado. Segundo Natali (2011) o jornalismo predominante no início se destinava a assunto de política interna que tinha intenção de defender posições e lançar polêmicas.

“Entre a independência, em 1822, e a maioridade de D. Pedro II, em 1840, vigorou um estilo de jornalismo que os historiadores chamaram de pasquins”. (NATALI, 2011, p.37).

Ainda de acordo com Natali (2011) o noticiário internacional estava ausente nas primeiras décadas do jornalismo brasileiro devido a frágil infra-estrutura que o país possuía. As notícias chegavam por navios; tendo em vista que em 1850 a navegação ainda não era a vapor. As travessias pelo atlântico eram incertas e demoradas.

“As atualidade chegavam sempre com algo em torno de seis semanas de atraso entre o momento em que ocorriam e o momento em que saíam impressas no Brasil”. (NATALI, 2011, p.37).

Os assuntos que predominavam nos então pasquins brasileiros eram conteúdos domésticos como a separação política de Brasil e Portugal, as crises do Primeiro Reinado, a Regência, o conflito entre partidários e adversários de uma monarquia constitucional, os movimentos regionais que procuravam autonomia com relação ao poder central e por assim em diante. (NATALI, 2011).

“As hemerotecas de pasquins são consultadas por historiadores como fontes primárias de opiniões divergentes sobre política interna e não tendo como objetivo o jornalismo em si ou a seção de pautas estrangeiras que agora nos interessa.” (NATALI, 2011, p.38)

Para Natali (2011) podemos considerar que as primeiras notícias internacionais só começaram a ser públicas no Brasil com a chegada da família real. Em 1808 começou a ser impressa no país a Gazeta do Rio de Janeiro, um diário oficial que trazia os decretos do governo e também notícias sobre o estado de saúde da nobreza européia. “Digamos, com certa condescendência, que o estado de saúde de todos os príncipes da Europa já era uma forma rudimentar de noticiar fatos estrangeiros.” (NATALI, 2011, p.39).

Tendo em vista a tênue infra-estrutura em que circulavam as informações pelo país, principalmente o noticiário internacional (que se tornava indiferente aos interesses brasileiros pela lentidão com a qual chegavam as informações de outras

nações, e pelo forte assunto político interno), uma das cidades que foram prejudicadas pela localização era São Paulo.

Para Natali (2011) os paulistas ficavam “atrasados” em receber as notícias devido à dificuldade do transporte, o qual dependia dos escravos ou tropas de burros para transportar as notícias que chegavam pelos navios que aportassem em Santos, ou seja, era necessário esperar o navio desembarcar na cidade litorânea de Santos, e ainda aguardar o transporte pela serra do mar.

Um exemplo que Natali (2011) explana foi a manifestação brasileira em apoio aos franceses, realizada em 1830 contra Carlos X, que tinha intenção de neutralizar a Assembléia Nacional e governar de acordo com o absolutismo.

É provável que a revolta contra Carlos X tenha chegado com compreensível atraso aos leitores paulistas por meio de cartas de correspondentes. [...] Os correios paulistas tinham uma única linha de distribuição, em que o Rio de Janeiro, com escala em Santos, era o ponto de origem e destino. Para os leitores do interior só em 1825 é que foi aberta linha postal em direção a Itu. (NATALI, 2011, p. 39).

Ainda de acordo com Natali (2011), foi em 1850 que os pasquins, até então o único meio de informação instalado no Brasil, começou a decair. O gênero de informação começou a dar lugar ao jornalismo literário, e então chegou aos jornais brasileiros os folhetins, tomado por grandes nomes do romantismo brasileiro, José de Alencar e Machado de Assis, que atuaram também como jornalistas.

Em 1844 uma tecnologia revolucionou o modo de se fazer jornalismo e principalmente a editoria internacional. “O telégrafo, cuja primeira linha regular começou a funcionar em 1844 entre as cidades americanas de Washington e Baltimore, foi tão revolucionário quanto à internet”. (SILVA, 2011, p. 62).

Porém, foi só no ano de 1874 que esta tecnologia começou a fazer a diferença no jornalismo brasileiro. (NATALI, 2011).

Um cabo estendido no leito do Atlântico conectava por telégrafo o Brasil à Europa. Não era mais preciso esperar por demorados 28 dias para que um barco a vapor chegasse ao Rio de Janeiro com notícias da Europa, provenientes de portos britânicos. (NATALI, 2011, p.40).

No final do século XIX, uma grande onda imigratória chegou ao Brasil, graças à prática de uma política de mão de obra para suprir as necessidades econômicas do café. Jornais em idiomas estrangeiros começaram a surgir no país

de forma que pudessem ser lidos pelas comunidades de imigrantes que chegavam a terras brasileiras. (NATALI, 2011).

Em São Paulo, que centralizava boa parte desse fluxo migratório, surgiram entre 1878 e 1901 nada menos que 17 desses jornais. O primeiro deles foi o *Germania*, para comunidade alemã. Ela também produziria nos anos seguintes o *Freie Presse* (1889), o *Echo Von Brasilien* (1890) e o *Deutsch Brasilianische Presse* (1891). A comunidade italiana teria o *Fanfulla* (1893), a *Tribuna Italiana* e *Il Secolo* (ambos de 1894). Os espanhóis lançariam entre 1891 e 1900 o *Correo Español*, *El Heraldo*, *La Ibéria*, *La Gaceta Española* e *La Voz de España*. E a comunidade árabe teria, entre 1896 e 1901, *O Brasil*, *Al Assmahy*, *Al Munazer* e *Al Manarat*. (NATALI, 2011, p.41).

Os conteúdos dos noticiosos nessa época eram em sua essência informações internacionais produzidas especialmente para os estrangeiros que aqui se instalavam. O foco era exclusivamente os seus países de origem, porém ainda não eram exatamente as informações que a população brasileira consumia em relação aos problemas do estrangeiro, tendo em vista a barreira do idioma. Este foi o início para começar a surgir pautas internacionais, principalmente após o Brasil começar a estabelecer relações econômicas com outras nações.

De acordo com Natali (2011), o número de periódicos que a população brasileira passou a consumir a partir do ano de 1912 teve um aumento significativo na vida do jornalismo brasileiro. “Em 1912, eram 882 os periódicos noticiosos, número que saltou para 1.519 em 1930. Isso em um total de periódicos que passou de 1.337, em 1912, para 2.959, em um período de apenas 18 anos.” (NATALI, 2011, p.44)

Conforme menciona Silva (2011), houve quatro invenções tecnológicas que afetaram a produção de jornalismo e a pauta internacional: o telégrafo (quando se concretizou a pauta internacional), o rádio, a televisão e a internet. O rádio foi o segundo componente tecnológico a afetar a produção da pauta internacional, que de acordo com Silva (2011) abriu um novo espaço para a especialização do jornalista, o de correspondente radiofônico.

Foi durante a Segunda Guerra Mundial que o trabalho do correspondente radiofônico tomou forma e importância, apesar de que no Brasil esta função ainda teria chegado de maneira tardia.

Para os brasileiros, esse momento particularmente importante na história do jornalismo – o da correspondência de rádio durante a Segunda Guerra

Mundial -, foi vivido de modo indireto, via serviço latino-americano da BBC de Londres, que começou a operar em 1938 já dentro da estratégia britânica de propaganda com vistas ao conflito que ainda não eclodira. (SILVA, 2011, p.64).

O passo seguinte na evolução da tecnologia foi a televisão. Esta afetou de maneira profunda a rotina e métodos de trabalho do correspondente e principalmente o conteúdo de suas matérias. As técnicas de rádio e TV não criaram apenas novos veículos para jornalistas no exterior trabalharem como também mudou a rotina dos que continuaram no veículo impresso. Com a instantaneidade proporcionada pelas novas tecnologias toda a rotina de produção foi sendo alterada. Os editores passaram a ter um controle mais amplo do que se era produzido e a autonomia dos correspondentes passou a ser compartilhada com a redação no país sede. (SILVA, 2011).

Já a tecnologia da internet posta em prática (por meio dos satélites de comunicação) permitiu assim que os custos da comunicação telefônica fossem reduzidos drasticamente.

A velocidade da transmissão de imagens permitida pelas tecnologias digitais, a diminuição do tamanho dos equipamentos, as facilidades que os métodos de edição em computadores trouxeram e a internet e seus derivados, tudo isso facilitou enormemente a vida dos correspondentes, em especial os de rádio e TV, mas também os dos meios impressos, inclusive porque estes começaram a produzir suas versões eletrônicas. Os *smartphones* se tornaram tão comuns (ou até mais comuns) quanto caneta e papel para o trabalho do jornalista. (SILVA, 2011, p. 66).

De acordo com Natali (2011), as tecnologias foram as responsáveis por moldar a editoria internacional, ou seja, de modo a garantir a produção das notícias foi necessário que os profissionais dessa área adotassem certos modelos de estilismo e cultura para atuarem de forma plena sobre as notícias internacionais. O jornalismo internacional tomou algumas características de acordo com a necessidade e disposição de tecnologia. A forma do texto curto e informativo é uma característica adquirida conforme o tempo de atuação em jornalismo e todas as transformações tecnológicas que afetaram diretamente a profissão.

3.2.2 Características do jornalismo internacional

Podemos classificar segundo Natali (2011), que a editoria internacional se enquadra em quatro temas, que são considerados relevantes para esta pauta, são elas: guerras e conflitos, eleições, epidemias e tragédias inesperadas. Para o jornalista empenhado nesta área, cabe a ele determinar qual assunto terá ênfase no noticiário, partindo desses primeiros temas como critério de escolha.

Esses temas são os principais desde o começo do jornalismo internacional. Para Viana e Lima (2013) os relatos jornalísticos internacionais, inicialmente, continham uma forma de crônica, o relato predominante tinha uma essência mais literária, ou uma narrativa mais breve dos fatos. Atualmente os textos se tornaram mais informativos e são apresentados de forma mais sucinta.

Considera-se o jornalismo internacional como um fenômeno intelectual e econômico, que foi consolidado como um produto do industrialismo do século XIX. Sua história está ligada ao desenvolvimento da escrita, à imprensa, à indústria editorial, às tecnologias de comunicação e ao transporte. [...] o advento das novas tecnologias de comunicação, como a Internet, veio a facilitar amplamente o trabalho das agências e seus correspondentes, principalmente por características do meio como a interatividade, a hipertextualidade e o caráter multimídia, vindo a agregar muito mais informações nas produções da editoria Internacional. Ainda se verifica que dentre as temáticas mais trabalhadas pelo jornalismo internacional, sobressai-se a questão da violência, principalmente, pela cobertura de guerras e conflitos, que tem se tornado um tipo de atração nessa editoria, desde os seus primórdios. (VIANA; LIMA, 2013, p.12)

As técnicas de redação de notícias sobre o estrangeiro foram se moldando conforme o tempo. Inicialmente eram redigidas crônicas jornalísticas, um relato quase literário sobre os fatos que diziam respeito a interpretações políticas e análises econômicas. O auge da atuação do jornalismo internacional segundo Viana e Lima (2013) foram as guerras, onde se destacou a habilidade dos jornalistas de enviar seus textos às redações. Tendo em vista a preocupação com os gastos, as novas tecnologias foram um impacto para concretizar o texto jornalístico internacional.

A cobertura de guerras foi sem dúvida uma dura prova para a habilidade dos jornalistas em enviar seus textos à redação. Los Monteros (1998) esclarece que os meios de transmissão da notícia para as redações centrais dos correspondentes e dos jornalistas em geral mudaram, assim como as formas de redação. A agência Reuters utilizou pombos correio e adquiriu cabos submarinos para transmitir os serviços informativos de sua empresa. A vantagem da comunicação via satélite, e o advento da Internet também tornaram instantânea a comunicação entre redações. (VIANA; LIMA, 2013, p. 10).

Ainda de acordo com Viana e Lima (2013) foi com a internet que o jornalismo começou a adotar novas maneiras de atuação principalmente no campo de jornalismo internacional. “Com o advento da Internet, o jornalismo internacional tem ampliado sua cobertura de fatos diversos, principalmente guerras e conflitos. [...] A Internet possibilita que uma mesma notícia seja atualizada várias vezes em um mesmo dia.” (VIANA; LIMA, 2013, p.10).

As formas de comunicação e pesquisa sobre as informações se tornaram mais eficientes, já que proporcionou maior agilidade na busca de fontes e o custo para obter a informação tanto com especialistas no exterior quanto no país sede diminuiu.

Antes da internet, além do mais, qualquer movimentação telefônica pelo mundo significava uma grande despesa para a empresa em que trabalho. Agora, não. A internet é uma ferramenta barata e de extrema maleabilidade para buscar opiniões de especialistas e informações que contextualizem a matéria bruta que as agências nos entregam. (NATALI, 2011, p. 58).

Natali (2011) afirma que, apesar das facilidades que a internet trouxe ao jornalismo, causando algumas mudanças no formato da produção, como a possibilidade de trazer uma maior contextualização histórica sobre o fato (um fator que as agências de notícias não disponibilizam para os veículos de comunicação); ela não substitui a existência de uma boa rede de correspondentes.

Quando se trata de jornalismo internacional, as notícias a serem produzidas devem seguir o padrão de valor notícia, ou seja, assuntos que tenham relação com o país sede. Podemos entender, conforme explana Natali (2011), que assuntos que envolvam a economia, questões culturais que tenham relações com o Brasil, por exemplo, serão as primeiras notícias a terem ênfases no noticiário. Uma característica muito importante em relação ao jornalismo internacional dentro da TV é a questão do espaço proporcionado para esta editoria. Os valores notícias dentro de um noticiário sempre se referem a assuntos ligados ao país, tendo em vista que a primeira pauta que possa ser derrubada são assuntos internacionais. Considerando essa questão, os jornalistas se dedicaram a realizar matérias mais informativas de maneira sucinta. (NATALI, 2011).

Nos últimos anos, com a evolução da tecnologia, as equipes começaram a ser enxugadas, tanto pela facilidade que as novas ferramentas de comunicação

disponibilizavam quanto para o corte de gastos da emissora. Podemos notar que com a tecnologia surgiu um profissional multitarefa. Dependendo da região onde o correspondente será designado, o trabalho será executado no próprio lar e no escritório ao mesmo tempo, ou seja, ele poderá contar com uma equipe ou deverá realizar todas as funções, como é o caso do *videorrepórter*.

A rotina de um jornalista fora de seu país se assemelha muito à de seus companheiros fixados no Brasil, porém com a crucial diferença de que ele é a sua própria redação. Ou seja, exerce todos os papéis: faz a pauta, entrevista, produz as imagens e escreve o texto. Além disso, está sozinho, ou acompanhado de poucos companheiros, dessa forma não conta com substitutos, tendo que trabalhar sem descanso. (SOARES, 2010, p.45)

A *videoreportagem* se tornou um protagonista na revolução tecnológica para os veículos de comunicação, apesar de ser ainda um formato em experimentação. Segundo Thomaz (2006) a indústria televisiva investe cada vez mais em ilhas de edição não-lineares, computadores modernos, câmeras digitais de fácil operação e meios que reduzam o custo da produção.

A equipe de reportagem continua sendo essencial, como explica Thomaz (2006). A *videoreportagem* não permite muitos recursos, tendo em vista que não há outro profissional para compor a produção, ou seja, outros elementos como iluminação e produção de imagens podem ser comprometidos, gerando uma perda na qualidade e na expressividade das imagens. (THOMAZ, 2006).

Ainda segundo Thomaz (2006), esta técnica começou no Brasil em veículos de comunicação televisiva que dispunham de poucos recursos tecnológicos.

No Brasil, a nova forma de produção de reportagem para televisão se desenvolveu [...] com dois grandes objetivos distintos: ora como uma proposta de redução de custos e, assim, tornar o telejornalismo mais viável economicamente, ora como uma opção para oferecer uma linguagem diferenciada, contribuindo para a crescente diversificação da TV e de seus modos de produção. Hoje, a *videoreportagem* é produzida em diversas emissoras de televisão. Porém, a atividade ainda está em fase de experimentação, pois legalmente o *videojornalista* não existe. (THOMAZ, 2006, p.3).

Não apenas na função de *videorrepórter*, mas de uma maneira como um todo no processo do jornalismo, o modo de produção exige novas habilidades e conhecimentos profissionais. (THOMAZ, 2006).

Outra característica atribuída ao jornalismo internacional é a cultura que os profissionais dessa área empregam para se manter no país estrangeiro. (SILVA, 2011).

Na correspondência internacional, como na docência universitária, na edição de livros ou na engenharia de automóveis, há uma cultura distinta, um amálgama de atitudes, práticas e idéias que dão forma ao comportamento de todos envolvidos no processo. (SILVA, 2011, p.81).

Devemos observar que, em cada país, será uma maneira distinta de se relacionar entre profissionais do meio. A necessidade de os jornalistas estarem juntos em um país, que é desconhecido pra eles, é pela existência de um “medo” de perder alguma informação. De acordo com Silva (2011, p. 82) é mais conveniente trabalhar em conjunto:

De qualquer modo, há um “estado de mente” que uma pessoa deve ter para se propor a exercer essa ocupação e que mais ou menos orienta seu processo de tomada de decisões enquanto ela está em atividade. [...] embora os correspondentes não se conheçam todos uns aos outros, há “padrões de relativa coesão” entre eles, derivados de um senso de compartilhamento de experiências, valores e tipos comuns, que quando qualquer um interage com outro pode criar uma rede de relações a que se pode chamar de comunidade, por mais que esse conceito esteja sujeito a discussões pelos seus usos anteriores, estritos ou vagos.

Ainda de acordo com Silva (2011), na necessidade de estarem juntos, além de não perder alguma informação importante para o veículo ao qual pertence, perdura um sentimento de fragilização tendo em vista que todos são estrangeiros, não possuem conexões e suas redes de segurança aparentam-lhes menos confiáveis em relação às que possuem em seus países de origem.

O sentimento de ser estranho provavelmente alimenta a camaradagem entre os que se encontram em situação parecida com a sua. Além de estarem no mesmo barco (que lhes é novo), os correspondentes sabem – no limite – dependem um do outro, embora na prática concorram entre si. [...] A tensão natural da dualidade concorrência/companheirismo é umas das características mais marcantes da cultura do correspondente internacional. (SILVA, 2011, p.85).

Para Silva (2011), é necessária a atuação em coletivo, em geral, correspondentes trabalham sozinhos e a pauta normalmente é vasta, o que pode ocasionar em perder algumas informações que fazem parte da sua área de

cobertura, para tanto o bom relacionamento com colegas de profissão é fundamental. “[...] é praxe um colega com quem se dá bem lhe passar o que ouviu e anotou.” (SILVA, 2011, p.86).

Silva (2011, p. 87) explica que é comum que haja esse bom relacionamento, é uma atitude que ajuda na eficiência do trabalho do profissional.

Agir em conjunto com os demais colegas correspondentes pode ajudar a aumentar a eficiência e adicionar valor ao trabalho de todos. Por isso, é comum ver concorrentes dividir despesas, trocar idéias sobre maneiras de abordar um assunto, passando conhecimento prévio sobre pessoas que vão ser entrevistadas em conjunto por eles.

De acordo com Natali (2011) devemos destacar três características imprescindíveis para atuação na editoria internacional como: ter fluência em pelo menos três idiomas, possuir uma visão aberta tanto com o relacionamento entre os colegas de profissão quanto para assuntos a serem debatidos e possuir um bom conhecimento em história. Ter um bom conhecimento de línguas é inevitável para conseguir uma boa comunicação e realizar uma matéria de qualidade. É necessário que o profissional esteja preparado para filtrar as entrevistas e colocar em uma lógica coesa e sensata para os leitores do país sede.

“É preciso mergulhar fundo no idioma para captar certas nuances que não permitirão apenas uma tradução correta, mas também direcionarão nossa própria percepção sobre um acontecimento.” (NATALI, 2011, 73).

Ainda de acordo com Natali (2011, p. 75) a importância do idioma está ligada diretamente a questões econômicas e políticas.

No século XIX, as elites oligárquicas do Terceiro Mundo podiam se dar ao luxo de dever dinheiro em libras esterlinas, mas seguir o modismos literários e filosóficos em francês. Eis, no entanto, que o século XX unificou as fontes de influência econômicas e culturais em um idioma que tinha por origem a ainda poderosa Inglaterra, e que também era praticado por uma potência emergente que se chamavam Estados Unidos. O inglês é hoje tão importante quanto o foi o latim há coisa de 18 séculos atrás. O jornalista monoglota é uma raça em extinção. Foi pelas editorias internacionais que eles começaram a ser extintos. (NATALI, 2011, p. 75)

O profissional que atua em âmbito internacional necessariamente precisa ter uma boa formação, e isto vai além da graduação em universidades. Idioma, bom conhecimento sobre a história do local, bom entendimento sobre política e

economia são necessários para uma boa cobertura, mas isso dependerá de qual editoria para qual o jornalista foi contratado.

3.2.3 Papel do correspondente

Na área da editoria internacional podemos destacar dois tipos de profissionais, os correspondentes internacionais e os enviados especiais. Essa diferenciação está ligada à forma de conteúdo que o veículo de comunicação necessita. De acordo com Soares (2010), os enviados especiais são jornalistas destinados exclusivamente à cobertura de algum assunto em particular, não sendo necessário residir no país estrangeiro. Como Soares (2010) afirma esses profissionais são enviados para a realização de séries de reportagens, ou realizar a cobertura de algum tipo de acontecimento pré-agendado. O enviado especial se difere do correspondente por se tratar de um profissional escolhido para captar informações em locais onde a empresa jornalística não possui nenhuma cobertura na área, ou são de alguma forma ainda inexperientes. (SOARES, 2010).

Já o correspondente internacional possui uma residência fixa no exterior, convive com a sociedade local e é responsável pela cobertura jornalística de determinada região ou país.

Esses profissionais geralmente trabalham sozinhos ou com uma equipe reduzida, decidindo eles mesmos suas pautas. Seu compromisso principal consiste em fornecer o maior número de material possível para que os editores, que trabalham na empresa sede em seu país de origem, escolham o que será veiculado. (SOARES, 2010, p.42)

Como afirma Soares (2010) é importante diferenciar esses profissionais para entender a relação com a pauta jornalística e suas fontes de informações.

O jornalista sediado em um país estrangeiro não está no local por um tempo limitado ou apenas para cobrir um evento, ele mora lá. Além de suas atividades profissionais, deve lidar com seus afazeres pessoais, com a distância da família, dos amigos e do país de origem. (NOME, 2010, p.43)

O dia a dia do correspondente é imprevisível como de qualquer jornalista. As notícias surgem de todos os lugares e é função do jornalismo transmitir esses acontecimentos aos seus leitores, ouvintes ou telespectadores.

Para Silva (2011) não existe uma rotina a não ser a forma de produção de notícia (entrevistas, redigir). Para o profissional em âmbito exterior essa “avalanche” de informações que chega ao repórter é mais intensa. São notícias vindas de todas as partes do mundo sobre economia, cultura, política e assim por diante.

É importante perceber também que as rotinas variam de acordo com o meio para o qual o repórter trabalha. A televisão exige pautas diárias, o rádio também; já as revistas semanais oferecem um prazo maior para a confecção das matérias. Essas diferenças implicam na maneira como o jornalista irá trabalhar. Contudo, existe um mínimo de organização diária para a produção das matérias e para que o deadline não seja ultrapassado. (SOARES, 2010, p. 46)

Segundo Silva (2011), pode-se dizer que o trabalho do correspondente é “massacrante”. Não existe distância entre lar e emprego, ele (a) deve estar na ativa o tempo todo, e também é fundamental dispensar grande atenção em relação ao fuso-horário.

Segundo Soares (2010), a primeira tarefa do jornalista fora de seu país é estar totalmente atento aos noticiários, ou seja, ligar a televisão, ouvir o rádio, acessar a internet e ler o jornal, essas funções devem ser realizadas todos os dias, levando em consideração que estas ações são fundamentais para que ele possa entender o que se passa à sua área de cobertura. Para Soares (2010) os canais televisivos mais acessados por estes profissionais são *British Broadcasting Corporation* (BBC) e *Cable News Network* (CNN).

Ainda de acordo com Soares (2010) o grande desafio após ter todas as informações é como filtrar esse material, ou seja, buscar qual fato internacional interessa aos telespectadores brasileiros.

Para Soares (2010) o correspondente normalmente necessita viajar para realizar sua matéria, tendo em vista que muitos são designados para cobrir não apenas a cidade, mas como o país ou o próprio continente. Concluída a captação dos conteúdos para a matéria o profissional retorna para o escritório ou sua casa, com a pesquisa e entrevistas realizadas. Em seguida é necessário preparar a matéria (redigir) e enviar o material bruto para o país sede para que a equipe possa finalizar o trabalho (edição).

Para Soares (2010) a imprevisibilidade é diária, mas apesar desta questão é necessário que o profissional tenha uma organização bem rigorosa, já que cumpre vários papéis

O jornalista no estrangeiro necessita dispor, segundo Silva (2011), de uma maior atenção ao fuso horário. Dependendo do local onde o profissional está alocado, o tempo pode ser maior ou menor para a produção do trabalho, isto pode ocasionar alguns erros nas informações, tendo em vista que o jornal no país sede possa estar fechando sua edição ainda quando os fatos estão ocorrendo.

É duro ter que fechar a matéria quando os fatos ainda estão ocorrendo, como é o caso muitas vezes do correspondente brasileiro nos EUA, em particular no inverno do hemisfério norte. Há casos em que uma entrevista coletiva começa quando o jornal está prestes a fechar na sede. No século XXI, o problema ficou bem menos grave, já que se tornou possível escrever e enviar o texto de um *smartphone*. (SILVA, 2011, p. 107).

Já para os profissionais que estão cobrindo a Europa já possuem algumas vantagens segundo Silva (2011).

Há situações na qual a matéria já se encontra pronta em contrapartida o escritório do veículo de comunicação da sede ainda nem tenha começado a reunião de pauta. Nesses casos o jornalista pode contar com mais tempo e calma para poder redigir suas informações; em compensação, alerta Silva (2011), o jornalista pode ser acordado pelos editores que estão no país sede durante a madrugada, uma vez que eles estão em pleno horário de trabalho necessitando de alguma informação. Essa questão dificulta o diálogo produtivo sobre qual a abordagem será dada ao tema.

Ainda de acordo com Silva (2011), o jornalista no exterior dispõe de uma grande autonomia, tendo em vista que é o profissional que está no local, sendo assim a redação normalmente respeita as prioridades que o correspondente determina. Atualmente a autonomia pode-se dizer que é mais compartilhada entre correspondente e redação graças à tecnologia e, principalmente, devido à instantaneidade que ela conferiu aos meios de comunicação.

Segundo Soares (2010), o trabalho entre redação e o jornalista deve ser simbiótica, ou seja, colaborar com informações sobre qual a pauta necessária para compor o noticiário do dia, sempre dando apoio ao profissional que está atuando fora do país.

É de fundamental importância perceber que a redação funciona como um apoio, e nunca como um censor. O trabalho do correspondente é marcado pela liberdade. É claro que os jornais exigem a cobertura de determinadas pautas, porém todos os jornalistas entrevistados frisaram que têm liberdade para propor pautas, fazer entrevista e realizar seu trabalho sem interferências. (SOARES, 2010 p.48).

As fontes do correspondente devem ser pessoas bem informadas e de confiança do profissional, tendo a segurança que não irá transmitir informações errôneas que possam comprometer a credibilidade do conteúdo. Silva (2011) alega que a rede de contatos do jornalista deve ser diversa em termos partidários, ideológicos, sociais.

Após os laços estabelecidos com as fontes, o profissional deve se comportar seguindo a ética jornalística, sempre profissional e evitar intimidade pessoal, caso contrário a matéria poderá ter influências negativas quanto a sua informação, aderindo questões pessoais que possam mudar o sentido do conteúdo.

A redação no Brasil também é uma fonte importantíssima para o profissional no exterior. Ela não fornece necessariamente informações relativas ao fato que está sendo coberto, mas sim dados como o espaço que existe na publicação para a matéria e o prazo de entrega da mesma. Além disso, pode servir como um termômetro para o correspondente, alertando-o, ou mesmo definindo, o que deve ou não ser alvo de sua cobertura. (SOARES, 2010, p. 48).

Além de se atentar às fontes, Soares (2010) lembra que se deve atentar até que ponto a cultura local pode interferir na matéria jornalística. A cultura pode afetar positivamente ou negativamente em determinada situação a ser abordada. A essência que o correspondente internacional deve empregar sempre em suas matérias é o olhar brasileiro, de que forma tal fato será interessante ao Brasil, e de que forma interpretar tal assunto.

Positiva ou negativa, homogênea ou heterogênea, aberta ou fechada, servindo de referência ou não; a cultura de origem de um correspondente internacional influencia, sim, o seu trabalho. [...] o principal diferencial da notícia do correspondente em relação à produzida pelas agências: o olhar brasileiro. (SOARES, 2010, p.50).

Para Silva (2011) as características do correspondente se enquadram na capacidade de organizar o pensamento com lógica, curiosidade, domínio do idioma

escrito, gosto pela leitura, disposição para trabalhar em condições adversas e com muito pouca folga e adaptabilidade a situações novas que mudam constantemente.

A personalidade é um ponto importante para quem atua neste ramo, tendo em vista que deverá fazer opções em prol do seu trabalho e que este moldará a forma de se portar.

Mais interessante é examinar os traços de personalidade citados para descrever o melhor correspondente na opinião dos entrevistados, que foram muito constantes. Entre os mais citados, destacam-se: tenacidade, integridade, honestidade intelectual, humor, estilo próprio e característico no texto, humildade, curiosidade intensa, charme, capacidade de perceber a importância histórica de eventos. (SILVA, 2011, p.98).

De acordo com Silva (2011) uma característica presente não apenas no jornalista fora do país, mas sim como um todo, é a questão da curiosidade. Esse traço de personalidade é essencial para o exercício da profissão em qualquer âmbito. Outros fatores que fazem parte do dia a dia do jornalista é ter uma visão aberta e entender que imprevistos são mais que comuns dentro do jornalismo.

[...] precisa conseguir se adaptar a situações novas com facilidade e eficiência, estar disposto a enfrentar inconveniências e desconfortos, ter a mente aberta para lidar com imprevistos e ter presença de espírito para aproveitar ao máximo as oportunidades [...]. (SILVA, 2011, p.100).

Muito se discute sobre qual formação seria necessária para um correspondente internacional. Esta questão se torna um pouco complexa, tendo em vista que cada área (país) de cobertura possui uma característica distinta de outras nações, bem como em qual meio de comunicação o jornalista está realizando o trabalho, qual tipo de pauta e equipamentos estão disponíveis, o que envolve questões econômicas e sociais.

De acordo com Silva (2011) é importante que o correspondente não seja apenas um generalista teórico, mas que tenha uma base sólida de como fazer notícias, entender o que é importante para as pessoas, para tanto é indispensável as experiências vivenciadas na prática, ou seja, práticas que se aplicam quando o profissional atua na rua.

Ainda segundo Silva (2011), a experiência acadêmica pode contribuir com conhecimentos que possam ser postos em prática em âmbito internacional, ou seja, ajudar a compor uma matéria que possa ser mais contextualizada e possuir

uma qualidade maior, tendo em vista as informações necessárias para o leitor ou telespectador brasileiro.

O fato de estudar em universidade, obter títulos de pós-graduação e ter inclinação para o trabalho acadêmico não necessariamente, no entanto, exclui a capacidade de lidar com a realidade e de identificar a notícia além das teorias. Hannerz menciona vários correspondentes europeus e americanos bem-sucedidos que ele entrevistou detentores de doutorados e mestrados e com teses sobre os países onde trabalhavam e os temas que cobriam, faziam um trabalho de boa qualidade exatamente devido a esse conhecimento. (SILVA, 2011, p. 103).

O jornalista com atuação em campo internacional deve levar em consideração que necessita justificar sua permanência fora de sua sede, ou seja, o seu trabalho não deve se limitar às informações de agências de notícias, mas trazer um conteúdo especializado de interesse nacional.

Para Natali (2011, p.71) é importante para o perfil de correspondente internacional possuir um bom conhecimento sobre história: “[...] a relação entre história e jornalismo internacional é uma relação ainda mais constante, necessário, fundamental, quase osmótica”.

Ainda segundo Natali (2011) a ideia de que o jornalista só lida com questões da atualidade é equivocada, não existe uma verdadeira competência profissional sem possuir uma visão histórica sobre o que está por de trás da notícia. A história facilita a compreensão da notícia, tornando-a mais contextualizada e didática para o leitor.

É indispensável repertório cultural de quem cobre a editoria internacional com conhecimento de história, geografia, geopolítico e da própria sociedade para que haja qualidade durante as coberturas. A convivência cotidiana com quem vive no local também é outro fator preciso para sempre ter boas fontes de informações assim como entender o funcionamento daquela sociedade e como se dão as notícias. (RUSCKY, 2013).

Outro requisito necessário para quem atua na área internacional é possuir uma ampla visão em relacionamentos e nos assuntos que possam a vir a ser notícia. Segundo Natali (2011) é preciso que o jornalista esteja livre de todos seus pré-conceitos em relação à cultura do país, às pessoas que poderão possivelmente ser fontes de informação e do relacionamento com seu colega de profissão que são indispensáveis para o meio da produção.

Natali (2011) afirma que não possuir esse bom relacionamento irá prejudicar na produção da matéria, levando informações rasas e sem fundamentações para seus leitores.

4 ENTREVISTAS COM OS CORRESPONDENTES

Para identificar a rotina profissional e a adaptação cultural dos correspondentes, foi feita uma comparação por meio de entrevistas em profundidade, a qual possibilita um entendimento qualitativo em relação à questão a ser estudada. Por meio de roteiro, as perguntas foram separadas em duas categorias: em relação ao processo de trabalho e ao processo de integração no país estrangeiro. O contato com esses profissionais foi realizado desde o mês de agosto de 2017 através do networking realizado com profissionais da área de jornalismo. Entramos em contato com a instituição Globo Universidade para criar uma ponte de comunicação para facilitar o contato com alguns profissionais, porém sem sucesso. Após a coleta de todas as informações, foi realizada a análise e o cruzamento de dados das respostas com o intuito de verificar se o objetivo principal do trabalho foi alcançado.

Para agendar as entrevistas e esclarecer quais os objetivos do trabalho, a comunicação foi feita através dos dispositivos *E-mail*, *Messenger*, *WhatsApp* e *Skype*. Como já se previa a dificuldade de entrar em contato com esses profissionais devido ao tempo limitado característico desta área, foram convidados para participar da entrevista 15 profissionais, os quais faziam parte dos grupos Globo, grupo Rede Bandeirante de comunicação (Band) e Sistema Brasileiro de Televisão (SBT). No entanto, apenas três se dispuseram a participar.

Para compor a análise sobre a rotina profissional e como se dá a adaptação deste profissional em âmbito internacional foi feita entrevista com três jornalistas: Ariel Palácios, Felipe Brisolla e Fernando Kallás.

4.1 ENTREVISTA COM ARIEL PALÁCIOS

Ariel Palácios é correspondente da Globo News na Argentina desde 1996. O jornalista formou-se em 1987 pela Universidade Estadual De Londrina (UEL/PR). Em 1995 se mudou para Buenos Aires, sendo que sua área de cobertura se estende pela América Latina. Palácios também foi correspondente em Buenos Aires do jornal “O Estado de S. Paulo”, rádio CBN (Central Brasileira de Notícias). Colaborou com a antiga rádio Eldorado entre 1997 e 2005 e com a revista impressa e portal Observatório da Imprensa. No ano de 2013 o jornalista lançou o livro intitulado como *Os Argentinos*. Importante destacar sobre suas coberturas relacionadas às crises econômicas e sobre os casos de corrupções que os países latinos americanos enfrentaram e os efeitos na sociedade.

a) EM RELAÇÃO AO PROCESSO DE TRABALHO

<p>1) Como é realizada a pauta? Existe alguma autonomia na decisão da mesma?</p>	<p>1) Eu sempre tenho que perguntar primeiro se tem espaço para o material. Na TV o espaço é limitado especialmente pelas horas, diferente do jornal de papel que é limitado pelas páginas que ele tem. Então depende basicamente do espaço e da importância, se são coisas mais urgentes ou menos urgentes. Então as prioridades são as mesmas em todo planeta. Eu posso ligar e dizer “olha está acontecendo tal coisa” ou eles ligam “gostaríamos que você fizesse material sobre tal assunto”.</p>
<p>2) Existe uma equipe para realizar as reportagens? Se sim, quantas pessoas?</p>	<p>2) A GloboNews tem escritório em Londres e Nova York. O resto dos outros correspondentes todos, inclusive eu, nós viramos sozinhos, não há equipe ou redação nenhuma para esses outros correspondentes. Essa coisa dos canais e jornais terem escritório, isso é coisa dos anos 80 e 90, depois todas as estruturas começaram a ser enxugadas de forma geral.</p>
<p>3) Como é a relação com as fontes?</p>	<p>3) As fontes de informações são de todo tipo desde governo, analistas, agências, colegas de profissão.</p>

<p>4) Quais notícias são mais importantes para o país sede?</p>	<p>4) Então depende basicamente do espaço e da importância, é o óbvio: questões políticas, econômicas ou, por exemplo, nesse último mês questões de ordem da natureza, terremotos, furacões. Então quer dizer o âmbito da cobertura é sempre muito amplo porque não é, por exemplo, como num jornal econômico, valor econômico que se concentra mais em questões econômicas. Em um meio que não é muito específico o leque de assuntos é muito mais amplo, então as prioridades são as mesmas de todo planeta: medidas econômicas, decisões políticas. Às vezes Venezuela é muito mais interessante em um momento ou Chile, mas de repente o Peru fica interessante por conta de uma conexão com o Brasil. Desde o ano passado o Peru vem sendo muito chacoalhado por conta do escândalo da Odebrecht, então isso acaba fazendo com que o Peru interesse mais que a Argentina, por causa desse vínculo.</p>
<p>5) O modo de se fazer jornalismo no Brasil é diferente do que de outros países. Como essa diferença pode interferir no trabalho do correspondente?</p>	<p>5) Eu não vejo tanta diferença. Há diferença no estilo jornalístico, há diferença às vezes no meio de comunicação, há diferença às vezes na qualidade de vida do jornalista, maiores salários ou menores salários, maiores pressões ou menores pressões política, perseguições, censura, violência e tal. O lead no Brasil é mais explicativo do que em outros países, então varia essas coisas, em alguns lugares o jornalismo é mais passional como no Paraguai, em outros países são mais sérios, mais sóbrios, mais analíticos; em alguns lugares o negócio é mais sensacionalista, em outros menos então há pequenas variações. Hoje em dia eu não acho que tenha tanta diferença de forma geral.</p>
<p>6) Como é o deadline tendo em vista o fuso horário?</p>	<p>6) O fuso horário acaba atrapalhando quando o Brasil acaba entrando no horário de verão, porque aí você tem que acordar uma hora mais cedo ou, por exemplo, no caso da Argentina, mas depende da peculiaridade de cada país, na Argentina, por exemplo, todos os anúncios do governo, tudo acontece muito tarde, então, por exemplo, às vezes</p>

<p>7) Qual seu local de trabalho? (Residencial ou escritório)</p>	<p>tem anúncios aqui, 6/7 na parte da noite e no Brasil no horário de verão já são 7, 8 ou 9 horas então já fica bem em cima do momento para entrar, por exemplo, no jornal das 6h, da GloboNews.</p> <p>7) É mais prático trabalhar em casa do que num escritório. Mas varia muito das pessoas, porque tem profissionais que não conseguem trabalhar em casa. Há pessoas que se sentem angustiadas que não se concentram, mesmo morando sozinhas, a não ser em lugares que por algum motivo de necessidade maior como no caso na GloboNews em Londres e Nova York que tem os estúdios. Ai você tem outra estrutura, mas isso varia de país pra país e de veículo de comunicação pra veículo de comunicação. E momentos econômicos também.</p>
<p>8) Qual a carga horária de trabalho?</p>	<p>8) O correspondente tem que estar permanentemente com os canais de notícias ligados o dia inteiro e você estará olhando as notícias sempre. Voltar de férias sempre é um problema porque você chega e diz “bom o que aconteceu nesse mês”. Então eu sempre uma semana antes de voltar ao trabalho, deixo empilhados os jornais do mês inteiro, faço uma repassada, falo com os amigos pra ter um informativo do que aconteceu nesse mês que estive. Senão não “dá”, acontece muita coisa em pouco tempo.</p>

b) EM RELAÇÃO AO PROCESSO DE INTEGRAÇÃO NO PAÍS ESTRANGEIRO (PERFIL)

<p>1) Qual perfil necessário para o profissional para atuar fora do país?</p>	<p>1) Ter a mente aberta, estar informada, ter um ótimo repertório cultural de preferência, mas principalmente ter a mente aberta. As coisas não funcionam como no país de origem. Não é só porque são países latinos americanos que são todos iguaiszinho. São tremendamente diferentes, e aí que acontecem as mancadas das pessoas quando escrevem achando que tudo é igual ao seu país de origem. Não dá pra tirar conclusões precipitadas. Tem que estar com a mente muito aberta e estar preparado pra trabalhar sozinho.</p>
<p>2) Quais idiomas são fundamentais para atuar neste campo?</p>	<p>2) A pessoa necessariamente precisa falar os idiomas dos lugares aonde ela quer ir. Inclusive o inglês, que é um idioma praticamente universal. Mas precisa de fato dominar a língua ou não tem possibilidade de fazer uma matéria e escrever o que necessita a informação para ser clara e objetiva.</p>
<p>3) A adaptação interfere?</p>	<p>3) Tem pessoas que começam a se irritar com o país aonde chegaram e começam a escrever matérias furiosas sobre qualquer coisa que acontece, o pessoal perde digamos o sentido real das coisas. Eu já vi pessoas que se irritaram por algum motivo aí as matérias que a pessoa escrevia durante aquela semana, eram matérias detonando o país. O importante é conhecer o país onde você está ou os países que você tem que cobrir, mas não se envolver politicamente ou passionalmente com o país, porque senão aí você perde a imparcialidade.</p>
<p>4) Como é a relação com colegas de profissão?</p>	<p>4) Isso varia muito de pessoa pra pessoa, de grupo pra grupo, de país pra país e de época pra época. Então por exemplo, houve épocas que o grupo brasileiro se dava muito bem aqui e depois houve épocas que se davam</p>

<p>5) Como formar o networking para a realização das reportagens?</p>	<p>muito mal. Agora, por exemplo, é um momento muito bom de novo. Os espanhóis eu sempre vi que são muito separados, um grupo pra cá outro grupo pra lá, aí varia muito de acordo com cada comunidade de correspondente, e a relação que eles têm com os jornalistas locais também varia muito.</p> <p>5) O correspondente tem que estar permanentemente “atenado”, ou seja, estar com os canais de notícias ligados o dia inteiro e estar sempre entrando em contato com as fontes em diversos países. Os informativos formais ou informais, as agendas, etc.</p>
<p>6) Qual a visão que o jornalista deve ter sobre assuntos internacionais?</p>	<p>6) Precisa ser didático e tem que dar um bom “background” para aquilo que ela está contando a pessoa entenda, porque como não são assuntos o qual as pessoas seguem no dia a dia como a lava-jato, que todo dia você recebe uma pilha de informações. Ou sobre como é que está indo Corinthians ou Palmeiras, como quem consome informações esportivas está permanentemente. Agora você está falando de um assunto de outros países que a pessoa não está de olho permanente, e que às vezes tem dias que não se fala. Então precisa contextualizar pra que a pessoa compreenda do que se trata este assunto e o que pode acontecer. Tem que ser explicativo, para que o leitor entenda integralmente do que a gente está falando, eu não posso começar a contar alguma medida econômica nova sem explicar o porquê essa medida está sendo tomada. É tentar não rotular as coisas de forma categórica.</p>
<p>7) Existe algum tipo de hierarquia na imprensa local? (Jornalistas nativos têm prioridade em alguns assuntos?)</p>	<p>7) Se uma pessoa diz que é correspondente de um veículo americano importante dependendo do país te dão mais bola do que em outros lugares isso sim, mas aí depende de onde você está. Então o Brasil tem muito peso na América latina, então facilita o trabalho. Eu não sei como seria se alguém do Brasil chega à Índia, ou no Quênia e tem que disputar uma entrevista com alguém da França ou dos EUA, aí talvez sejam pouco mais complicado.</p>

--	--

4.2 ENTREVISTA COM FELIPE BRISOLLA

Felipe Brisolla, formado pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp). Começou como correspondente pelo projeto passaporte do canal SporTV. Trabalha no canal há sete anos e por dois anos foi correspondente em Londres na Inglaterra. Suas matérias relacionadas ao esporte mostram outros ângulos além da paixão pelo futebol e afins, como questões sócio-culturais existentes em outros países.

a) EM RELAÇÃO AO PROCESSO DE TRABALHO

<p>1) Como é realizada a pauta? Existe alguma autonomia na decisão da mesma?</p>	<p>1) Precisa estar em consenso com a redação, mas eu tenho autonomia. Vamos dizer que agora eu começo a ler no jornal algo que me interessa; algum assunto que seja relevante eu compartilho a ideia com meus chefes e desenvolvemos a reportagem. Claro que outros assuntos que são mais complexos, eu preciso negociar mais, dar mais tempo. Eu tenho uma equipe de editoria internacional no Rio de Janeiro, então todas as ideias que a gente tinha lá em Londres, eu tinha que esperar se eles aprovavam. Então eu não sou totalmente independente, eu tenho que dialogar com essa equipe toda de editoria internacional, mas o diálogo é simples e normalmente as pautas quase sempre são todas aprovadas.</p>
<p>2) Existe uma equipe para realizar as reportagens?</p>	<p>2) O SporTV hoje tem três áreas de correspondentes, três nichos que são mais fortes de correspondentes. Nova York, Londres e Paris. Nestas três praças nós temos estrutura. Então tinha um “câmera” comigo sempre, meu repórter cinematográfico. Eu tinha um produtor</p>

<p>3) Como é a relação com as fontes?</p>	<p>que me ajudava a produzir as pautas e uma produtora para o administrativo que viabilizava bases de logísticas.</p> <p>3) Aqui no Brasil o trabalho é mais direto com a fonte. Hoje em dia as instituições estão muito bem organizadas com assessores de imprensa, então normalmente a primeira abordagem é com o assessor pra pegar as informações oficiais. Além disso, a gente tenta é de alguma forma encontrar outras pessoas que estão envolvidas no processo que possam dar depoimentos diferentes. No Brasil isso é mais fácil, fora isso também acontece, porém dependemos mais de agências porque não tem como eu ter uma presença em vários países do mundo. Então tenho contatos com fontes sim, mas lá fora é mais complicado.</p>
<p>4) Quais notícias são mais importantes para o país sede?</p>	<p>4) Infelizmente o Brasil é um país muito ligado ao futebol eu falo infelizmente porque por causa da alta busca do futebol, nosso conteúdo acaba sendo muito ligado em apenas em um assunto o que é ruim. Se pudéssemos colocar mais coisas sobre o esporte seria mais interessante para a sociedade como um todo, mas por outro lado para ser social e pra não se operar em vermelho, precisamos obter lucros, então o futebol traz mais repertório, é uma balança complicada de gerenciar. Então são assuntos que também tragam informações sobre essa cultura, sobre a economia, sobre a questão da religião e por assim vai.</p>
<p>5) O modo de se fazer jornalismo no Brasil é diferente do que de outros países. Como essa diferença pode interferir no trabalho do correspondente</p>	<p>5) Na essência o jornalismo é igual no mundo inteiro, mas na prática não é, e acaba esbarrando. Então, em alguns países as pessoas são mais fechadas. No Brasil você tem muito acesso às pessoas, você consegue conversar às vezes com um político com um dirigente mesmo que a instituição dele não fale com você. Lá fora é mais difícil, o inglês, por exemplo, se eu tentar fazer uma matéria sobre o governo britânico é muito difícil pra mim, com pouco tempo de Reino Unido falar com um político do governo britânico por fora.</p>

<p>?</p> <p>6) Como é o deadline tendo em vista o fuso horário?</p> <p>7) Qual seu local de trabalho?</p> <p>8) Qual a carga horária de trabalho?</p>	<p>6) É curioso porque troca a rotina pra poder se adequar ao horário do Brasil. Como correspondente eu trabalhava adequado ao horário do Brasil. Existe um bom senso nas extremidades, na manhã e à noite. Todas as coisas que eu cubro de manhã eu tenho mais tempo para sentar e fazer com calma. Nos EUA é mais complicado para quem está lá, pois tem menos tempo para escrever. Isso interfere completamente na forma de trabalhar.</p> <p>7) Em Londres a gente tinha um escritório bem montado. Londres e Nova York têm essa possibilidade, Paris não tem então, as pessoas têm que trabalhar em casa Normalmente hoje os correspondentes trabalham mais em casa mesmo. Acho muito bom quando a empresa possui um escritório. Porque acredito que quando você tem uma estrutura física fica mais fácil de organizar, fica mais profissional. Pelo meu perfil, não teria o mesmo foco quando eu estou na empresa.</p> <p>8) Varia de acordo com a demanda. Normalmente, eu já tenho os temas que quero trabalhar, então posso ir trabalhando aos poucos, se eu acordo e o noticiário está muito fraco, não tem muito factual aí eu trabalho dentro do que já tinha planejado. Vai de acordo com que o noticiário irá precisar. Se tiver muito factual eu entro mais ao vivo e faço pouca matéria.</p>
--	---

--	--

b) EM RELAÇÃO AO PROCESSO DE INTEGRAÇÃO NO PAÍS
ESTRANGEIRO (PERFIL)

<p>1) Qual perfil necessário para o profissional para atuar fora do país?</p>	<p>1) É a cabeça da pessoa. O correspondente precisa ter a visão muito ampla, não deixar que os gostos pessoais interfiram no momento em que precisa cobrir algum evento.</p>
<p>2) Quais idiomas são fundamentais para atuar neste campo?</p>	<p>2) Conhecimento de idiomas é muito importante, não necessariamente que a pessoa tenha que falar mais que dois idiomas. Eu acredito que em países que falam inglês você tem que falar inglês, se não falar você não vai ser um correspondente. Você não vai conseguir entender a cultura local. Então acho que no mínimo tem que ter um inglês muito avançado, apesar de que o inglês é tão universal hoje que até o correspondente que está na Espanha precisa saber se comunicar. Quanto mais idiomas, faz mais diferença.</p>
<p>3) A adaptação interfere?</p>	<p>3) Primeira dificuldade é que no Brasil as coisas são mais abertas, as pessoas são mais acessíveis, você tem acesso de uma forma mais fácil. Se eu chego atrasado no Brasil em um entrevista em coletiva, talvez eu ainda consigo que o entrevistado me responda algumas perguntas no fim. Em outros países que eu estive presente isso não acontece. A relação é muito diferente, e o correspondente sofre porque se a fonte falar não é não, o assessor de imprensa não dá jeito. A cultura é determinante para você não interpretar fatos errados.</p>
<p>4) Como é a relação com colegas de profissão?</p>	<p>4) É boa, a relação é boa. A gente tem uma compaixão entre os correspondentes, porque todos vivem basicamente a mesma coisa, mas trabalhando com uma camisa diferente. De uma forma geral existe sempre uma ajuda, informações são compartilhadas abertamente, existe uma união muito forte. É claro que sempre tem alguém que prefere trabalhar sozinho, mas de uma forma geral todos se ajudam.</p>

<p>5) Como formar o networking para a realização das reportagens</p> <p>6) Qual é a visão que o jornalista deve ter sobre os assuntos internacionais ?</p> <p>7) Existe algum tipo de hierarquia na imprensa local? (Jornalistas nativos tem prioridade em alguns assuntos?)</p>	<p>5) Eu acho que o estrangeiro nunca vai conseguir em curto prazo se inserir numa cultura local, eu verdadeiramente acho muito difícil, falando em países organizados, acho que essa diferença cultural impede. Eu fiquei em Londres dois anos e não me senti totalmente inserido na cultura dos ingleses, porque isso leva a tempo. Mas por outro lado o que pode ter mudado, é que com a globalização, com a internet a informação trafegando mais rápido, hoje existe mais viabilidade para assuntos profissionais, é bem mais tranquilo estar neste formato atual.</p> <p>6) O jornalista tem que olhar para qual a linha editorial é do meio no qual ele trabalha. Porque eu posso ter muitas ideias e não serem aplicadas. A visão tem que ser muito objetiva e alinhada com o que o jornal dele pede.</p> <p>7) Sim, a imprensa do país é quem tem prioridade, e depois vem escolha pelos grandes veículos, aqui no SporTV no Brasil temos uma condição favorável. Lá fora já muda, não somos prioridades para quase ninguém. Como na França eles vão dar prioridade para veículos franceses depois para os grandes veículos, Sky News, BBC, enfim as grandes e aí depois eles começam México, Brasil. Então existe sim uma de “esperar a nossa vez.”</p>
---	--

4.3 ENTREVISTA COM FERNANDO KALLÁS

Fernando Kallás começou sua carreira com as equipes do RJTV, grupo globo. Atualmente reside em Madrid na Espanha, onde atua cobrindo futebol internacional para o jornal espanhol Diario AS. É comentarista esportivo e correspondente do SporTV. Também colabora para a BBC Brasil na capital espanhola. Kallás também contribui com participações nos programas dos canais *BBC World Service, Aljazeera, ESPN Brasil, Cadena SER, Bein Sports, Sport TV, W Radio, Ross Tucker Football Podcast*.

Em sua carreira podemos destacar as coberturas das Olimpíadas de 2016 e a Copa do Mundo de 2014 realizados para o Diario AS e a TV Globo. Realizou também coberturas esportivas dos jogos da Liga dos Campeões.

a) EM RELAÇÃO AO PROCESSO DE TRABALHO

<p>1) Como é realizada a pauta? Existe alguma autonomia na decisão da mesma?</p>	<p>1) A BBC quando tem notícias algumas vezes eles me falam “olha Fernando, semana que vem vai ter o FHC em Madrid, tenta fazer entrevista com ele”, aí eu vou atrás, mas agora a grande maioria é iniciativa do repórter de correr atrás.</p>
<p>2) Existe uma equipe para realizar as reportagens? Se sim, quantas pessoas?</p>	<p>2) O novo correspondente tem que fazer tudo. Ele tem que editar, tem que filmar, tem que fazer tudo, não tem equipe, a equipe é você. É uma loucura, mas é o que é. Eu tenho uma câmera, tenho o tripé, faço as imagens e a captação de áudio.</p>
<p>3) Como é a relação com as fontes?</p>	<p>3) O jornalista se faz de rua. A fonte você só faz trabalhando, é um tempo. E é muito fácil você perder uma fonte, principalmente quem trabalha muito com</p>

	<p>futebol. O jogador troca de celular o tempo todo, então o mais importante para você manter a fonte é estar onde essas pessoas estão. É algo que demora, dá trabalho, mas é gratificante porque tão importante ter as fontes suas é importante saber usar a fonte dos outros.</p>
<p>4) Quais notícias são mais importantes para o país sede?</p>	<p>4) O problema no internacional no Brasil é que você tem um país gigante, continental, é um país que acontece tanta coisa todo dia que o factual come tudo. Quando você entra pra uma redação dentro de uma reunião de pauta você tem que saber o que é uma notícia, notícia pra mim é o que afeta diretamente a vida da pessoa que está lendo ou vendo esta notícia. Então o que afeta a vida do brasileiro em notícia internacional? Atentado terrorista? Será que um dia vai chegar ao Brasil? Poxa estão morrendo 300 pessoas na Somália esta semana. E tem o lado pessoal “poxa vida, que drama dessas pessoas”. A pessoa mesmo que seja um professor de primário no interior de Minas Gerais, não sabe que esta notícia é pra ela, mas aí vem também o critério de jornalismo, “essa pessoa tem que saber o que está acontecendo” é o mundo onde ela vive. Então pra mim notícia é o que afeta a vida da pessoa.</p>
<p>5) O modo de se fazer jornalismo no Brasil é diferente do que de outros países. Como essa diferença pode interferir no trabalho do correspondente?</p>	<p>5) Muda porque você não está na redação, então para o trabalho de correspondente precisa ter certa disciplina, principalmente quando você é freelance, você não tem salário no fim do mês, não paga as contas. Então é muito complicado, você tem que ter disciplina. Se você está na redação no Brasil sai com motorista, com câmera, com assistente técnico de som, e aqui está sozinho, não tem comodidade da redação, e geralmente está totalmente sozinho onde não conhece, onde a cultura é diferente, onde as pessoas se relacionam diferente.</p>
<p>6) Como é o deadline tendo em vista o fuso</p>	<p>6) O deadline difere pra cada meio. Posso dizer pelas minhas experiências de coberturas de grandes</p>

horário?	eventos, em copa do mundo, olimpíada e eventos internacionais, que é complicado porque, por exemplo, na copa quando você está nas Américas é muito difícil porque o dia amanhece antes nos EUA, ou depois. Às vezes ainda não teve coletiva de imprensa, então você tem que se virar pra ter notícias.
7) Qual seu local de trabalho? (Residencial escritório)	7) O trabalho nos dias atuais é de casa, já está acabando as empresas manterem escritório.
8) Qual a carga horária de trabalho?	8) Isso varia muito do que a empresa pede, mas é claro que necessita ficar atento 24h, porque as informações não param.

b) EM RELAÇÃO AO PROCESSO DE INTEGRAÇÃO NO PAÍS ESTRANGEIRO (PERFIL)

<p>1) Qual perfil necessário para o profissional para atuar fora do país?</p>	<p>1) O perfil do correspondente internacional está mudando nos últimos anos, com as novas tecnologias, e com a falta de dinheiros dos veículos de comunicação. Os repórteres da Globo nos anos 80, a Globo pagava o alfaiate, todo o armário deles durante o ano inteiro, isso nos anos 80, hoje em dia é o contrário, e já está para acabar o que é televisão, o que é internet, TV a cabo, vai virá tudo a mesma coisa, quem cobre política ou notícia diária.</p>
<p>2) Quais idiomas são fundamentais para atuar neste campo?</p>	<p>2) É aquele negócio, o mundo mudou. Inclusive antes o correspondente internacional era um prêmio, era o máximo do jornalista e hoje em dia é o contrário tem muita gente que termina a faculdade sem experiência e vira correspondente porque estava no lugar certo, na hora certa.</p>
<p>3) A adaptação interfere?</p>	<p>3) Quando você é jornalista você tem que dominar o idioma, eu demorei cinco anos para poder, e ainda hoje mesmo trabalhando num veículo espanhol eu demoro 3 vezes mais pra escrever um texto que um colega espanhol, e ainda assim meus textos precisam passar por uma edição. O jornalismo é um trabalho da língua.</p>
<p>4) Como é a relação com colegas de</p>	<p>4) Muitas vezes você tem que ser didático, você tem</p>

<p>profissão?</p> <p>5) Como formar o networking para a realização das reportagens?</p> <p>6) Qual a visão que o jornalista deve ter sobre os assuntos internacionais?</p> <p>7) Existe algum tipo de hierarquia na imprensa local? (Jornalista</p>	<p>que explicar o que é, se não vai contar uma matéria na Espanha você não vai contar da mesma maneira para um brasileiro, por exemplo, se vai falar do partido político você tem que explicar qual é a ideologia do partido, qual é o passado, como é que ele ganhou. Você tem que ser muito didático e menos profundo, a preocupação, por exemplo, do caso da Catalunha aqui na Espanha, pro espanhol é totalmente diferente pro brasileiro.</p> <p>5) Jornalista não chama o outro de colega à toa. É muito importante você compartilhar suas fontes com seus colegas. Hoje mesmo de manhã troquei fontes com quatro colegas diferentes. O que acontece muito comigo é que os colegas do Brasil me pedem de repente o contato de um jogador espanhol de um clube e eu sempre peço contato de jogador brasileiro. Então é muito importante isso, não adianta você ficar guardando fonte, um dia você vai precisar e ninguém vai te dar. O Brasil vai jogar contra Inglaterra daqui a três semanas em Londres, então o que acontece; entre ontem e hoje eu troquei fontes com quatro colegas diferentes.</p> <p>6) Você tem que explicar o que está acontecendo. As matérias da Catalunha no Brasil, por exemplo, deve ir muito mais a fundo no histórico sobre o porquê a crise chegou a esse ponto do que falando de nome de políticos. Brasileiro não vai querer saber se fulano está envolvido ou falou isso ou falou aquilo, é algo mais global, você tem que explicar o que está acontecendo, o brasileiro quer saber o que está acontecendo hoje, se vai ter independência ou não vai.</p> <p>7) O que existe é meio, então se você trabalha claro, mas isso é em qualquer lugar do mundo, se você no Brasil trabalha pra Globo e outro jornalista trabalha pra Rede TV, a probabilidade que a Globo consiga a entrevista é muito maior do que o cara da</p>
---	---

<p>nativo tem prioridade em alguns assuntos?)</p>	<p>Rede TV, mas isso é no mundo inteiro. Se você trabalha no The New York Times, chegar ao presidente dos EUA é muito mais fácil do que se você trabalha, no Washington Post por exemplo. Isso não é por nacionalidade, não é por país, por exemplo, não adianta os meios de comunicação maiores são mais potentes.</p>
--	---

4.4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Em todas as entrevistas ao questionar sobre a rotina de trabalho do correspondente, nota-se atualmente, que essa rotina vem se configurando de acordo com as novas tecnologias. Entende-se que o processo de evolução tanto do jornalismo assim como da editoria internacional, vem se modificando da mesma maneira como no passado ao refletir sobre como as mudanças tecnológicas afetaram o processo de jornalismo. Assim como cita Ariel Palácios em sua entrevista, nas décadas dos anos de 1980 e 1990 as empresas mantinham escritórios que investiam de maneira mais efetiva na imagem e estrutura destes profissionais.

Atualmente, o enxugamento de equipes vem diminuindo os escritórios de redação ao redor do mundo, e os profissionais necessitam cada vez mais tornarem-se *multitarefa*s, ou seja, realizar o papel de toda uma equipe e estarem atentos vinte e quatro horas por dia, já que as notícias são diversas. As equipes de reportagem variam de meio para meio e de país para país. Fernando Kallás adverte que atualmente a tarefa do correspondente é ser *multitarefa*s, é um novo grupo de correspondentes que a atualidade pede. Então o câmera, repórter, produtor devem estar integrados em uma única função.

Segundo os entrevistados, a produção da pauta necessita ser dialogada entre redação e profissional, ou seja, a tarefa de *Gatekeeper* não compete apenas a uma pessoa, como antigamente quando os meios de comunicação não eram tão rápidos e a redação dependia do profissional para ditar o que seria importante ou não. Como Felipe Brisolla afirma, os escritórios são instalados em países que possuem vínculos com o país sede, ou são importantes para o mundo inteiro, pois participam de uma potência mundial.

Durante a atuação fora do país, as fontes de informações para os correspondentes são, de acordo com os entrevistados, de modo geral órgãos oficiais, instituições, assessores, colegas de trabalho ou agências de notícias. Como Fernando Kallás afirma, o jornalista se faz na rua, e é muito fácil de perder fontes. Devido a este fator é imprescindível que o profissional mantenha sempre contato com essas pessoas e sempre estar onde todos estão. Como Felipe Brisolla explica, é mais fácil manter as fontes quando se está no país de origem. Esse contato em exterior é um pouco mais complicado devido a questões culturais, ou seja, as pessoas acabam sendo um pouco mais fechadas e entrar em contato com algum órgão se torna um pouco mais burocrático do que seria na própria pátria. Porém, ele ainda afirma que, graças às questões tecnológicas, essa barreira ao ter contato com as fontes é mais fácil de ser resolvida.

De acordo com os entrevistados, a maneira de atuar como jornalista difere quando se está em outros países, apesar de a essência do jornalismo prevalece em qualquer parte do mundo. Os entrevistados apontam algumas situações que o correspondente enfrenta fora de seu país como: não ter a redação, estar em um país com outra cultura e ter que atuar sozinho, diferenças nas estilísticas e interpretações de fatos e o acesso às fontes. Para tanto Fernando Kallás alerta, é necessário que o profissional que irá atuar nesta área tenha uma forte disciplina para se organizar, principalmente devido à questão do fuso-horário.

Os entrevistados acreditam que complica um pouco a produção do conteúdo dependendo do país ao qual está atuando. Felipe Brisolla diz que altera a rotina de trabalho e interfere o meio de produção, pois o tempo dependerá se o profissional estará à frente ou atrás do horário do Brasil, sendo assim o jornalista poderá ter mais ou menos tempo para a produção da matéria. Fernando Kallás ainda complementa observando que os eventos que se procedem no país estrangeiro podem não coincidir com o fechamento do jornal no país sede, sendo assim o jornalista precisará utilizar da criatividade para poder enviar notícias ao veículo ao qual pertence.

A questão da adaptação no país é um fator importante para a matéria jornalística. Segundo Ariel Palácios, a maneira como que o profissional enxerga o país no qual está estabelecido pode impactar na maneira como a matéria será produzida, ou seja, às vezes por algumas complicações no momento da adaptação, gostos pessoais podem ser incorporados prejudicando assim a

qualidade jornalística. Para Felipe Brisolla se adaptar aos costumes do país é essencial para não ficar de fora das informações que as fontes transmitem. Um exemplo que ele cita é em relação aos atrasos. No Brasil tem-se o costume de amenizar pessoas que se atrasam, às vezes por conta do trânsito ou outros empecilhos que possam ter acometido ao profissional, porém atrasos em outros países como Inglaterra são banalizados.

Diante dessa adaptação, o perfil deste profissional vem mudando conforme os anos, porém uma característica é predominante: ter visão ampla sobre os fatos. Os entrevistados acreditam que é necessário que o profissional tenha um bom repertório cultural, assim como é necessário para qualquer jornalista, mas principalmente entender que os assuntos devem ser tratados de formas diferentes. Para Ariel Palácios, o profissional tem que entender que os países possuem uma cultura diferente, ou seja, se determinado fato ocorre de uma maneira no país de origem, este tal fato não será igual ao país onde está atuando. As interpretações devem ser cautelosas para não transmitir informações errôneas ao leitor ou telespectador. Para Felipe Brisolla, a matéria deve ser produzida se atentando para que os gostos pessoais não interfiram na produção da mesma, para tanto é necessário que o jornalista esteja aberto para entender como funciona a cultura do país estrangeiro. Fernando Kallás acredita que o profissional está mudando e que nos dias atuais é necessário que jornalista esteja no lugar certo e na hora certa. Outra característica indispensável para o correspondente internacional é conhecimento profundo da língua ao qual está situado. Os entrevistados afirmam que o inglês é indispensável nos dias atuais, assim como outras línguas também são necessárias para realizar um bom trabalho, mas advertem que o conhecimento superficial não é suficiente para produzir matérias de qualidade. É necessário que haja uma profunda interpretação dos fatos.

As notícias que têm peso para a editoria internacional são assuntos de questões políticas, econômicas ou desastres naturais, ou seja, assuntos que possuam de alguma forma vínculos com o Brasil. De acordo com Palácios, o âmbito de cobertura internacional é muito amplo, pois não se trata de uma área especializada como seria em uma revista econômica. Fernando Kallás afirma que o problema na editoria internacional no Brasil está na dimensão do país, “[...] você tem um país gigante, continental, é um país que acontece tanta coisa todo dia que o factual come tudo”. Para Kallás neste aspecto, é imprescindível que a ideia sobre

o que é notícia esteja bem clara. Dentro de uma reunião de pauta ou produção jornalística, principalmente para quem atua fora do país, tendo em vista que normalmente esse profissional atua sozinho, este é um item indispensável para uma boa reportagem.

Os assuntos internacionais são selecionados pelos profissionais de acordo com os critérios de *noticiabilidade*, ou seja, é necessário que o profissional tenha completa noção sobre quais notícias poderão interferir na vida das pessoas no país ao qual o veículo de comunicação pertence para que se mantenha a relevância das pautas internacionais. Encontra-se a forte presença das teorias de *Gatekeeper* e *Newsmaking* dentro das entrevistas realizadas com os profissionais. O jornalista que está fora de seu país de origem é o porteiro das informações que são enviadas para seu país. Este deve trabalhar conforme as normas e a rotina da empresa a qual pertence, ou seja, elaborar formas de relatar os assuntos e estar de acordo com o planejamento produtivo de sua empresa a qual estabelece práticas consolidadas na produção de notícias.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma equipe reduzida e o tempo de produção de matérias, que pode ser maior ou menor de acordo com o fuso-horário de cada país, podem atrapalhar a rotina profissional dos correspondentes e sucessivamente suas matérias jornalísticas. A adaptação deste profissional irá definir a interpretação dos fatos em âmbito internacional e garantir a credibilidade do veículo ao qual pertence, tendo em vista a questão da adaptação, é fundamental que o profissional tenha um perfil adequado ao qual a área exige.

O desafio para o jornalista é se adequar a uma rotina para executar uma matéria de qualidade. Logo que o jornalista chega ao país que irá realizar coberturas, este deve se adaptar à língua, costumes nativos (que fazem a diferença na interpretação de fatos) e ainda realizar o trabalho de toda uma equipe para produzir conteúdo.

O profissional não deve apenas transmitir informações, mas deve haver todo um cuidado de que maneira aquela informação será tratada, tanto em âmbito internacional quanto nacional.

Dessa maneira, o modo como é praticada a comunicação na América, por exemplo, não deverá ser a mesma praticada na Europa. O correspondente deve estar apto a entender os distintos níveis socioculturais existentes em cada nacionalidade e estar preparado profissionalmente. Os fatores como rotina, fuso horário, colegas de trabalho, idioma, costumes locais podem interferir no momento da adaptação.

Os objetivos da pesquisa de entender quais estratégias os profissionais se utilizam para se adaptar na realidade do país foram alcançados à medida que as entrevistas eram relacionadas. As fontes, a relação com colegas de profissão, organização diante a rotina de trabalho, que varia de país para país, são relações que os profissionais devem manter diariamente para a realização de seu trabalho.

Como afirma Fernando Kallás, o perfil do correspondente vem mudando gradualmente conforme a evolução das tecnologias, e as estratégias que surgem para redigir uma notícia, da melhor maneira que sua audiência possa compreender. “O perfil do correspondente internacional está mudando nos últimos anos, com as novas tecnologias, e com a falta de dinheiros dos veículos de comunicação”.

O cargo de correspondente atualmente não é apenas um prêmio ao profissional com longo tempo de carreira, como argumenta Ariel Palácios. Essa função passou a exigir novas qualidades do profissional, como se tornar multitarefa e possuir uma ampla visão sobre os fatos que ocorrem fora de seu país de origem como questões sociais e culturais. Entendemos que o mundo passou a exigir outras configurações do jornalismo, e para o jornalista que atua fora do país de forma mais intensa. De forma que a tecnologia chegou para facilitar o trabalho do correspondente, a necessidade de possuir um profissional mais versátil e que não tenha problemas para a adaptação cultural no país estrangeiro se tornou mais necessária do que nunca. Entender como funciona a cultura estrangeira é crucial para que o jornalista realize suas matérias sem transmitir informações erradas, ou que se perca a imparcialidade. Felipe Brisolla em depoimento afirma “o correspondente precisa ter a visão muito ampla, não deixar que os gostos pessoais interfiram no momento em que precisa cobrir algum evento”.

A organização e a constância em uma rotina de trabalho são fundamentais para que este profissional consiga separar as informações que chegam diariamente a todo instante. É primordial que o correspondente, independentemente se possua tempo de carreira, tenha uma formação bem sólida. Dominar línguas profundamente e ter um bom repertório cultural são necessários.

Conclui-se que as novas tecnologias que surgem a cada ano, continuam mudando o jornalismo principalmente na área da editoria internacional, a qual exige cada vez mais um profissional versátil que possa desempenhar boa parte das funções de uma equipe de reportagem. Para tanto é necessário que este profissional tenha uma formação sólida possuindo um bom repertório cultural para poder entender as questões culturais de outros países, de maneira que possa interpretar e analisar assuntos corretamente sem que haja interferência sobre as questões culturais e gostos pessoais. A pesquisa atingiu seus objetivos ao que se refere entender como a adaptação cultural e a rotina profissional possam dificultar o trabalho e afetar a matéria jornalística. A pesquisa também abrangeu todas as qualidades necessárias para o perfil do correspondente internacional, características as quais são indispensáveis para realizar uma cobertura internacional de qualidade.

A editoria internacional requer cada vez mais estudos sobre o meio, tendo em vista a globalização cada vez mais frequente na vida das pessoas e a

necessidade de se consumir notícias de qualidade em relação ao mundo, que diretamente ou não, afetam a vida dos cidadãos.

REFERÊNCIAS

- ALCURE, Lenira. **Telejornalismo em 12 lições**: televisão, vídeo e internet. São Paulo: Saraiva, 2011.
- ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009
- BARBEIRO, Heródoto. **Manual de Telejornalismo**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.
- BENEDETI, Carina Andrade. **A qualidade da informação jornalística**: do conceito à prática. Florianópolis: Insular, 2009. v. 2.
- CURADO, Olga. **A notícia na TV**: o dia-a-dia de quem faz telejornalismo. São Paulo: Alegro, 2002.
- GARCIA CANCLINI, Nestor. **A globalização imaginada**. São Paulo: Iluminuras, 2003.
- IANNI, Octávio. **A sociedade global**. 15 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- JESPERS, Jean – Jacques. **Jornalismo televisivo**: princípios e métodos. Coimbra, Portugal: Minerva, 1998.
- LASTRES, Helena; ALBAGLI, Sarita. (Org.). **Informação e globalização na era do conhecimento**. Rio de Janeiro: Campus, 1999. Disponível em: <<http://www.uff.br/ppgci/editais/saritalivro.pdf>>. Acesso em: 5 nov. 2016.
- LAGE, Nilson. **A Reportagem**: teorias e técnicas de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensão do homem**. São Paulo: Cultrix, 1969.
- NATALI, João Batista. **Jornalismo Internacional**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- OROZCO, Guilherme Gómez. **O telespectador frente à televisão**. Uma exploração do processo de recepção televisiva. Disponível em: <http://softwarelivre.org/articles/0003/4763/OROZCO_TELESPECTADOR_FRENTE_A_TV.pdf> Acesso em: 28 de outubro de 2017
- RUSCKY, Renata Silveira. **O perfil e a rotina dos correspondentes internacionais**. 2013. 46 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, 2013. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/5057/1/2013_RenataSilveiraRusky.pdf>. Acesso em: 29 set. 2016.

SILVA, Carlos Eduardo Lins. **Correspondente Internacional**. São Paulo: Contexto, 2011.

SOUZA, José Carlos Aronchi de. **Seja o primeiro a saber**: a CNN e a globalização da informação. São Paulo: Summus, 2005.

THOMAZ, Patrícia. **A linguagem experimental da videoreportagem**. 2006. 171 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade de Marília, Marília, 2006. Disponível em: <<http://www.unimar.br/pos/trabalhos/arquivos/62f36f755ae0945cd96fa2317a1747c8.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2017.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**: porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2005.

VIANA, Bruno César Brito; LIMA, Maria Érica de Oliveira. Além das fronteiras: uma breve reflexão sobre a trajetória do Jornalismo Internacional. **Cultura Midiática**, Paraíba, ano 6, n. 10, p. 1-14, jan./jun. 2013. Disponível em: <<http://www.biblionline.ufpb.br/ojs/index.php/cm/article/view/16198/9271>> Acesso em: 20 fev. 2017.

VIEIRA, Maria Clara Nicolau. Correspondente Internacional: Estudo sobre a atual conjuntura da profissão. **Revista ALTERJOR**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 123-134, jul./dez. 2015. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/105427/104098>>. Acesso em: 29 set. 2016.

_____. O Brasil segundo olhos estrangeiros: a cobertura jornalística de um correspondente internacional em tempos de megaeventos esportivos no país. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 39., 2016, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2016. p. 1-14. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-2545-1.pdf>>. Acesso em: 29 set. 2016.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. 5. ed. Lisboa: Presença, 1999.

WOLTON, Dominique. **É preciso salvar a comunicação**. São Paulo: Paulus, 2006.

_____, Dominique. **Pensar comunicação**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004.

SOARES, Maira. CORRESPONDENTE. 2010. 76f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Jornalismo) – Universidade Estadual paulista. Bauru.

Brasil. Presidência da República. Secretaria Especial de Comunicação Social. Pesquisa brasileira de mídia 2016: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. – Brasília : Secom, 2016. 120 p. :il.

APÊNCIDE A – Termo de consentimento livre e esclarecido

Este contato é um convite para participar da pesquisa “UM ESTUDO SOBRE A ADAPTAÇÃO E A ROTINA PROFISSIONAL DE CORRESPONDENTES INTERNACIONAIS”, realizada pela aluna de Jornalismo, Letícia Peña Azevedo, sob a orientação da professora Mayra Fernanda Ferreira na Universidade do Sagrado Coração. O objetivo da pesquisa é definir quais estratégias os profissionais que atuam como correspondentes internacionais buscam para formar seu networking na realização da cobertura no determinado país. Assim, poderemos explorar suas relações com as fontes, com colegas de trabalho e se a influência do país qual o abriga interfere no seu campo de visão sobre os fatos.

Você será convidado a participar de uma entrevista, realizada via Skype. A pesquisa será de caráter qualitativo e as respostas obtidas vão compor a análise sobre a atuação do correspondente internacional. Esses resultados estarão na Monografia de Conclusão de Curso e poderão ser divulgados de modo científico em congressos.

Agradecemos a atenção e nos colocamos à disposição caso haja qualquer dúvida a respeito da participação nesta pesquisa, que tem fins exclusivamente didáticos. Da mesma forma, sinta-se à vontade para recusar a participação ou para desistir a qualquer momento e que a sua decisão não causará perda de benefícios.

Eu, _____, entendo que as informações obtidas por meio dessa pesquisa serão confidenciais. Também entendo que os registros da pesquisa estão disponíveis para revisão dos pesquisadores. As identidades serão preservadas e não serão publicadas; desta forma, consinto na publicação dos dados coletados para propósitos científicos.

Consentimento Voluntário

Eu certifico que li ou foi-me lido este texto de consentimento e entendi o conteúdo. Uma cópia deste formulário será entregue a mim. Minha assinatura demonstra que concordei livremente em participar deste estudo.

Assinatura: _____

Data: _____

Assinatura do Pesquisador:

Responsável: _____

Data: _____

Contato: USC - Rua Irmã Arminda 10-50. Telefone: (14) 2107-7255.

APÊNDICE B – Roteiro de perguntas

As perguntas deverão ser realizadas aos profissionais que estejam atualmente atuando como correspondentes internacionais em veículos de comunicações televisivos. Para tanto, as perguntas a serem realizadas estão baseadas na rotina produtiva do profissional. Assim para desenvolver as questões, nos baseamos no livro “Manual de Jornalismo” de Heródoto Barbeiro, para entender como é a rotina profissional no estrangeiro.

QUESTÕES

- a) Em relação ao processo de trabalho:
 - 1) Como é realizado a pauta? Existe alguma autonomia na decisão da mesma?
 - 2) Existe uma equipe para realizar as reportagens? Se sim, quantas pessoas?
 - 3) Como é a relação com as fontes?
 - 4) Quais notícias são mais importantes para o país sede?
 - 5) O modo de se fazer jornalismo no Brasil é diferente do que de outros países. Como essa diferença pode interferir no trabalho do correspondente?
 - 6) Como é o deadline tendo em vista o fuso horário?
 - 7) Qual seu local de trabalho? (Residencial, escritório)
 - 8) Qual a carga horária de trabalho?

- b) Em relação ao processo de interação no país estrangeiro (aspectos culturais):
 1. Qual perfil necessário para o profissional para atuar fora do país?
 2. Quais idiomas são fundamentais para atuar neste campo?
 3. Como é a relação com colegas de profissão?
 4. Como formar o networking para a realização das reportagens?
 5. Como foi a adaptação no país?
 6. Qual a visão que o jornalista deve ter sobre os assuntos internacionais?

7. Existe algum tipo de hierarquia na imprensa local? (Jornalistas nativos tem prioridade em alguns assuntos?)

APÊNDICE C – Transcrição das entrevistas

ENTREVISTA COM ARIEL

Você tem alguma autonomia no momento de produção da pauta?

Eu sempre tenho que perguntar primeiro se tem espaço para o material, é muito diferente o jornal hoje em dia. Nos anos 90, o jornal era impresso e o espaço era fisicamente limitado. Podia haver coisas interessantes, mas no resto do planeta podia haver coisas muito mais interessantes ainda. Algumas vezes, as páginas de notícias nacionais ocupavam muito espaço, já hoje em dia as notícias internas brasileiras dão espaços às internacionais especialmente desde o ano passado, mas isso é circunstancial, não é a média, houve sempre um espaço grande onde trabalhei para notícias internacionais. Trabalhei no Estadão e na GloboNews, então na TV o espaço é limitado especialmente pelas horas diferente do jornal de papel que é limitado pelas páginas que ele tem e na TV é limitado pelo horário. Então depende basicamente do espaço e da importância, das coisas mais urgentes ou menos urgentes, isso varia muito, mas é o óbvio: questões políticas, econômicas ou, por exemplo, nesse último mês questões de ordem da natureza, terremotos, furacões. Então quer dizer o âmbito da cobertura é sempre muito amplo porque não é, por exemplo, como num jornal econômico, valor econômico que se concentra mais em questões econômicas. Então num meio que não é muito específico o leque de assuntos é muito mais amplo, as prioridades são as mesmas de todo planeta, varia às vezes de país pra país, mas é basicamente o mesmo, digamos, medidas econômicas, decisões políticas. A área que eu cubro América Latina é muito ampla então é muito variado todo esse leque, e ainda vem de muito que pode ser interessante em um dia ou em outro dia. Às vezes Venezuela é muito mais interessante em um momento ou Chile, mas de repente o Peru fica interessante por conta de uma conexão com o Brasil. Desde o ano passado o Peru vem sendo muito chacoalhado por conta do escândalo da Odebrecht, então isso acaba fazendo com que o Peru interesse mais que a Argentina, por causa desse vínculo. Então varia muito dos acontecimentos de cada país, então não há uma norma específica.

Você possui equipe de reportagem?

No meu caso específico não. A GloboNews tem escritório em Londres e Nova York, o resto dos outros correspondentes todos inclusive eu, nos viramos sozinhos, não há equipe, redação nenhuma para esses outros correspondentes como o pessoal de Moscou, Madrid, Berlim. Mas essa coisa dos canais e jornais terem escritório, isso é coisa dos anos 80, 90, depois todas as estruturas começaram a ser enxugadas de forma geral. Eu comecei com a GloboNews quando ela teve início, então eu fui o primeiro correspondente da do canal aqui, então não havia um antecessor ou um escritório, até porque tem outro detalhe, é mais prático trabalhar

em casa do que num escritório, mas ai varia muito das pessoas, porque tem pessoas que não conseguem trabalhar em casa, há pessoas que se sentem angustiadas que não se concentram, mesmo morando sozinhas, tem pessoas que moram sozinhas mas precisam estar dividindo o escritório com alguém, alguém que às vezes não trabalha na mesma área, um contador, um advogado. Eu me lembro de um colega francês que dividia um escritório com um contador, mas era só pra ele de vez em quando parar e papear com a pessoa porque ele morava sozinho aqui e então ele morria de angustia de ficar sozinho no apartamento dele, mas isso durou acho que uns dois anos, porque ele viu que o custo era alto, às vezes quando ele estava voltando pra casa, que era longe, acontecia alguma coisa e ele se perguntava, volto pro escritório que é no centro ou chego em casa. Ai ele tinha que ter duas estruturas, computador em casa e computador no escritório. Não era prático pra ele, de forma geral não é prático, a não ser que a pessoa tenha algum problema de personalidade que não se adapte a essas coisas. Mas acho que de forma geral é mais prático e mais barato ter o escritório em casa, mas varia muito. Há pessoas que não conseguem trabalhar em casa, há pessoas que preferem trabalhar num bar, levam o laptop e escrevem num bar, num café, mas ai depende do poder de concentração de cada um. Mas em resumo, não tem equipe. Boa parte dos correspondentes em todo mundo hoje em dia, não tem equipe e isso mais ou menos acontece desde o final dos anos 90, a não ser em lugares que por algum motivo de necessidade maior como no caso da GloboNews em Londres e Nova York, que possuem estúdios. Ai você tem outra estrutura, mas isso varia de país pra país e de veículo de comunicação pra veículo de comunicação. E momentos econômicos também.

O modo de fazer jornalismo é diferente em outros países?

Morei em Madrid em 1993 e 1994 depois me mudei para o Brasil e depois eu vim para cá em 1995, mas o que eu vi em Madrid e o que eu vejo aqui não têm muita diferença. Há diferença no estilo jornalístico, há diferença às vezes no meio de comunicação, há diferença às vezes na qualidade de vida do jornalista, maiores salários ou menores salários, maiores pressões ou menores pressões política, perseguições, censura, violência e tal. Isso varia muito no próprio Brasil digamos, trabalha numa cidade grande e trabalhar no interior do nordeste. No interior do nordeste digamos corre muito mais riscos de levar um tiro de algum coronel do que na grande cidade. Não que na grande cidade você esteja livre disso, mas o risco é maior. Há diferenças nas estilísticas. Na Espanha você não tem muito background. As matérias entram direto no assunto. A leitura dos jornais é diária, não é como no Brasil que a pessoa lê o jornal na segunda e depois lê um jornal de novo na quarta ou na sexta, ou diariamente não lê um jornal durante a semana, prefere uma revista que resume tudo num final de semana. Então eles vão direto ao assunto, o jornalismo brasileiro precisa dar mais um background. O lead no Brasil é mais explicativo do que em outros países, então varia essas coisas. Em alguns lugares o jornalismo é mais passional como no Paraguai. Em outros países são mais sérios, mais sóbrios, mais analíticos. Em alguns lugares o negócio é mais sensacionalista, em outros menos. Então há umas pequenas variações, mas hoje em dia, digo já em algumas décadas, eu não acho que tenha tanta diferença de forma geral, você tem algumas diferenças e até grandes nesses outros pontos, na questão da segurança, na questão salarial, mas varia muito do foco do jornalismo de acordo com cada região, por exemplo, o Brasil é um país cuja imprensa volta e meia

publica muito material sobre o Japão, e por que? Porque o Brasil tem vínculos enormes com o Japão, a maior comunidade japonesa está no Brasil, os outros países da América Latina ignoram totalmente o Japão. Houve meios de comunicação brasileiros que tiveram ou têm correspondentes brasileiros que estavam ou estão no Japão. Na Argentina nunca houve, nem no México, porque o Japão não interessa. Então por exemplo os meios de comunicação da Argentina e do México e da Colômbia tem correspondentes na Espanha e por que? Espanha, mãe pátria, terra que colonizou. Os meios de comunicação brasileira quase não têm correspondentes em Portugal. Então quer dizer, há vínculos diferentes, e tem vínculos óbvios. Igual todos os veículos de comunicação importante do planeta tem que ter correspondentes em Nova York, Washington, Londres ou Paris, mas isso de forma geral. Tem meios de comunicação da Alemanha que dão enfoque colossal no mundo inteiro, mas especialmente na Europa do leste, que é uma área de influência deles, enquanto que outros países não dão a mínima. A Espanha dá muita bola pro norte da África, que é uma área de influência deles; Marrocos, Argélia. Enquanto que outros países não. Ai você vai pra Portugal e fica surpreso em ver um monte de notícias sobre a Angola e Moçambique, mas é porque eles mantêm um vínculo enorme com essas colônias até porque têm muito angolano e moçambicano morando em Portugal. Então países que para o resto do planeta não existe, mas que para alguns países por algum motivo político e geopolítico cultural tem um interesse maior, então isso varia muito de acordo com cada país, ai até na área esportiva. Então você vê esse tipo de diferenças, mas de forma geral, não é agora por causa da globalização, já nos anos 80 e 70 já havia uma padronização genérica do jornalismo, não havia tanta interferência assim.

Como é seu deadline em vista o fuso horário?

O fuso horário acaba atrapalhando quando o Brasil acaba entrando no horário de verão, porque ai você tem que acordar uma hora mais cedo ou, por exemplo, no caso da Argentina. Mas depende da peculiaridade de cada país, na Argentina, por exemplo, todos os anúncios do governo, tudo acontece muito tarde, então, por exemplo, às vezes tem anúncios aqui, seis ou sete horas na parte da noite e no Brasil no horário de verão já são sete, oito ou nove horas então já fica bem em cima do momento para entrar, por exemplo, no jornal das 6h, da GloboNews. Mas isso é porque na Argentina as coisas acontecem tarde, então complica às vezes no horário de verão no Brasil entrar com algumas notícias por causa disso. Mas o fuso horário complica basicamente por isso. Hoje em dia a importância dos sites é tão grande que assim que você manda a notícia já aparece nos sites e nos canais de TV, a não ser pelos canais de TV aberta que não têm um jornal no meio da madrugada. Mas os canais de TV a cabo de notícia continuam trabalhando de madrugada, então se acontece alguma coisa que seria no meio da madrugada no Brasil a pessoa entra normalmente. Antigamente os horários eram mais rígidos, hoje em dia é tudo mais flexível.

Como é a relação com as fontes?

As fontes de informações são de todo tipo, desde governo, analistas, agências, colegas de profissão, e basicamente estar antenado permanentemente, ou seja, a notícia não chega até você, você tem que estar antenado a tudo e estar meio agendado, sabendo que tal dia está previsto para acontecer tal coisa ou que tal situação está acontecendo em tal país. Então varia muito porque a própria vida

varia, mas de forma geral a gente tem que estar permanentemente “antenado”, não tem muita vida social. O correspondente tem que estar permanentemente, e com permanentemente eu quero dizer com os canais de notícias ligados o dia inteiro e estar olhando as notícias sempre e entrando sempre em contato com as fontes em diversos países. Os informativos formais ou informais, as agendas por exemplo. Voltar de férias sempre é um problema porque você chega e diz, “bom o que aconteceu nesse mês?”. Sempre uma semana antes de voltar trabalhar, eu deixo empilhados os jornais do mês inteiro, faço uma repassada, falo com os amigos pra ter um up-date pra ter um informativo do que aconteceu nesse mês que estive fora e aí eu volto ao trabalho. Senão não dá, porque acontece muita coisa em pouco tempo

Existe algum tipo de hierarquia em relação às entrevistas?

Se uma pessoa diz que é correspondente de um veículo americano importante dependendo do país te dão mais bola do que em outros lugares isso sim, mas aí depende de onde você está. Então o Brasil tem muito peso na América Latina, então facilita o trabalho. Eu não sei como seria se alguém do Brasil chega na Índia, ou no Quênia e tem que disputar uma entrevista com alguém da França ou dos EUA, aí talvez seja um pouco mais complicado. Mas a vantagem do Brasil aqui é que o Brasil tem muito peso na América Latina e esse peso aumentou nos últimos anos, então aí digamos ser um jornalista brasileiro não te complica tanto as coisas, o acesso é um pouco melhor, não é ser um Washington Post, mas é melhor que alguns outros. Isso varia muito. Você perde mais tempo tentando conseguir as entrevistas do que se facilitam e te dão a entrevista. Complica neste aspecto, de terminar a matéria com maior número de fontes e de dados

Qual o perfil do correspondente internacional?

Ter a mente aberta, falar os idiomas dos lugares aonde ela quer ir, estar informada, ter um ótimo background cultural de referência, mas principalmente ter a mente aberta, as coisas não funcionam como no país de origem que pode acontecer a crise econômica, aí a pessoa pode pensar “ah a crise econômica no Brasil foi assim e terminou assado”, não. Nos outros países não necessariamente crise que começou assim e terminou assado será desta maneira, depende das peculiaridades de cada país. E não é só porque são países latinos americanos que são todos iguaiszinho, são tremendamente diferentes, e aí que acontecem as mancadas das pessoas quando escrevem achando que tudo é igual ao seu país de origem. Então a pessoa tem que entender que nem tudo funciona como na sua cidade, no seu país de origem. Da forma que funciona em São Paulo não funciona da mesma forma no interior da Bahia ou em Brasília ou em Porto Alegre. As coisas funcionam de formas diferentes, então é a mesma coisa que acontece na cobertura internacional, não dá pra tirar conclusões precipitadas. E os modelos que a gente conhece no país de origem não necessariamente se reproduzem num outro país. Então, por exemplo, peronismo é uma coisa que sempre dá um nó sináptico nas pessoas que vão cobrir a Argentina, porque o peronismo é estatizante, mas também é neoliberal ao mesmo tempo, mas como? No Brasil não existe nada parecido. Aí é que tá o negócio é preciso ter mente aberta pra entender, que as coisas funcionam de forma diferente. Então acho que isso é o principal e saber isso é o que vai evitar dar mancadas.

Mancadas é uma coisa que a gente vê a granel, é aos montes na imprensa internacional quando você vê que o pessoal tira conclusões precipitadas ou não

investigaram mais o negócio ou copiaram uma informação e confundiram pessoas, enfim é um desastre. Mas isso acontece com frequência, então é por isso que é preciso estar sempre bem preparado sobre tudo para poder fazer essas coberturas, isso não depende de idade, há pessoas muito novinhas que são espetaculares e há pessoas velhas que sempre foram de mente fechada, ou o contrário. Então quer dizer, é isso, tem que estar com a mente muito aberta e estar preparado pra trabalhar sozinho.

Como é a relação com colegas de trabalho?

Isso varia muito de pessoa para pessoa, de grupo pra grupo, de país pra país e de época pra época. Então por exemplo, houve épocas que o grupo brasileiro se dava muito bem aqui e depois houve épocas que se davam muito mal, agora, por exemplo, é um momento muito bom de novo. Os espanhóis eu sempre vi que são muito separados, um grupo pra cá outro grupo pra lá, ai varia muito de acordo com cada comunidade de correspondente, e a relação que eles têm com os jornalistas locais. Grupo ou pessoas que se integram muito ou grupos e pessoas que não se integram. O maior problema não é a integração com o país que você se instala, o maior problema é se você fica numa espécie de bolha e não tem contato com as pessoas do mundo real do país onde você está. Isso é um problema, é como se você fosse morar em São Paulo como correspondente, você se instala nos jardins, mas você nunca sai do Jardins. Como o cara que vai pro Rio achando que o Brasil é o Rio de Janeiro e fica em Ipanema e acha que o Brasil é Ipanema. Não estou dizendo que a pessoa não se instale em Ipanema, estou dizendo que ela conheça o resto do Rio e o resto do Brasil. Então acho que o maior problema é esse, e isso de novo tem a ver com a mente aberta. É questão de adaptação, ai de novo o mesmo fator da mente aberta. Eu me lembro de pessoas que chegaram aqui e disseram “ah, mas não tem ciclovias aqui, eu estou tão acostumado em Brasília, um absurdo. Eu trouxe minha bike, e agora vou fazer o que? Que país atrasado”, não tem ciclovias, não tem ciclovias e ponto. Mas tem uma pilha de teatros que você não tem em São Paulo ou no Rio ou em Brasília, uma vida cultural enorme. Ai o cara daqui poderia ir embora de Buenos Aires pra São Paulo e dizer que aqui não tem a mesma qualidade de vida igual a São Paulo. Pois é, mas é o Brasil. Então, as pessoas têm que aceitar, que até porque você não está indo porque foi exilado, você está indo porque escolheu e tem que se adaptar o modo de vida por lá.

Tem aquele pessoal também “ah não tem feijão com arroz aqui”. Quantas vezes você comia feijoada por semana ou por mês no Brasil? Ai a pessoa me confessa que comia feijoada uma vez por mês, mas aqui o pessoal quer comer feijoada todo dia. Então de repente desce o santo do patriotismo que a pessoa nunca teve quando estava no Brasil, EUA ou onde for. Então, a pessoa tem que aceitar que em outros lugares falta isso ou falta aquilo; que produto x é melhor, o produto x é pior, às vezes você não tem o xampu que você queria, as pessoas têm que se adaptar a essas coisas. Para isso a pessoa foi como correspondente para outro lugar, para conhecer novos lugares

Tem pessoas que começam a se irritar com o país aonde chegaram e começam a escrever matérias furiosas sobre qualquer coisa que acontece, o pessoal perde digamos o sentido real das coisas. Eu já vi pessoas que se irritaram por algum motivo ai as matérias que a pessoa escrevia durante aquela semana, eram matérias detonando o país, tudo porque a pessoa chegou e tentou dar em cima de alguém, esse alguém não deu atenção pra pessoa e a pessoa então por uma questão sentimental não correspondida começou a achar que tudo ali não valia a

pena. Tem coisas assim, mas não é a maioria, mas existem pessoas assim. O importante é conhecer o país onde você está ou os países que você tem que cobrir, mas não se envolver politicamente ou passionadamente com o país, porque senão aí você perde a imparcialidade.

Qual a visão que o jornalista precisa ter em relação a assuntos internacionais?

Tem que ser didático e dar um bom background para que aquilo que ela esteja contando seja compreendido. Porque não são assuntos que as pessoas seguem no dia a dia como a lava-jato que todo dia você recebe uma pilha de informações.

Agora você está falando de um assunto de outros países que a pessoa não está de olho permanente, e que às vezes tem dias que não se fala. Então precisa contextualizar pra que a pessoa compreenda do que se trata este assunto e o que pode acontecer. Tem que ser explicativo, para que o leitor entenda integralmente do que a gente está falando. Eu não posso começar a contar alguma medida econômica nova sem explicar o porquê essa medida está sendo tomada. É tentar não rotular as coisas de forma categórica.

ENTREVISTA COM FELIPE BRISOLLA

Você tem alguma autonomia no momento de produção da pauta?

Não, precisa estar em consenso com a redação, mas eu tenho autonomia. Basicamente vamos dizer que agora eu começo a ler no jornal algo que me interessa; algum assunto que seja relevante. Normalmente os assuntos que eu já tenho alguma experiência e que tenha relevância e que também interesse aos meus chefes; divido com eles e eles concordam. Vou te dar um exemplo simples: estou produzindo uma pauta, outro dia estava trabalhando com um assistente aqui que participou de uma entrevista com o técnico do Palmeiras, o Cuca. Ele deu uma resposta interessante, ele falou algo de número de posses de bolas no Brasil. O técnico do Palmeiras, disse que o cálculo era mal feito e as pessoas usavam esse cálculo mal feito para criar verdades, que clubes que tem mais bolas no pé, vencem mais partidas. O Cuca disse naquela entrevista que ele acha que aquela estatística era mal feita, que tinha que levar em consideração aonde que o time tem muita bola no pé, porque se o time tem muita bola no pé na defesa não é a mesma coisa quando o time ataca e a estatística tinha que dividir isso, posse de bola quando ataca, posse de bola na defesa, enfim pra resumir eu falei “olha eu espero que ele esteja falando a verdade, a estatística é mal feita”, e a Globo, possuiu um departamento de estatística muito bom então eu voltei pra redação e conversei com eles pra ver como eles poderiam me ajudar nisso. Eu ouvi de uma pessoa que estava na entrevista (eu não estava na entrevista). Depois eu assisti a entrevista e vi que ele tinha de fato falado isso. E aí contextualizando com o departamento que é muito bom, eles também acharam interessante a idéia e a gente desenvolveu a pauta neste dia, e conversei com meu chefe e ele também achou interessante. Pra você ver que eu também tenho autonomia, eu posso ir atrás. Se reparo que há uma alta incidência de atletas de alto rendimento que estão tendo câncer, se eu falar para meu chefe de tal matéria, comprovando os dados, normalmente eles irão concordar com a idéia que eu apresente também. Então de uma forma geral eu tenho autonomia, é claro que outros assuntos que são mais complexos eu preciso

negociar mais, dar mais tempo. De uma forma geral eu tenho uma autonomia muito boa eu posso falar e praticamente tudo o que está na minha área.

Você possui equipe de reportagem?

Não. O SporTV hoje tem três áreas de correspondentes, três nichos que são mais fortes de correspondentes. Nova York, Londres e Paris, o Neymar mudou para Paris então o correspondente que estava em Lisboa foi para Paris. Nestas três praças nós temos estrutura; então tinha um câmera comigo sempre, meu repórter cinematográfico, eu tinha um produtor que me ajudava a produzir as pautas e eu ainda tinha uma produtora para o administrativo que viabilizava bases de logísticas. Eu tenho uma estrutura, mas eu nunca trabalhava sozinho, eu tenho uma editora internacional no Rio de Janeiro que então todas as idéias que a gente tinha lá, eu tinha que ver se eles aprovavam. Então eu não sou totalmente independente, eu tenho que dialogar com essa equipe toda de editoria internacional, mas o diálogo é simples e normalmente as pautas quase sempre são todas aprovadas, a única coisa que muda é quando algumas geram um custo. Então, por exemplo, eu estava lá eu dei uma idéia de pauta na Islândia, é uma idéia mais cara (passagem pra todo mundo) ai precisa ser aprovado. Então a editora internacional quando gosta, ela repassa pra diretora pra ver se a diretoria aprova. Algumas dessas pautas foram aprovadas na Islândia e a gente foi. Algumas nem tanto, já aconteceu de pautas não serem aprovadas, às vezes por questão editorial de achar que não era bom tratar o assunto ou às vezes por questões financeiras.

Como é a relação com as fontes?

Aqui no Brasil o trabalho é mais direto com a fonte. Hoje em dia as instituições estão muito bem organizadas com assessores de imprensa, então normalmente a primeira abordagem é com o assessor pra pegar as informações oficiais, além disso, a gente tenta de alguma forma encontrar outras pessoas que estão envolvidas no processo que possam dar depoimentos diferentes.

No Brasil isso é mais fácil, fora também acontece, mas a gente depende mais de agencia porque não tem como eu ter uma presença em vários países do mundo, mas quando o assunto é muito íntimo; vou pegar um exemplo, a FIFA é sediado na Suíça. Para a suíça eu fui muitas vezes nesses dois anos que fui correspondente em Londres. AFIFA tem uma assessoria de imprensa, mas lá eu estava sempre em contato com fontes, então às vezes conversando com dirigentes da FIFA fora da confederação americana de futebol. Então tenho contatos com fontes sim, mas lá fora é mais complicado, no Brasil é maior o contato.

Qual a visão que o jornalista precisa ter em relação a assuntos internacionais?

Infelizmente o Brasil é um país muito ligado ao futebol. Eu falo infelizmente porque por causa da alta busca do futebol, nosso conteúdo acaba sendo muito ligado apenas ao futebol o que é ruim. Se a gente pudesse colocar mais coisas sobre o esporte seria mais interessante para a sociedade como um todo, mas por outro lado para ser social e pra não ser operar em vermelho, precisamos obter lucros ai óbvio que o futebol traz mais repertório. É uma balança complicada de gerenciar, mas é claro que o futebol é o que da mais audiência, os derivados do futebol como futsal. Então a gente sai muito da cultura do futebol. Por exemplo, uma situação nas olimpíadas de inverno, eu fiz matéria sobre igreja, da cultura ortodoxia, outro

colega meu fez sobre a lei anti gay dos russos que é super complexa, ou seja, não são apenas matérias ligadas ao futebol, mas que tragam história. Então são assuntos que também trazem informações sobre essa cultura dos russos, sobre a economia, sobre a questão da religião e por assim vai.

O modo de fazer jornalismo é diferente em outros países?

Na essência o jornalismo é igual no mundo inteiro, mas na prática não é, e acaba esbarrando. Então, em alguns países as pessoas são mais fechadas, no Brasil você tem muito acesso às pessoas, você consegue conversar às vezes com um político com um dirigente mesmo que a instituição dele não fale com você. Lá fora é mais difícil. Com o inglês, por exemplo, se eu tentar fazer uma matéria sobre o governo britânico será muito complicado pra mim. Com pouco tempo de reino unido falar com um político do governo por fora será muito difícil, porque ele respeita mais a instituição. Ele vai falar não, você precisa falar com a assessoria de imprensa.

No Brasil os políticos falam muito, tem o exemplo bem claro da lava jato. Antes mesmo de sair a operação tinha equipes de reportagem aguardando na casa das pessoas que seriam presas para fazer imagens. Isso lá é mais difícil, cada país é diferente. Você vai pra um país asiático, mais difícil. Eles são bem mais fechado, no Japão essa relação é mais fechada ainda, na Rússia as pessoas não estão abertas. Você parar uma pessoa na rua a chance dele te dar uma resposta é muito pequena. Eu tentei algumas vezes e eu recebi a mesma resposta “ah não o time é maravilhoso, a copa do mundo aqui vai ser perfeita, vai dar tudo certo”, no Brasil o contrário, as pessoas que você parava na rua; tinha pessoas que estavam felizes, mas a chance de encontrar uma pessoa falando “nossa um absurdo, um gasto de dinheiro público desnecessário” era muito mais fácil. Então em alguns países as pessoas são muito fechadas, o brasileiro é bem diferente. Em outros países às vezes é porque ela tem medo, ou porque respeita a instituição, então tem diferenças sim.

Como é seu deadline em vista o fuso horário?

É curioso porque troca a rotina. Às vezes você vai dormir tardiamente e vai acordar mais tarde, você vai trocar um pouco a tua rotina pra poder se adequar ao horário do Brasil. Como correspondente eu trabalhava adequado ao horário do Brasil. Existe um bom senso nas extremidades, na manhã e a noite, mas em geral eu trabalhava mais a na parte da tarde sim. Bater com a manhã daqui e batia com a tarde no Brasil. Outro exemplo bom, o jogo começa às 8h da noite e acaba às 10h. Quando for 10h da noite lá vão ser 6h da tarde aqui, então vai ser bastante tempo pra escrever a matéria pra enviar para o jornal. Todas as coisas que eu cubro de manhã eu tenho mais tempo para sentar e fazer com calma. Nos EUA é mais complicado para quem está lá tem menos tempo para escrever. Isso interfere completamente na forma de trabalhar.

Normalmente eu tenho duas possibilidades, como o SporTV tem uma boa estrutura, não é a realidade em todo mundo, eu pré edito no premier oss melhores momentos do dia com um resumo e depois eu gravo o meu off. Na emergência eu mando de forma bruta, com calma dá pra editar.

Em Londres a gente tinha um escritório bem montado. Londres e Nova York têm essa possibilidade, Paris não tem então, as pessoas têm que trabalhar em casa. Isso varia muito, mas normalmente os correspondentes trabalham mais em casa mesmo. A estrutura seria o que: os jornais, telefone celular e TV a cabo e a internet, com esses elementos as pessoas podem trabalhar.

Varia muito do perfil de cada um, mas eu gosto de ter um escritório, eu acho muito bom quando a empresa possui um escritório. Porque eu acho que a pessoa quando trabalho de casa, isso não impedia eu de trabalhar em de casa, mas eu acho que quando você tem uma estrutura física fica mais fácil de organizar, fica mais profissional, ai sua filha não aparece atrás de você quando está fazendo uma entrada ao vivo. Acho que o trabalho fica com cara de trabalho, a pessoa está no escritório pra trabalhar, em casa eu acho, pelo meu perfil, que eu não teria o mesmo foco quando eu estou na empresa.

Varia de acordo com a demanda, normalmente, eu já tenho os temas que quero trabalhar, então posso ir trabalhando aos poucos, se eu acordo e o noticiário está muito fraco, não tem muito factual ai eu trabalho dentro do que já tinha planejado. Vai de acordo com que o noticiário irá precisar. Se tiver muito factual eu entro mais ao vivo e faço pouca matéria.

Qual o perfil do correspondente internacional?

Conhecimento de idiomas é muito importante, não necessariamente que a pessoa tenha que falar mais que dois idiomas. Eu acredito que em países que falam inglês você tem que falar inglês, se não falar você não vai ser um correspondente, não vai conseguir entender a cultura local. Então acho que no mínimo tem que ter um inglês muito avançado. Apesar de que o inglês é tão universal hoje que o até o correspondente que está na Espanha precisa saber se comunicar. Quanto mais idiomas, faz mais diferença. Outra coisa é a cabeça da pessoa, o correspondente precisa ter a visão muito ampla, não deixar que os gostos pessoais interfiram no momento em que precisa cobrir algum evento.

Primeira dificuldade é que no Brasil as coisas mais abertas. As pessoas são mais acessíveis, você tem acesso de uma forma mais fácil. Se eu chego atrasado, no Brasil em uma entrevista em coletiva, talvez eu ainda consiga que o entrevistado me responda algumas perguntas no fim. Em outros países isso não acontece, em todos os países que eu estive presente isso não acontece. A relação é muito diferente, e o correspondente sofre porque se a fonte falar não é não, o assessor de imprensa não dá jeito. Se você atrasar vai te dar uma bronca, qualquer coisa que você pedir fora do que foi combinado, ele vai dizer que isso não foi combinado, isso aconteceu várias vezes lá. Eles são muito sistemáticos. Resumindo é uma forma muito mais responsável e organizada com seus prazos que aqui no Brasil, porque aqui no Brasil a gente conversa, é mais maleável.

A cultura é determinante para você não interpretar fatos errados. Faz muita diferença, não adianta, quando eu tentei falar com as pessoas na Rússia sobre o que eles estavam achando da copa, conversei com cinco ou seis pessoas, todos eles falaram que a copa é linda e maravilhosa. Eu não peguei o microfone e entrei falando que a copa é um sucesso, fui perguntando para quem conhecia mais tempo. Como meu tradutor, meu motorista, o cara do hotel, a gente se vira com que temos na hora. E o que eles falavam era “tem restrição a copa aqui sim, só que elas não se sentem a vontade de falar no microfone pra você porque elas não te conhecem, se você for a casa delas, uma pessoa confiável, com certeza elas vão

se abrir”. Então quando eu fiz ao vivo, falando “Olha conversei com cinco pessoas e elas disseram que a copa vai estar linda e maravilhosa, mas o pessoal explicou que na verdade existem críticas”, diferente do que a gente tinha no Brasil antes de 2014. Então é determinante, por isso que quando o jornalista muda para algum país ele precisa ler livros, ter convivência e entender a diferença na sociedade.

Como é a relação com colegas de trabalho?

É boa, a relação é boa. A gente tem uma compaixão entre os correspondentes, porque todos vivem basicamente a mesma coisa, mas trabalhando com uma camisa diferente. De uma forma geral existe sempre uma ajuda, informações são compartilhadas abertamente, existe uma união muito forte. É claro que sempre tem alguém que prefere trabalhar sozinho, mas de uma forma geral todos se ajudam.

Existe algum tipo de hierarquia em relação às entrevistas?

Sim, a imprensa do país é quem tem prioridade, e depois vem escolha de cara pelos grandes veículos, nós aqui no SporTV no Brasil temos uma condição favorável. Lá fora já muda, não somos prioridades para quase ninguém. Como na França eles vão dar prioridade para veículos franceses depois para os grandes veículos, Skynews, BBC. Enfim as grandes e aí depois eles começam México, Brasil. Então existe sim uma de esperar a nossa vez.

Eu acho que o estrangeiro nunca vai conseguir em curto prazo se inserir numa cultura local, eu verdadeiramente acho muito difícil, falando em países organizados, acho que essa diferença cultural impede. Eu fiquei lá dois anos e não me senti totalmente inserido na cultura dos ingleses, porque isso leva a tempo. Mas por outro lado o que pode ter mudado, é que com a globalização, com a internet com a informação trafegando mais rápido, hoje existem mais viabilidade para assuntos profissionais. É bem mais tranquilo estar neste formato atual. O jornalista tem que olhar para qual a linha editorial é do meio a qual ele trabalha. Porque eu posso ter muitas idéias e não serem aplicadas. A visão tem que ser muito objetivo e alinhada com o que o jornal dele pede.

EMTREVISTA COM FERNANDO KÁLLAS

Qual o perfil do correspondente internacional?

O perfil do correspondente internacional está mudando nos últimos anos, principalmente por conta das novas tecnologias, e com a falta de dinheiro dos veículos de comunicação. Nos anos 80, a Globo pagava o alfaiate para fazer o armário todo deles durante o ano inteiro. Isso nos anos 80, hoje em dia é o contrário, e já está para acabar o que é televisão, o que é internet, TV a cabo, tudo será a mesma coisa.

É aquele negócio, o mundo mudou. No meu caso é um pouco diferente, eu virei correspondente por acaso. Em 2005 eu fui fazer um mestrado no Líbano e, mataram o primeiro ministro e acabou que eu tinha um amigo que estava na BBC em Londres. Ele me ligou e então eu comecei a colaborar com a BBC. Colaboro com a BBC até hoje e é o mesmo caso com o SporTV. Eu moro na Espanha e eu mando material pro SporTV, eu produzo material daqui.

Inclusive antes o correspondente internacional era um prêmio, era o Maximo do jornalista e hoje em dia é o contrario, tem muita gente que termina a faculdade sem experiência e vira correspondente porque estava no lugar certo, na hora certa. O perfil do correspondente internacional está mudando muito. E grande maioria é *freelance*. A vida do correspondente internacional hoje em dia, é uma vida de correr atrás o tempo todo, sem saber se você vai ter matéria, sem saber se a matéria que você está buscando vai ser comprada. É uma vida dura, por isso a grande maioria são pessoas jovens e solteiras.

Quando você é jornalista você tem que dominar o idioma. Eu demorei 5 anos, e ainda hoje mesmo trabalhando num veiculo espanhol eu demoro três vezes mais pra escrever um texto do que um colega espanhol e, ainda assim meus textos precisam passar por uma edição extra.

Você tem alguma autonomia no momento de produção da pauta?

A BBC quando tem noticias, algumas vezes eles me falam “olha Fernando, semana que vem vai ter o FHC em Madrid, tenta fazer entrevista com ele” ai eu vou atrás, mas agora a grande maioria, você propõe. Por exemplo, essa semana vai ter uma manifestação da falange espanhola, que é o antigo partido fascista, e uma vez por ano eles fazem uma manifestação, e vai ter boas imagens então você propõe como quer fazer. Antes, quando comecei na BBC na época de 2005, você só tinha opção de fazer texto, porque era uma agencia que dava matérias pros jornais brasileiros que não tinham correspondentes nos países que aconteciam essas noticias. Hoje em dia não, hoje eu posso, inclusive sugerir pauta pra rede social, por exemplo, vai ter uma manifestação e poxa vai ter o pessoal vestido de suástica, e acho que da pra fazer uma galeria boa pra Facebook e os caras concordam e topam fazer.

Você possui equipe de reportagem?

O novo correspondente tem que fazer tudo. Tem que editar, que filmar, tem que fazer tudo. Não tem equipe, a equipe é você. Eu tenho uma câmera, um tripé, faço as imagens, a captação de áudio. Não tem equipe

Como é a relação com as fontes?

O jornalista se faz de rua. A fonte você só faz trabalhando, é um tempo, e é muito fácil perder uma fonte, principalmente quem trabalha com futebol. O jogador troca de celular o tempo todo, então o mais importa é manter a fonte. É estar onde essas pessoas estão, é algo que demora e dá trabalho, mas é gratificante porque tão importante ter as fontes suas é importante saber usar a fonte dos outros.

Como é a relação com colegas de trabalho?

Jornalista não chama o outro de colega à toa. É muito importante e isso eu falo sempre, é muito importante você dividir, compartilhar suas fontes com seus colegas. Entre ontem e hoje, por exemplo, troquei fontes com 4 colegas diferentes. Os colegas do Brasil me pedem de repente o contato de um jogador espanhol de um clube espanhol e eu sempre peço contato de jogador brasileiro. Então é muito importante isso porque não adianta, se você for guardando fonte, um dia vai precisar e ninguém irá te ajudar. Não é questão de cordialidade, no trabalho em campo tem que ajudar seus amigos. Normalmente você está fazendo sozinho, a cobertura da copa do mundo ou olimpíada. Você não pode estar em três lugares ao mesmo tempo. Então de repente tem q ir entrevistar uma fonte sua, e ao mesmo tempo o treinador está na coletiva de imprensa. Quantas vezes eu não peguei ou

dei meu bloquinho de uma coletiva pra algum colega, que tive q dar porque ele estava fazendo alguma outra coisa. Então é assim, e colega, não importa o meio, quem é concorrente são os diretores, são os donos da empresa. O que eu já ajudei colega de concorrente e colega de concorrente já me ajudou em campo, não interessa. A concorrência fica pra área econômica ou de marketing, entre colegas não existe concorrência.

O modo de fazer jornalismo é diferente em outros países?

Muda porque você não está na redação. O trabalho de correspondente tem que ter certa disciplina principalmente quando freelance. Você não tem equipe. Se você esta na redação no Brasil, sai com motorista, com câmera, com assistente técnico de som, e aqui você está sozinho, não tem comodidade da redação, e muitas vezes está sozinho onde não conhece, onde a cultura é diferente, onde as pessoas se relacionam diferente.

Como é seu deadline em vista o fuso horário?

O deadline difere pra cada meio, mas eu nunca tive “entre aspas” deadline hoje em dia por conta da internet. Mas posso dizer pelas minhas experiências de coberturas de grandes eventos, em copa do mundo, olimpíada eventos internacionais, dependendo do local onde você está é complicado. Na copa quando está nas Américas é muito difícil porque o dia amanhece 6 horas antes nos EUA, ou 6h depois. Ou seja, ainda não teve coletiva de imprensa, , e de vez em quando você tem que se virar pra tentar achar noticia um dia antes ou seguinte, então é bem complicado.

Depende do meio, depende da pressa que você tem. Se você está fazendo uma cobertura de um evento, ou se é uma reportagem. Com a BBC a diferença é o preço, se manda o material pronto você ganha mais e se você mandar material bruto você ganha menos.

Existe algum tipo de hierarquia em relação às entrevistas?

Isso não tem mais, se está em coletiva todo mundo tem direito de fazer pergunta e todo mundo recebe resposta, então nunca fui discriminado por ser brasileiro. O que existe é meio, então se você trabalha (claro mas isso é em qualquer lugar do mundo) se você no Brasil trabalha pra Globo e outro jornalista trabalha pra Rede TV, a probabilidade que a globo consiga a entrevista é muito maior do que o cara da Rede TV, mas isso é no mundo inteiro. você trabalhar no The New York Times chegar ao presidente dos EUA é muito mais fácil do que se você trabalha, no Washington Post por exemplo. Isso não é por nacionalidade. Não adianta, os meios de comunicação que são maiores são mais potentes. Mas muitas vezes o que acontece é você manter suas fontes. Por isso é necessário ter confiança em suas fontes. O que acontece muito são os meios de internet ser ultra-especializados. Nos EUA hoje existe um meio de comunicação que fizeram um site que editores chefes e repórter de vinte e trinta anos. Uma equipe super reduzidas que saíram de um meio e abriram um site, mas como são caras que trabalharam vinte anos cobrindo um mesmo time, acaba que o meio de comunicação já não são a marca, a marca são eles. Chega um momento em que você passa a ter sua própria marca. Tem gente q é assim, você pode estar no meio de comunicação que quiser que irá levar suas fontes contigo.

Qual a visão que o jornalista precisa ter em relação a assuntos internacionais?

Muitas vezes você tem que ser didático, tem que explicar o que é. Você não vai contar uma história na Espanha da mesma maneira para um brasileiro. Por exemplo, se for falar do partido político tem que explicar qual é a ideologia do partido e qual é o passado, como é que ele ganhou, tem que ser muito didático e menos profundo. A preocupação, por exemplo, do caso da Catalunha aqui na Espanha, pro espanhol é totalmente diferente pro brasileiro. Para o brasileiro você tem que explicar o que está acontecendo, no Brasil será muito mais a fundo histórico sobre o porquê a crise chegou a esse ponto do que falando de nomes de políticos. Brasileiro não vai querer saber se fulano está envolvido ou falou isso ou falou aquilo, é algo mais global, tem que explicar o que está acontecendo, o brasileiro quer saber o que tá acontecendo hoje, se vai ter independência ou não vai.

Jornalista é jornalista, formação do jornalista é rua. Tem que ser culto é claro, tem que ler. Mas eu sou contra a faculdade de jornalismo, acho que a faculdade de jornalismo tinha que ser um mestrado, uma pós-graduação. Eu aprendi jornalismo muito mais no mestrado que eu fiz do que na faculdade. Acho que o jornalista depende do que for cobrir. Eu tenho colega que é um dos caras mais brilhantes que eu trabalhei aqui na Espanha e ele é economista, e escreve de economia e política muito bem e ele fez mestrado de jornalismo no El País comigo. O jornalismo você aprende fazendo, aprende na rua, parte prática. Ser jornalista é ser repórter, é aprender a lidar com pessoas, e a cultura.

Tem que estar informado, ler livros, entender de literatura. No mestrado em jornalismo que eu fiz que, mestrado El País, uma vez por semana a gente tinha que ficar o dia inteiro no fórum. Lá você tinha que ir pra uma sala pra outra ver o que estava sendo julgado e tinha que voltar com uma notícia. Eu achava fantástico. Todo cursos de humanas, história, literatura, letras.

Não, o problema no internacional no Brasil é que você tem um país gigante, continental. É um país que acontece tanta coisa todo dia que o factual come tudo. O que é notícia? Por isso existe a disciplina teorias da comunicação nos cursos de jornalismo. Teorias da comunicação é uma matéria muito importante, provavelmente a matéria mais importante da faculdade de jornalismo e é a matéria que ninguém dá valor. Tinha que ter teorias da comunicação todos os dias na faculdade de jornalismo, porque são perguntas transcendentais, mas são perguntas muito importantes. Quando você entra pra uma redação dentro de uma reunião de pauta você tem que saber o que é uma notícia. Notícia pra mim é o que afeta diretamente a vida da pessoa que está lendo ou vendo esta notícia. Você entra na redação e têm quinze matérias, dessas quinze matérias você sabe que sete no mínimo são coisas que vão acontecer no dia seguinte. Metade do jornal você sabe que vai ser factual, porque são coisas que tem a ver com a vida da pessoa. O pessoal que mora em São Paulo está preocupado com o que? Com segurança, com infra-estrutura, mas ao mesmo tempo também está preocupado com São Paulo, Palmeiras, Corinthians, porque faz parte da vida dessa pessoa. Também tem gente que não gosta de futebol e que no final de semana ele quer ir andar no Ibirapuera e quer saber se vai ter lá um evento pra levar as crianças. Tudo isso faz parte da vida da pessoa e tudo isso tem que estar no noticiário local, mas, por exemplo, eu também trabalhei numa filiada da Globo no interior, então pra mim o maior contraste era sair numa reunião de pauta que durava vinte minutos

porque era muito fácil porque tem milhões de coisas acontecendo, aí quando você vai pra um jornal em Bauru ou no interior do Rio que você tem os mesmo vinte minutos e nada acontece. Por isso que a Globo é a maior escola de jornalismo, porque ela manda jornalista tempo inteiro, está rodando repórter. No interior é onde você cria e vê as pessoas com maior criatividade porque você não tem a comodidade de chegar na redação no outro dia de manhã no Rio de Janeiro e perguntar o que tem pra fazer “a você vai lá pra favela porque teve tiroteio, ah beleza”, não. Chega a Bauru ou chega onde eu trabalhei que era a TV do interior do Rio de Janeiro e você fala “cara o que eu vou fazer hoje?” Você tem 45 minutos que tem um ou dois factuais, então é que vem a criatividade.

Tem que criar notícia, quando você mora no interior e está andando na rua e vê um buraco no meio da rua “Oi? Esse buraco está a quanto tempo na rua?” aí você para o carro e bate na frente da casa da vizinha e pergunta quanto tempo tem aquele buraco “ah duas semanas”, “pois é semana passada caiu aqui uma criança, quebrou o braço e ela tá no hospital” aí você vai usar isso no Tem Notícias, porque o cara que mora nesta rua deve estar desesperado porque arrebentou a suspensão do carro umas cinco vezes. Então o que afeta a vida do brasileiro em notícia internacional? Atentado terrorista? Será que um dia vai chegar ao Brasil? Poxa estão morrendo 300 pessoas na Somália, esta semana, que loucura, ninguém fala nada. E tem o lado pessoal “poxa vida, que drama dessas pessoas”. Essa pessoa tem que saber o que está acontecendo é o mundo onde ela vive. Ela tem que saber, por exemplo, que Barcelona já não seja mais parte da Espanha. Onde jogou Neymar, vai acabar Real Madrid e Barcelona. Então internacional é um pouco mais isso: é filtrar o que a pessoa que está assistindo ao teu jornal precisa saber, mas algo que vai influenciar a vida dela.

O jornal nacional tem um bloco de internacional, o que elas precisam saber o que está acontecendo no mundo? Na Áustria o neonazismo ganhou as eleições semana passada, pode estar aparecendo um novo Hitler, então tem que saber. O prefeito de uma cidade que vai ser sede na próxima copa do mundo falou na televisão na Rússia pedindo pra população da cidade dele não bater nos turistas. Isso é notícia.

ANEXO A – Parecer Consubstanciado do CEP

UNIVERSIDADE DO SAGRADO
CORAÇÃO



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Um estudo sobre a adaptação e a rotina profissional de correspondentes internacionais na TV.

Pesquisador: Mayra Fernanda Ferreira

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 66025417.2.0000.5502

Instituição Proponente: Universidade do Sagrado Coração - Bauru - SP

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.996.175

Apresentação do Projeto:

Está adequado precisando de alguns ajustes.

Objetivo da Pesquisa:

Entender quais estratégias os repórteres buscam para se adaptar na realidade do país sem perder o foco em sua rotina jornalística e sua audiência no país sede. Explorar suas relações com as fontes, com colegas de trabalho e se há influência do país que o abriga no seu campo de visão sobre os fatos e analisar como correspondentes internacionais montam sua rotina profissional que difere de país para país. Para isso serão realizadas entrevistas, via SKYPE, com 12 correspondentes internacionais que atuam no grupo Globo - Rede Globo e Globo News.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos são praticamente inexistentes e os benefícios se relacionam ao conhecimento sobre o tema

proposto.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Realizar os ajustes:

1- NO texto: As ferramentas para captar informações sobre o assunto será através de entrevistas em profundidade, realizadas no mínimo com 12 profissionais da área, identificando assim seu

Endereço: Pró-Reitoria de Pesquisa e Pos-Graduação
Bairro: Rua Irmã Arminda Nº 10-50 **CEP:** 17.011-160
UF: SP **Município:** BAURU
Telefone: (14)2107-7051 **E-mail:** comiteedeeticadahumanos@usc.br

Página 01 de 03

UNIVERSIDADE DO SAGRADO
CORACÃO



Continuação do Parecer: 1.996.175

perfil e modo de atuação (APÊNDICE A) - Na verdade o Apêndice A é o TCLE, portanto não corresponde a esta descrição.

2- No texto: Desta forma poderemos realizar uma comparação diante das entrevistas realizadas que serão separadas em duas categorias: em relação ao processo de trabalho e processo de interação no país estrangeiro (APÊNDICE C) - corrigir para Apêndice B

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Apresentou TCLE

Recomendações:

Realizar os ajustes apontados no item comentários.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Os ajustes necessários não impedem a aprovação deste projeto.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_885605.pdf	30/03/2017 15:14:23		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_ok.docx	30/03/2017 15:13:15	Mayra Fernanda Ferreira	Aceito
Folha de Rosto	FOLHA.pdf	21/03/2017 17:07:20	Mayra Fernanda Ferreira	Aceito
Outros	PERGUNTAS.docx	20/03/2017 21:37:37	Mayra Fernanda Ferreira	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMO.docx	20/03/2017 21:37:24	Mayra Fernanda Ferreira	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Pró-Reitoria de Pesquisa e Pos-Graduação
Bairro: Rua Irmã Arminda Nº 10-50 **CEP:** 17.011-160
UF: SP **Município:** BAURU
Telefone: (14)2107-7051 **E-mail:** comitedeeticadehumanos@usc.br

Página 02 de 03

UNIVERSIDADE DO SAGRADO
CORAÇÃO



Continuação do Parecer: 1.996.175

BAURU, 03 de Abril de 2017

Assinado por:
Marcos da Cunha Lopes Virmond
(Coordenador)

Endereço: Pró-Reitoria de Pesquisa e Pos-Graduação
Bairro: Rua Irmã Arminda Nº 10-50 **CEP:** 17.011-160
UF: SP **Município:** BAURU
Telefone: (14)2107-7051 **E-mail:** comitedeeticadehumanos@usc.br

Página 03 de 03